

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ENGENHARIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AMBIENTE CONSTRUÍDO

Janaina Mendes de Castro

**Análise dos espaços geométricos e espaços vitais em conjuntos de
Habitação de Interesse Social como fatores intrínsecos do espaço
vivenciado: estudo no Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho, Juiz de Fora –
MG.**

Juiz de Fora
2022

Janaina Mendes de Castro

Análise dos espaços geométricos e espaços vitais em conjuntos de Habitação de Interesse Social como fatores intrínsecos do espaço vivenciado: estudo no Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho, Juiz de Fora – MG.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído. Área de concentração: Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. José Gustavo Francis Abdalla

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Letícia Maria de Araújo Zambrano

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mendes de Castro, Janaina.

Análise dos espaços geométricos e espaços vitais em conjuntos de Habitação de Interesse Social como fatores intrínsecos do espaço vivenciado : estudo no Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho, Juiz de Fora – MG. / Janaina Mendes de Castro. -- 2022.

198 p.

Orientadora: José Gustavo Francis Abdalla

Coorientadora: Leticia Maria de Araújo Zambrano

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Engenharia. Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, 2022.

1. Habitação de Interesse Social. 2. Identidade de Lugar. 3. Arquitetura. 4. Ecologia Humana. I. Francis Abdalla, José Gustavo, orient. II. de Araújo Zambrano, Leticia Maria, coorient. III. Título.

Janaina Mendes de Castro

Análise dos espaços geométricos e espaços vitais em conjuntos de Habitação de Interesse Social como fatores intrínsecos do espaço vivenciado: estudo no Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho, Juiz de Fora – MG.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ambiente Construído. Área de concentração: Arquitetura e Urbanismo.

Aprovada em (dia) de (mês) de (ano)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gustavo Francis Abdalla - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Letícia Maria de Araújo Zambrano - Coorientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Frederico Braidia Rodrigues de Paula
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a. Dr^a. Janaína Sara Lawall
Faculdade Metodista Granbery

Dedico este trabalho à minha mãe Jane, por ter lutado comigo e que sem o seu apoio, confiança, suporte e dedicação não estaria realizando mais um sonho. Ao meu pai, José Carlos (para sempre em meu coração), por me iluminar. Espero que suas mãos sempre me alcancem e que sua luz seja sempre a estrela a me guiar. Aos meus queridos pais, cujo empenho em me educar sempre veio em primeiro lugar, aqui estão os resultados dos seus esforços, obrigada!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e por me possibilitar realizar tantos sonhos. Obrigada por me permitir errar, aprender e crescer, por Sua eterna compreensão e tolerância, por Seu infinito amor, pela Sua orientação que não me permitiu desistir e por Sua luz que me concedeu forças durante essa trajetória.

Agradeço à minha mãe Jane, por ser minha maior inspiração e meu porto seguro. Graças ao seu apoio, dedicação diária, confiança e amor, não estaria realizando mais esse sonho. Ao meu pai, José Carlos (para sempre em meu coração), pelos ensinamentos que levarei por toda vida. À minha família, pelos inúmeros incentivos e motivações durante todos os momentos do mestrado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Gustavo Francis Abdalla, pelas orientações ao longo do trabalho, ensinamentos, paciência, suporte, constante estímulo à pesquisa, dedicação e compreensão das minhas dificuldades em realizar este trabalho, principalmente no momento mais difícil que foi neste período de pandemia. Por ter me conduzido à um novo universo de conhecimento, minha especial admiração e gratidão.

A minha coorientadora, Prof^ª. Dr^ª. Letícia Maria de Araújo Zambrano, por me receber como orientanda, e prontamente me ajudar no desenvolvimento da dissertação com a disponibilização dos dados das Pesquisas do Projeto de Extensão Universitária, 2014 e 2016, para que minha pesquisa pudesse dar sequência no período de pandemia. Minha gratidão por sua sensibilidade, disponibilidade em me ajudar, orientar e pelos pertinentes conselhos dados sempre que a procurei.

Aos funcionários e professores do PROAC/UFJF e FAU/UFJF, que sempre me deram o suporte necessário. Aos membros das bancas examinadoras, Prof. Dr. Frederico Braidá Rodrigues de Paula e Prof^ª. Dr^ª. Janaína Sara Lawall, pela disponibilidade e contribuições.

As pesquisadoras Daniella Fonseca Zanotti Ongaro, Isabela Canônico Lopes, Carla Bernardes de Rezende e Amanda Ribeiro Magalhães, pelas contribuições para o desenvolvimento do trabalho com suas pesquisas de referências.

A CAPES, FAPEMIG e à UFJF pelo apoio financeiro e institucional, contribuindo para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos os amigos que mesmo com a distância, sempre se fizeram presentes na minha vida. Vocês também contribuíram para a o desenvolvimento da pesquisa, muito obrigada pelo companheirismo, apoio e amizade incondicional!

RESUMO

Os empreendimentos de Habitação de Interesse Social têm sido alvo de diversos estudos realizados no meio acadêmico. Em uma ampla visão, a procura por melhores resultados nesses empreendimentos, além de proporcionar benefícios aos seus usuários, também aponta melhorias para a sociedade. No processo de interação entre pessoa-ambiente, o espaço físico resulta em um lugar significativo para o indivíduo, isso é determinado pelo tipo de relação e emoção que o indivíduo pode estabelecer com o espaço físico.

O objetivo da presente pesquisa é buscar uma possível compreensão das espacialidades dos lugares projetados para Habitação de Interesse Social. Pressuposto a isto, estão as diferenças entre entender a consciência do morador no lugar objetivo e a existência subjetiva em meio aos objetos posicionados que contribuem para a identificação de lugares. Um é dado pela própria identidade de lugar do lugar e outro pela identidade de lugar do sujeito sobre o lugar.

Com o suporte ambiental da estrutura proposta no modelo de desenvolvimento ecológico proposto por Bronfenbrenner (1977 e 1996), a pesquisa procedeu uma caracterização físico-espacial de unidades habitacionais em conjuntos residenciais por meio das atividades molares de seus moradores. A investigação é uma pesquisa exploratória e utiliza alguns conceitos da Psicologia Ambiental para abordar a identidade de lugar dos moradores das Habitações de Interesse Social. Além disso, tratará das espacialidades da arquitetura e urbanismo, tanto o ambiente físico, quanto aspectos do ambiente social dos moradores. O levantamento de dados da pesquisa será realizado a partir de uma abordagem documental e empírica, com a organização das informações técnicas, utilizando-se de plantas de arquitetura e urbanismo (pesquisadas por meio de levantamentos de arquivos oficiais do município e dados secundários), imagens do local e dados coletados através das pesquisas de referência (onde foram realizados questionários estruturados, entrevistas, walkthrough, e outros métodos).

Palavras-chave: Habitação de Interesse Social; Identidade de Lugar; Arquitetura; Ecologia Humana.

ABSTRACT

Social Interest Housing projects have been the subject of several studies carried out in the academic environment. In a broad view, the search for better results in these enterprises, in addition to providing benefits to their users, also points to improvements for society. In the process of person-environment interaction, the physical space results in a significant place for the individual, this is determined by the type of relationship and emotion that the individual can establish with the physical space.

The objective of the present research is to seek a possible understanding of the spatiality of the places designed for Housing of Social Interest. Assuming this, there are the differences between understanding the resident's consciousness in the objective place and the subjective existence in the midst of positioned objects that contribute to the identification of places. One is given by the place identity of the place and the other by the place identity of the subject on the place.

With the environmental support of the structure proposed in the ecological development model proposed by Bronfenbrenner (1977 and 1996), the research carried out a physical-spatial characterization of housing units in residential complexes through the molar activities of their residents. The investigation is an exploratory research and uses some concepts of Environmental Psychology to approach the identity of place of the residents of Housing of Social Interest. In addition, it will deal with the spatialities of architecture and urbanism, both the physical environment and aspects of the residents' social environment. The survey data will be carried out from a documentary and empirical approach, with the organization of technical information, using architectural and urban plans (researched through surveys of official municipal files and secondary data), images location and data collected through reference surveys (where structured questionnaires, interviews, walkthroughs, and other methods were carried out).

Keywords: Housing of Social Interest; Identity with the Place; Architecture; Human Ecology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	– A ecologia dos métodos de análise dos níveis estruturais	22
Figura 2	– Itens analisados nos desenhos de projeto aprovado e falas dos moradores	55
Figura 3	– Itens observados a partir das falas dos moradores.	57
Figura 4	– Linha cronológica dos programas e políticas públicas voltadas para HIS.	66
Figura 5	– Condomínio Antônio Weitzel (1972).	69
Figura 6	– Planta baixa e Setorização do Solar Tabuleiro, 1982.	70
Figura 7	– Planta baixa e Setorização do Solar Tabuleiro, 1998.	71
Figura 8	– Condomínio Rio Branco (1972).	72
Figura 9	– Planta baixa e Setorização do Santa Amélia (1990).	73
Figura 10	– Planta baixa e Setorização do Residencial Belo Vale I (2009).	74
Figura 11	– Planta baixa e Setorização do Green Tower (2017).	75
Figura 12	– Planta baixa e Setorização do Green Tower (2017).	75
Figura 13	– Evolução do bairro Barbosa Lage.	76
Figura 14	– Implantação do Condomínio Rio Branco (1982) e Belo Vale (2009).	77
Figura 15	– Imagem área do bairro Cidade do Sol e seus equipamentos urbanos.	78
Figura 16	– Regiões de planejamento de Juiz de Fora.	80
Figura 17	– Localização do condomínio e a evolução do entorno.	81
Figura 18	– Equipamentos urbanos nas proximidades do condomínio.	81
Figura 19	– Distância dos pontos de ônibus nas proximidades do Vivendas Belo Vale.	82
Figura 20	– Bar/mercearia localizada próximo ao condomínio, uma das poucas opções de comércio no bairro São Geraldo.	84
Figura 21	– Terreno baldio onde as crianças usam para brincar.	85
Figura 22	– Falta de calçadas adequadas no bairro.	86
Figura 23	– Trecho da rua de acesso ao condomínio sem iluminação pública (atualmente já se encontra com iluminação).	87
Figura 24	– Implantação condomínio.	88

Figura 25	– Antigo espaço da Churrasqueira, Depósito de Lixo e Parque Infantil.	89
Figura 26	– Setorização da planta baixa da unidade habitacional.	90
Figura 27	– Planta humanizada da unidade habitacional.	91
Figura 28	– Fachada Frontal e Posterior do sobrado geminado.	92
Figura 29	– Fachadas Laterais e Cortes Esquemáticos.	93
Figura 30	– Espaços utilizados pelos moradores.	94
Figura 31	– Modificações dos moradores para promoção de privacidade e segurança.	94
Figura 32	– Fluxos e usos da unidade habitacional, pavimento térreo.	95
Figura 33	– Regiões de planejamento de Juiz de Fora e Empreendimento Miguel Marinho.	103
Figura 34	– Localização do condomínio e a evolução do entorno do Miguel Marinho.	104
Figura 35	– Distância dos pontos de ônibus nas proximidades do Miguel Marinho.	105
Figura 36	– Equipamentos urbanos nas proximidades do Miguel Marinho.	105
Figura 37	– Comércio informal de alimentação no Miguel Marinho.	106
Figura 38	– Ruas ruins e ônibus do local.	107
Figura 39	– Trecho da rua sem pavimentação e falta de calçamento no Miguel Marinho.	108
Figura 40	– Implantação do residencial Miguel Marinho.	109
Figura 41	– Setorização da planta baixa da unidade habitacional.	110
Figura 42	– Planta humanizada da unidade habitacional.	111
Figura 43	– Fachadas Laterais do sobrado e Cortes Esquemáticos.	112
Figura 44	– Fachada Frontal e Posterior.	113
Figura 45	– Intervenções realizadas pelos moradores.	114
Figura 46	– Fluxos e usos da unidade habitacional, pavimento térreo.	115
Figura 47	– Inadequação na mobilidade urbana.	121
Figura 48	– Depredação da unidade habitacional.	124
Figura 49	– Locais de encontro nos acessos das casas.	124
Figura 50	– Local de lazer e eventos nos acessos das casas.	125
Figura 51	– Reforma no sobrado Miguel Marinho.	126

Figura 52	–	Construção de divisas para marcação de unidade habitacional.	126
Figura 53	–	Alterações nas unidades habitacionais para segurança e privacidade.	129
Figura 54	–	Alternativa para determinar espaço pessoal e privacidade no Vivendas Belo Vale.	129
Figura 55	–	Cortinas para privacidade no Residencial Vivendas Belo Vale, casa Entrevista 14.	132
Quadro 1	–	Sintetização do percurso da dissertação.	40
Quadro 2	–	Revisão Sistemática de Literatura – Descritores.	42
Quadro 3	–	Revisão Sistemática de Literatura – Descritores em conjunto.	43
Quadro 4	–	Perguntas direcionadas a análise da materialidade representada nos desenhos de projeto aprovado.	56
Quadro 5	–	Perguntas direcionadas a análise das falas dos moradores no campo simbólico e emocional.	58
Quadro 6	–	Análise Exossistema e Mesossistema Vivendas Belo Vale.	84
Quadro 7	–	Análise Microssistema Vivendas Belo Vale.	98
Quadro 8	–	Análise Exossistema e Mesossistema Miguel Marinho.	106
Quadro 9	–	Análise Microssistema Miguel Marinho.	117
		Sistematização dos dados do exossistema e mesossistema.	
Gráfico 1	–	Falas de 41 entrevistados contando Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho.	121
Gráfico 2	–	Sistematização dos dados do microssistema. Falas de 41 entrevistados contando Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho.	130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Projetos arquitetônicos selecionados para a pesquisa.	68
Tabela 2	–	Projetos arquitetônicos selecionados para estudo da identidade de lugar.	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APO	Avaliação Pós-Ocupação
BNH	Banco Nacional de Habitação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CINTURB	Consórcios Integrados de Transporte Urbano
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COHABs	Companhia de Habitação
COHAB/Minas	Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DICOM	Divisão de Comunicações
DIHAB	Diretoria de programas Habitacionais
EHIS	Empreendimento de Habitação de Interesse Social
EMCASA	Empresa Regional de Habitação de Juiz de Fora
FAU	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo -
FCP	Fundação Casa Popular
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
FHC	Fernando Henrique Cardoso
HIS	Habitação de Interesse Social
FNHIS	Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social
IAP/IAPs	Instituto de Aposentadorias e Pensões
IAPB	Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Bancários
IP	Internet Protocol
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MG	Minas Gerais
ONGs	Organizações não governamentais
PA	Psicologia Ambiental
PAR	Programa de Arrendamento Residencial
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
PJF	Prefeitura de Juiz de Fora
PlanHab	Plano Nacional de Habitação
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PNH	Política Nacional de Habitação do Ministério

PROAC	Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído
PROFILURB	Programa de Financiamento do Lote Urbanizado
PROMORAR	Programa de Erradicação da sub habitação
RSL	Revisão Sistemática de Literatura
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
SLR	Systematic Literature Review
SNH	Secretaria Nacional de Habitação
SNHIS	Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
	AMBIENTE HABITACIONAL: BREVE CONTEXTO E RECORTE	
2	DE PESQUISA.....	20
2.1	OBJETIVOS.....	26
2.1.1	Objetivo Geral.....	26
2.1.2	Objetivos Específicos.....	27
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	27
	CONTEXTO HISTÓRICO DA POLÍTICA HABITACIONAL NO	
3.1	BRASIL.....	33
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
	REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA E CONTORNO	
4.1	TEÓRICO.....	41
4.1.1	Revisão Sistemática de Literatura.....	41
4.1.2	Contorno Teórico.....	45
4.2	PLANEJAMENTO DOS MÉTODOS.....	46
4.2.1	Instrumentos metodológicos.....	48
4.2.1.1	<i>Organização de informações técnicas.....</i>	<i>49</i>
4.2.1.2	<i>Questionário estruturado e dados secundários.....</i>	<i>51</i>
	HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EM JUIZ DE FORA E OS	
5	CONJUNTOS ESCOLHIDOS PARA ANÁLISE.....	59
5.1	HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EM JUIZ DE FORA.....	59
	LEGISLAÇÃO MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA, CÓDIGO DE	
5.2	OBRAS.....	60
5.3	ARQUITETURAS INVESTIGADAS.....	65
	RESULTADOS DE LEVANTAMENTO DE DADOS DA	
5.4	INVESTIGAÇÃO.....	68
5.4.1	Vivendas Belo Vale.....	77
5.4.2	Miguel Marinho.....	100
6	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	117
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
	ANEXO A.....	146
	ANEXO B.....	150

1 INTRODUÇÃO

Para a questão habitacional brasileira, Bonduki (2011) contextualiza o problema a partir da produção rentista da habitação, do capital privado e concentrado em cidades que se “modernizavam” e “industrializavam” na virada do século XIX para o século XX. São exemplos os cortiços, vilas operárias e assemelhados ainda existentes nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e outras. Entretanto, é durante o Período Vargas (1930-1945) que se tem as primeiras estruturas da organização e financiamento do Estado na tentativa de suprir a demanda por habitação para a população de baixa renda, reconhecendo-se que a iniciativa privada seria incapaz, sozinha, de atender adequadamente e em valores acessíveis à este público. Com isto, a questão habitacional integra-se à política de desenvolvimento social (LIMA; ZANIRATO, 2014). Foi elaborado a incorporação e produção habitacional a partir dos institutos de previdência da época – o Instituto de Aposentadorias e Pensões (IAPs) e Fundação Casa Popular (FCP) –. Assim, “a habitação passa a ser assumida como uma questão social, sob responsabilidade pública” (BONDUKI, 2014, p.41). A partir de 1964, durante o período da ditadura militar, ocorreu a criação do Sistema Financeiro da Habitação (SFH) e do Banco Nacional de Habitação (BNH). As produções de conjuntos residenciais utilizavam a gestão das companhias estaduais de habitação, como por exemplo, a Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais (COHAB/MG). Tal estrutura modelou o financiamento público e buscou uma produção massiva e seriada de habitações, onde foi baseada em inovações construtivas por inspiração e similaridades com o projeto moderno de Habitação de Interesse Social (HIS) internacional ou mesmo direta importação de modelos da reconstrução europeia do pós-guerra (ABDALLA, 1994, p.102). Consolida-se assim, a denominada HIS, representando um significativo papel para a compreensão e evolução da demanda habitacional no Brasil.

Com o fim do BNH, em 1986, e a promulgação da Constituição do Brasil, de 1988, a HIS é passível de ser observada como parte da igualdade de direitos e função social da propriedade (BONDUKI, 2014, p.79), onde algumas alternativas, por exemplo a organização de mutirões de produção para conjuntos habitacionais, foram realizadas. Contudo, permanece a vertente técnico-produtiva da habitação calcada na tecnologia para grandes produções em massa. Com o Ministério das

Cidades, manteve-se a percepção da HIS com os preceitos constitucionais, porém fortaleceu questões sociais amplas e suas políticas específicas num contexto de “reformas urbanas” (saneamento urbano, planos diretores de cidades, transporte público, política habitacional etc.). Deste percurso, encontra-se o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), realizado desde 2009 até o ano de 2020, como parte efetiva da política habitacional para enfrentamento do déficit habitacional. Pelo histórico, aponta-se que há um paralelo com a produção mecanicista calcada em mudanças conceituais pró arquitetura funcionalista, rompendo com a tríade estética-utilidade-construção. Isto tem início no século XIX e alcança o ápice em meados do século XX (MARTINEZ, 2000).

No caso mais recente (abordado na presente dissertação), o PMCMV, se observa a manutenção da lógica de produção massiva e seriada. Cardoso *et al.* (2011) ponderam que, em tal programa, o modelo se mantém calcado em números, tanto para a unidade habitacional, quanto para o contexto social mais amplo, que visa reduzir o número do déficit habitacional no Brasil. O raciocínio que se faz, a partir disto, é que há uma premissa técnica para produção massificada nos moldes da produção em série. Também segue tal premissa a indução política, em que todos os sujeitos, famílias e suas diversas relações, são idênticas. Consequente a isto, há uma padronização de todos os conjuntos do PMCMV, ou seja, não existe uma preocupação básica na concepção de projeto de arquitetura e urbanismo, com individualidade e particularidades, bem como com conforto ambiental e outras qualidades demandadas pelas moradias. Tudo equivalente, ou similar, ao modo de produzir habitações no período do BNH.

A abordagem ecológica desenvolvida por Bronfenbrenner (1977 e 1996) é uma possível ferramenta em pesquisas com o propósito de situar a inter-relação pessoa-ambiente, pessoa-pessoa e pessoa-sociedade. Apesar de sua investigação trabalhar a criança no ambiente escolar, tal proposição vem sendo aplicada em pesquisas de outras naturezas a partir da mesma noção de sistemas de relacionamento ecológico humano e ambiental, mas com adequações contextuais e/ou adaptações funcionais dos objetos do microssistema ao macrossistema. O ambiente ecológico de Bronfenbrenner abrange quatro níveis interdependentes caracterizados como espaços de proximidade e interferência direta em relacionamentos e formação de visão de mundo da pessoa, por exemplo, escola, igreja, casa, local de trabalho – microssistema e mesossistema –, até sistemas

macrossociais como os meios de transporte, os serviços de saúde, educacionais, culturais, políticos entre outros – exossistemas e macrossistemas (CARVALHO; CAVALCANTE; NÓBREGA, 2017). Neste contexto, a pessoa se transforma, modifica e recria o meio em que está inserida, e o ambiente também desempenha influência no desenvolvimento e comportamento da pessoa, sendo este um processo bidirecional de interação mútua (YUNES; JULIANO, 2010).

Por correlacionar ambiente objetivo e subjetivo das arquiteturas das HIS no que trata do microssistema ao exossistema, a pesquisa busca entender a consciência do morador no lugar objetivo (vivência) e a existência subjetiva (existência para a reflexão e formação da consciência do EU ali) que tais arquiteturas trazem à identificação de lugares.

Para construtores e arquitetos e urbanistas, a dissertação pretende contribuir novas reflexões e necessidades dentro dos projetos de arquitetura de conjuntos residenciais e unidades habitacionais.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos. No primeiro capítulo, é feita a contextualização do trabalho com a introdução.

O segundo capítulo traz o contexto e o recorte da pesquisa, em sequência, são apresentados os objetivos da pesquisa.

No terceiro capítulo, é apresentada a fundamentação teórica. Nele serão abordados o conceito de habitar, a caracterização de identidade de lugar e o contexto da Política Habitacional no Brasil.

O capítulo quatro consiste nos procedimentos metodológicos. Para isso, é apresentado a Revisão Sistemática de Literatura e o Contorno Teórico, seguido do planejamento dos métodos, que apresentará os instrumentos metodológicos usados na pesquisa.

O quinto capítulo consiste na HIS em Juiz de Fora e os conjuntos escolhidos para análise. Será desenvolvido o conteúdo sobre a Política Habitacional na cidade, Legislação Municipal, análise das arquiteturas investigadas, e resultados dos levantamentos de dados da investigação do Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho.

No sexto capítulo, acontece a discussão dos resultados da pesquisa. Por fim, são realizadas as considerações finais da dissertação, com indicações para trabalhos futuros.

2 AMBIENTE HABITACIONAL: BREVE CONTEXTO E RECORTE DE PESQUISA

A relação pessoa-ambiente parte da suposição de que, ao modificar o ambiente, o ser humano tem seu comportamento e experiência transformada pelo mesmo (GIFFORD, 2005). Durante o processo de interação entre pessoa-ambiente, o espaço físico resulta em um lugar significativo para o indivíduo, isso é determinado pelo tipo de relação e emoção que o indivíduo pode estabelecer com o espaço (CORRALIZA, 2002). Pesquisas sobre essa temática abordam três separações: funcional (relacionado a capacidade de o espaço físico provocar emoções, tais como: atração, medo, estresse, bem-estar, entre outros); simbólica (diz respeito a bagagem que aquele indivíduo carrega, e como é essa condição de pessoa-ambiente) e a relacional (mostra a performance das relações interpessoais – pessoa-pessoa e pessoa- sociedade – juntamente às características do ambiente em que elas estão inseridas). Conseqüentemente, as pessoas, suas relações e comportamentos são interferidas pelo ambiente, da mesma forma que o ambiente cria tais relações causando um fenômeno de interações (TORVISCO, 2002).

O meio ambiente é construído utilizando-se valores objetivos como forma, função, cor, textura, ventilação, temperatura, iluminação, sonoridade e simbologia. Cada um desses valores objetivos compõe o espaço dimensionado e funcional, resultando no espaço da arquitetura e determinando o nível de bem-estar de seus ocupantes. Há, porém, valores subjetivos que são adquiridos culturalmente, de acordo com a experiência de vida, estabelecendo significados, positivos ou negativos, em relação aos estímulos do ambiente (BESTETTI, 2014, p. 602).

Quando tratada a unidade habitacional em si, além das questões socioculturais e funcionais, aparecem questões de ordem psicossociais e psico-comportamentais como aspectos valorizados das objetividades e subjetividades de fenômenos e elementos que envolve o cenário de vida dos sujeitos. Rezeanu (2014), por exemplo, neste sentido classifica um lar de idosos em três partes: “casa física”, “casa subjetiva” e “casa pessoal”.

No contexto dos conjuntos da HIS estudados aqui, atividades e fenômenos, dimensões subjetivas e/ou objetivas, vida física ou mental, todos são eventos concretos envoltos por ambientes arquitetônicos que podem ser previamente

classificados como isomórficos¹, pela própria história e lógica indutora de produção deles. De acordo com Kowaltowski *et al.* (2006), poucos conceitos qualitativos relacionados à humanização da arquitetura foram incluídos nos conjuntos de HIS brasileiros, onde nota-se que as descrições desses empreendimentos habitacionais no Brasil, possuem características de uma arquitetura não humanizada e ineficiente para o bem-estar dos moradores, como a alta densidade de ocupação, a falta de um paisagismo coerente, a monumentalidade, a segurança e a falta de sensibilidade com a estética local. Szücs (2000) ressalta que a padronização dos projetos de HIS prejudica a integração social, a ocupação do espaço e a propriedade familiar do local de residência. A insatisfação, por análise do referido autor, acontece porque esses empreendimentos não conseguem atender às diversas particularidades familiares das pessoas que ali residem, como articular moradia, trabalho, lazer, descanso e convivência familiar. Para Rapoport (1990), entretanto, as arquiteturas não têm condições de dar conta das variabilidades culturais, funcionais, sociais e temporais, das pessoas, dos grupos que delas fazem uso, mesmo no ambiente doméstico.

Os lugares são identificados como dimensões ecológico-ambientais humanas a serem contextualizadas, por exemplo: os domicílios, vizinhanças, bairros, regiões urbanas, cidades, localização geográfica, tudo como lugares a serem tratados. Trabalhará, sob a ótica do conhecimento da arquitetura e urbanismo, mas com atividades molares². Para tanto, adota-se o modelo de desenvolvimento humano de Urie Bronfenbrenner (1977), que atribui uma estrutura formada com quatro sistemas/escalas ecológico-ambientais para análises da pesquisa, que são: microssistema (estabelece relações face-a-face); mesossistema (inclui inter-relações

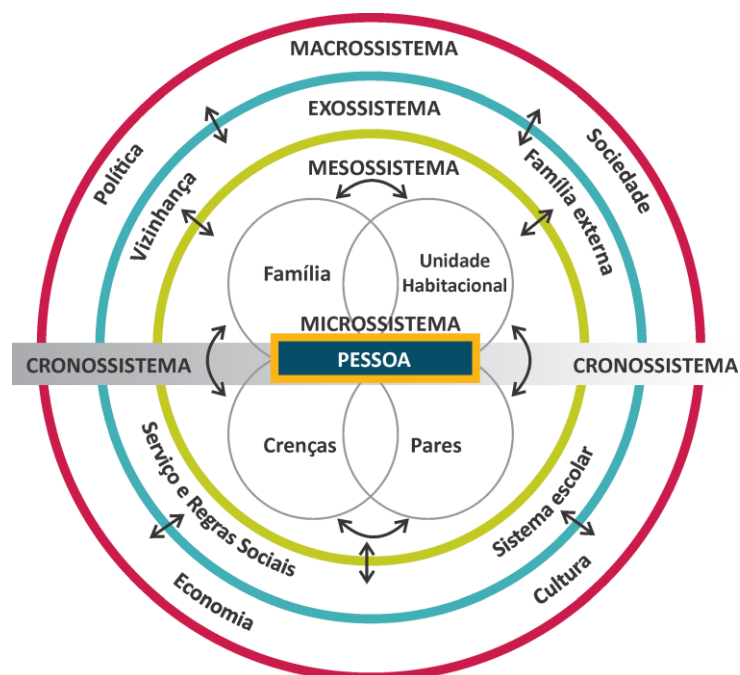
¹ O isomorfismo prevê que as organizações atuem de modo semelhante a outras, de formas adaptadas ao ambiente. Tal abordagem sugere que as particularidades organizacionais são alternadas no sentido de crescimento de correspondência com as características ambientais; o número de organizações em uma população depende da capacidade ambiental projetada, e a variedade dos formatos organizacionais é isomórfica à diversidade ambiental (ROSSETO; ROSSETO, 2005).

² Bronfenbrenner considera atividade molar como “um comportamento continuado que possui um momento (quantidade de movimento, impulso) próprio e é percebido como tendo um significado ou intenção pelos participantes do ambiente” e “ênfatisa tanto a persistência, ao longo do tempo, quanto certa importância no campo fenomenológico da pessoa em desenvolvimento e de outras pessoas presentes no ambiente” (BRONFENBRENNER, 1979, p. 37).

entre dois ou mais ambientes;) exossistema (relações que existem nesses ambientes, afetam o cotidiano do indivíduo) e macrosistema (abrange os sistemas de valores e crenças presentes e que são vivenciados e assimilados no decorrer da vida diária). Os quatro sistemas guardam correspondências, ou similaridades, na relação pessoa-ambiente com as escalas ambientais de edificações, no campo do ambiente construído e, especificamente, das disciplinas da arquitetura e urbanismo e engenharias das edificações. O diagrama abaixo (Figura 1) demonstra as quatro escalas de maneira analítica e de uma forma mais geral sobre a população de HIS, levando em consideração suas condições espaciais.

De acordo com o desenvolvimento do sujeito, deve ser entendido no contexto de um sistema ambiental complexo, que vai do microsistema ao macrosistema. Cada elemento é um componente de um sistema mais amplo, dependendo dele próprio e de outro mais vasto organizado (MOSER, 2018, p. 61).

Figura 1 – A ecologia dos métodos de análise dos níveis estruturais.



Fonte: a autora, adaptado de Moser (2018, p.65).

A partir deste entendimento, tem-se a premissa de que os conjuntos residenciais de interesse social, para seus residentes, se enquadram no fenômeno

de transição ecológica, pois alteram todos os sistemas ambientais ativos dos indivíduos e modificam em grande parte os elementos de grupos e sociais com impacto direto no contexto do microsistema. Mais do que isto, alteram necessidades e funcionalidades, atividades primárias e secundárias, papéis e inter-relações e desejos. Também podem ser fenômenos permanente, intermitente ou transitório, além de bem ou malsucedidos.

Malinowski (1976), ao tratar da evolução humana aponta que a diferença do ser humano para qualquer outra espécie animal é a sua produção cultural. Bennett (1995) acrescenta que, por este aspecto, a espécie humana tem uma ecologia própria. A ecologia humana é interdisciplinar por sua própria natureza (EUFRÁSIO, 1999). Segundo Carvalho (2007, p.131), ela tem: “consequências na forma como as populações humanas concebem, usam e afetam o ambiente, bem como o tipo de respostas existentes às mudanças ocorridas no ambiente biológico, social e cultural”. Patrick Guedes e Lewis Mumford, reconhecidos teóricos da arquitetura, já apontavam para estudos de ecologia humana humano com presença de fenômenos físicos, sociais, biológicos e culturais (STEINER, 2016).

Para abordarmos os conceitos de espaços tratados na pesquisa, necessita-se neste primeiro momento, o entendimento de que há espaço abstrato dos matemáticos e físicos (geométricos), o espaço vivenciado e o espaço vital. Ao tratarmos do espaço sem uma observação mais cuidadosa, ligaremos o termo espaço automaticamente no matemático, mensurável e suas três dimensões. Raramente percebemos que o espaço vivenciado está ligado diretamente na vida e que esse espaço é a realidade que a pessoa vive (BOLLNOW, 2019). Segundo Bollnow (2019), “a casa vivenciada não é uma caixa sem vida. O espaço habitado transcende o espaço geométrico”. Ou seja, o espaço vivenciado nos leva ao próprio espaço, uma vez que o homem vive nele e com ele vive. Trata-se então, do espaço como meio da vida humana.

O modo como esse espaço vivenciado está relacionado a como as pessoas vivem e se percebem, afeta na qualidade de interação que cada um desenvolve com o espaço geométrico. O espaço vivenciado está diretamente ligado a como cada pessoa consegue captar informações e significados. Está muito ligado à interação que existe entre todos os envolvidos e suas relações (MOTTA, 2003).

Assim, o espaço geométrico da vida humana está organizado na ação objetiva, que destina cada coisa ao seu espaço vivenciado. O homem no espaço

vital compreende como deve ou deveria corretamente utilizar os demais espaços, criando um significado mais profundo, reorganizando à sua maneira (BOLLNOW, 2019).

Trazendo no âmbito dos conjuntos de HIS, temos que o espaço geométrico dos conjuntos é dado pelo arranjo deles, pelo distanciamento de uma construção com a outra, do dimensionamento, ou seja, essa geometria de projeto é matemática.

Os espaços de vivência são aos cenários ilusórios desses conjuntos, tal qual a produção mecanicista, a ideologia do sistema dos programas de habitação e a localização dos conjuntos em periferias. São características reais, sistêmicas e subjetivas atreladas ao espaço, ao morar, ao habitar, a pessoa está atrelada a viver em uma produção de massa e ao receber não está dito como será o espaço de vivência, nesses casos, a pessoa se reorganiza para adequar sua vida a essa realidade.

O espaço vital trata da necessidade, no âmbito do estudo das HIS, por exemplo, temos o (1) microssistema, a própria habitabilidade³ e as normas estabelecidas; (2) mesossistema, o conjunto de atividades possíveis e relacionamentos, características de iluminação, ventilação, local pra lixo, espaço lazer, etc.; (3), exossistema, a organização da vida dessas pessoas e o que oferece suporte e abastecimento, como UBS, escola, creche, supermercado, entre outros; e (4) macrossistema, está relacionado à vida urbana, como rede de ônibus, sistema de coleta, serviços públicos de maior impacto na vida cotidiana.

Para Segaud (2016), ao estudar espaços cotidianos, dirá que são espaços de vida que permeiam todos e as sociedades, mas que há uma diferença entre o privado e social, dada pela separação entre interior e exterior das habitações. Além disso vai reforçar que limites, o interior e o exterior, vão servir para indicar a vida privada e a social. Também vai dizer que são ritmados por: períodos (ex. trabalho e descanso; noite e dia), mobilidade e estabilidade, situações previsíveis e não previsíveis, acessibilidades e impossibilidades (físicas, sociais, econômicas etc.), entre outras. Diz ainda que há legibilidade disso por meio das codificações presentes na racionalidade espacial. Por exemplo, observar a adaptabilidade promovida nas arquiteturas mostra também as transformações de jogo e cooperação

³ Terminologia que agrega nos conceitos de qualidade e habitação. Termo definido pela potencialidade de um ambiente em contemplar a produtividade, segurança, comportamento desejável para seus ocupantes, bem-estar físico e psicológico, bem como adequação de desempenho e integridade físico-social (VILLA, 2008).

entre atores. Aproximações, por um lado, como Malinowski (1976) e Bennet, que indicam que as sociedades e culturas estão em permanentes transformações e que adaptação é uma constante do ser, dos grupos e das sociedades. Os dois autores indicam ao menos duas características de condução para estes processos: necessidade e, ou, desejo. Por outro lado, Bronfenbrenner (1977, 1996) e Moser (2018) vão diferenciar ambientes internos e externos pelo seu grau de privacidade, domínio, autonomias, funcionalidade, enfim, funcionalidades das privacidades e das sociabilidades.

O estudo qualitativo foi realizado por meio de análise de desenhos técnicos dos projetos de arquitetura e de aspectos urbanos de diferentes conjuntos de HIS em Juiz de Fora, Minas Gerais. A cidade apresenta condições históricas e sociais para o desenvolvimento da pesquisa, pois de longa data já se deparou com a necessidade de moradias social. Para caracterização físico-espacial dos conjuntos residenciais e das unidades habitacionais utilizará uma abordagem documental, com organização de informações técnicas utilizando-se: (1) plantas de arquitetura e urbanismo de levantamento em arquivos oficiais que guardam a memória técnica das edificações, (2) fotografias do local e (3) dados secundários coletados através das pesquisas de referência, onde foram realizados questionários estruturados, entrevistas, walkthrough, e outros métodos.

Com o intuito de ter as falas dos moradores e assim, investigar o conceito de identidade de lugar, aplica-se um relato de dissertações anteriores no Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído (PROAC) e que dão suporte como dados secundários: (1) “Lugar e violência na habitação de interesse social: estudo de caso em Juiz de Fora, MG” (ONGARO, 2015), (2) “Práticas Sociais e Percepção do Usuário como Parâmetros para Projetos de Arquitetura no Interior da Habitação de Interesse Social: estudo de caso no Condomínio Vivendas Belo Vale, Juiz de Fora, MG” (LOPES, 2016), (3) “Proposição Taxonômica de um Caderno de Projetos para Habitação de Interesse Social: pesquisa de campo no Residencial Miguel Marinho, Juiz de Fora – MG” (REZENDE, 2018), (4) monografia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (FAU/UFJF) intitulada “Território, Corpo e Narrativa: uma análise dos efeitos do programa Minha Casa Minha Vida em Juiz de Fora sob a perspectiva de gênero” (MAGALHÃES, 2019) e Pesquisas do Projeto de Extensão Universitária (2014) nomeada “Escritório Escola Itinerante: avaliação e assessoria técnica pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da

Universidade Federal de Juiz de Fora em empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida em Juiz de Fora – MG” e “Escritório-Escola Itinerante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF: assessoria técnica para apoio ao governo municipal no planejamento e gestão da política habitacional de interesse social” (2016).

Observado o contexto teórico e a aproximação ao campo da arquitetura e urbanismo, por arbitragem prévia, com base na dimensão e proximidade entre a casa, atividades essenciais e equipamentos de suporte local, estabeleceu-se que o espaço físico do mesossistema é dado pelo limite do projeto arquitetônico e urbanístico do conjunto residencial. Ali se encontra a dimensão físico-arquitetônica, local e intermediária, entre a unidade habitacional e o bairro, este último, visto como elemento integrante do exossistema. Da mesma forma, o espaço físico do microssistema é dado pela unidade habitacional (casa ou apartamento e seus lugares contíguos na edificação, até alcançarem áreas comuns do conjunto residencial e grupos de vizinhança que não são correlacionáveis ao microssistema ambiental). Em outros termos, o microssistema é considerado o ambiente de arquitetura interior para atividades da vida privada. Entretanto, há que se ressaltar as influências permanentes que existem entre os quatro sistemas ambientais com relações bidirecionais entre eles.

Relaciona-se também o ambiente primário do indivíduo, que é entendido como o lugar onde ele mora e que engloba o lar, em vista que, esses termos possuem diferenças, no qual, entende-se “lar” no campo da subjetividade e “morar” no campo da objetividade (REZEANU, 2014). Sabe-se que os conjuntos residenciais, praticamente, sem exceção, representaram mudança de endereços dos ambientes primários para todos os que neles residiram.

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 Objetivo Geral

O objetivo geral da dissertação é buscar a compreensão das espacialidades dos lugares projetados com intenção de serem arquiteturas para a HIS. Pressuposto a isto estão as diferenças entre entender a consciência do morador no lugar, a partir da vivência e existência em meio aos objetos posicionados que contribuem para a identificação de lugares. Um é dado pela própria identidade de lugar do lugar e outro pela identidade de lugar do sujeito sobre o lugar.

Portanto, o objetivo geral trata da Habitação de Interesse Social em sua espacialidade dentro da materialidade física. Entretanto, tal objeto traz consigo fenômenos que são inerentes aos ecossistemas humanos e aos cenários da vida dos sujeitos que ali vivem. Diz-se isto porque há um contexto ontológico e histórico que confere à ambiência um significado prévio da identidade de lugar pelo próprio lugar. Os objetivos específicos tratam de pontos sensíveis identificáveis pelos projetos e processos físicos de aprovação dos mesmos.

2.1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos visam compreender o ambiente construído a partir das espacialidades dadas pelo projeto da arquitetura das unidades habitacionais das HIS. Para isso se tem:

- Investigar e documentar elementos da técnica e da implantação de conjuntos residenciais da HIS e suas unidades habitacionais em Juiz de Fora, MG. Ressalta-se que serão arquiteturas executadas e em pleno uso na cidade.
- Explicitar a análise de fenômenos que são inerentes aos ecossistemas humanos, a partir das descobertas documentais e de contexto urbano baseado nas falas dos moradores, retiradas das entrevistas de suporte.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, no que trata “habitar”, se tem um conceito que vai para além do sentido denotativo (objetivo e concreto) do termo, que é: “1. Ter a sua residência em; 2. Prover de população ou de residentes; 3. Estar presente em” (HABITAR, 2021). Assim, por uma outra conceituação, de acordo com a origem etimológica da palavra, “habitar” significa conceber os meios para “habitar em mim”, “me ter”, “tomar posse de mim mesmo”; conseqüentemente, formar a própria identidade (BRANDÃO, 2001). Segundo o campo da fenomenologia, Heidegger (2001, p. 128) escreve que Habitar é “o traço fundamental do ser-homem” e que um sujeito não habita um ambiente qualquer, num sentido filosófico, ele está no mundo.

Mas será que as habitações trazem nelas mesmas a garantia de que aí acontece um habitar? (HEIDEGGER, 2001, p. 126). A partir deste questionamento, levantam-se que os conceitos de “construção” e “habitação” são diferentes. Embora a “construção” tenha por finalidade um espaço geométrico e matemático, a “habitação” para alguém, não é, certamente, o único lugar em que um sujeito irá desenvolver as suas ações de habitar, no seu sentido amplo. A “habitação” está relacionada ao espaço vivenciado da pessoa.

A amplitude do termo “habitar”, num recorte àquilo que diz respeito a um projeto arquitetônico, por exemplo, pode ser dado como a relação estabelecida entre o ser e o espaço no qual este está inserido (espacialidade), configurando-se em lugares e ambientes. Nas palavras de Rasmussen (1986. p. 2) “a arquitetura é uma arte funcional muito especial; confina espaços para que possamos residir nele e cria a estrutura em torno de nossas vidas... significa formas criadas em torno dos homens”.

Destaca-se que essa espacialidade permite construir para o ser humano uma identidade de lugar, um abrigo no que se refere a quem ele é, bem como ao status e ao lugar que ele ocupa no mundo (MILLEN, 2019).

A casa arquitetada, como um exemplo de um ambiente construído contemporâneo, racional pela natureza profissional de quem a projeta, além de atender tecnicamente à necessidade de abrigo físico, onde se realizam inúmeras atividades da vida cotidiana, também podem apresentar conforto psicológico, identidade e harmonia estético-artística, bem como contemplar valores culturais e

ajustar organizações (sociais) para grupos, gêneros, faixa etária, credos etc. Tem-se que tais características aprimoram a relação da pessoa-ambiente (SILVA, 2008) e que Jorge (2012) indica que o ato de habitar quer dizer “morar, viver, residir”, refletindo diretamente no lugar, ou seja, a habitação também é onde o sujeito identifica e constrói identidade, bem como expressa funcionalmente, estando em coincidência com a teoria antropológica de Malinowski (1976), dois aspectos relevantes para as escolhas humanas que são: necessidades, desejos e sentimentos. Para Ittelson *et al.* (1974, p.1, tradução livre) “quando homens constroem casas, eles criam não somente um ambiente físico, mas um ambiente psicológico de significados, um mundo simbólico que reforça uma combinação de gostos e valores”.

Segundo Correia (2004), a habitação está ligada com a residência familiar e de repouso, criando o sentimento de proteção e segurança para o sujeito. Para o autor, a racionalidade da moradia vai desde questões de limpeza e comodidade até aspectos que definem os comportamentos em seu interior. Entretanto, tem-se que, a partir do momento em que o ato de planejar e construir a habitação passou a ser ofício da arquitetura, o usuário é automaticamente afastado do processo de projeto, o que torna mais complexa a adequação da habitação às suas necessidades. A construção conceitual do modelo de habitação moderna é definida de forma técnica pelos movimentos e tempo de trabalho da vida doméstica (áreas do social, do íntimo e dos serviços). Giedion (1948) aponta que este é um processo longo e que as atividades domésticas, paulatinamente, vão se transformando com a mecanização nas residências, quer por suas arquiteturas, quer pelas atividades que lá se realizam. São evidências que Giedion coloca: a transformação dos banheiros, a mecanização das cozinhas, a alteração provocada pelas máquinas de lavar roupas, o uso de produtos de revestimentos que facilitam a higienização dos ambientes e a adoção de equipamentos de aspiração de resíduos, entre outros. Pallasmaa, no mesmo aspecto, porém recentemente escreve:

(...). Nesse processo contínuo de especialização, a arquitetura está se distanciando cada vez mais dos conteúdos míticos originais da edificação e se tornando cada vez mais desprovida de qualquer significado mental mais profundo; resta apenas o desejo de estetização. No mundo obscenamente materialista de hoje, a essência poética da arquitetura está sendo ameaçada simultaneamente por dois processos: a funcionalização e a estetização. (PALLASMAA, 2017, p. 9).

À habitação doméstica, projetada e construída, cabe ser dito, tal qual Rapoport (1990) indica ser entendido, é impossível que venha atender todas as possibilidades sociais e culturais de um indivíduo, ou grupo familiar, ou qualquer outra forma de organização de pessoas em um cenário tradicional de alojamento. Assim, pode se assumir que sempre irá haver outras necessidades desprovidas em um lugar para satisfazer a tudo que ali tem de demanda (desejos e sentimentos inclusive). Assim, quer as atividades de vida cotidiana, de trabalho, lazer, além das necessidades de mobilidade de quem reside em um lugar, quer seja uma HIS, uma residência isolada, um apartamento para classe média, ou outra forma qualquer convencional de se morar, haverá um espaço faltoso. A partir disso, pressupõe-se aqui que o espaço da moradia precisará de constante reavaliação em relação às observações funcionais, comportamentais etc., para aquele que quer analisá-lo criticamente enquanto um ambiente construído e relacioná-lo à qualidade de vida das pessoas que ali residem, considerando-se, naturalmente, as deficiências inerentes ao lugar, mas, sobretudo, as condições que o lugar apresenta para superar desejos e necessidades de seus moradores.

Assim sendo, trazendo a posição de Lynch (1985) para o campo da HIS, qualquer pessoa que queira reconhecer e criar ligação das novas construções como um lugar espacialmente significativo, é necessário estabelecer uma identificação simbólica que o faça reconhecer e diferenciar seu local ao dos outros, conferindo-lhe um caráter próprio. Kowaltowski e Granja (2011), apontam ainda que, ao realizar a avaliação prudente das necessidades dos usuários, é possível dignificar o processo de projeto da habitação social, principalmente no contexto local.

Nessa lógica, na dissertação, vai-se entender que “habitar” engloba a relação entre o sujeito e o meio à sua volta (Eu aqui, o ali e o lá). Em outras palavras, o termo não tem significado só no que trata do sentido de alojamento e residência física (corpo no lugar), mas está relacionado ao sentimento (corporeidade), de estar num abrigo para se sentir presente (Eu aqui) e pertencente (participante ativo da organização) de um grupo humano (Eu e o outro) e de estar no âmbito vivido, vivenciado e experimentado, que, em conjunto, formam um aprendizado dado pelo movimento e pelo tempo vivido (consciência de lugar – EU aqui – e do lugar ali e lá, meu e fora de mim, memória e história), isto é, uma natureza intuitiva, objetiva e subjetiva que nele se encontram o Eu, os outros e as coisas na espacialidade das HIS.

Sob outro aspecto, há que se indicar que a identificação da pessoa com o lugar, o estabelecimento de dependência e a criação de afetos são elementos relevantes na relação pessoa-pessoa e pessoa-sociedade, por consequência, para a qualidade de vida no geral (GIULIANI, 2004). Nisto, lugares e ambientes permeiam e permitem na compreensão da construção de significados e estratégias de ações e comportamentos (LALLI, 1992). Proshansky *et al.* (1978 e 1983) colocam que há uma relação direta entre “um indivíduo” (sua: memória, história, aspectos cognitivos, desejos, crenças etc.) e o lugar para o que se refere à identidade de lugar escrevendo:

Dimensões que definem a identidade pessoal do indivíduo em relação ao ambiente físico por meio de um padrão complexo de ideias conscientes e inconscientes, sentimentos, valores, objetivos, preferências, habilidades e comportamento relevantes para um ambiente específico. (PROSHANSKY *et al.*, 1978, p. 155, tradução livre).

Estudos recentes apontam que a identidade de lugar é parte da estratégia de vida das pessoas, onde elas tratam os lugares de forma operacional, ativamente, passivamente e ideologicamente, entre outras maneiras de comportar. Contudo, em outros casos por exemplo, as identidades com os lugares são traçadas por afetividades, idade, integração social e interatividade em relação às atividades cognitivas, entre outras, mas que a dimensão e paisagem do lugar, enquanto ambiente físico, apesar de trazer algumas características próprias, não é preponderante na questão (BELANCHE *et al.*, 2021). Assim, o lugar visto pela ótica da identidade requer a existência e presença da pessoa, contudo, na ótica da arquitetura contribui para o cenário de vida (RASMUSSEN, 1986) e, teoricamente, também está atribuído de uma parcela de valores próprios (PENG *et al.*, 2020), pela história técnica (concepção, projeto e construção) e social, como pelas transformações (políticas, intervenções sociais etc.) que formam e caracterizam sua espacialidade para a corporeidade, isto é, gestos e atos do corpo no espaço (BARCO, 2012).

Contudo, cabe salientar que o estudo da identidade de lugar não é mais foco central da dissertação, necessitaria envolver pessoas no processo de reconhecimento dos ambientes e lugares, o que não foi possível durante o decorrer da pesquisa. Isto se deu porque a situação conjuntural da pandemia da COVID-19

(SARS CoV-2), que ainda está presente entre nós, determinou alterações que afetaram a condição da pesquisadora, no tempo da dissertação, de realizar o contato direto com a comunidade das HIS em Juiz de Fora. Esta alteração de metas resultou em se dar um passo para trás. Passou-se a buscar a descrição dos cenários de vida, entendendo serem estes significantes para a corporeidade das pessoas e para futuras análises que levem à identidade de lugares, baseado que são dados estabelecidos a priori no processo de transição ecológica porque passam, ou passaram todos os residentes que os habitam conjuntos habitacionais trabalhados na dissertação.

A transição ecológica é recorrente na história e na antropologia dos seres humanos (BENNETT, 1995). Ela é um fato que altera o meio ambiente do sujeito. Observando-se os sistemas ecológicos de Bronfrenbrenner (1977), uma transição, de local de residência, por exemplo, transforma todo o complexo de relações das pessoas no seu microsistema e, por decorrência, nos demais sistemas de relacionamentos, forças e poderes entre os indivíduos. Tal fato pode ser constatado na literatura do próprio autor quando aborda o que ocorre com a criança em idade escolar. Há que se dizer que tanto Bronfrenbrenner (1996), quanto Moser (2018) tratam ambientes de proximidade, como a casa e o trabalho como microsistema, bem que este e os demais ambientes, uma vez alterados, afetam todas as outras escalas ambientais, dado que há relações bidirecionais entre elas e mesmo no interior delas.

No que se refere à identidade de lugar, tais transições também são consideradas, pois, se apontou que a lógica identitária está centrada nas pessoas e suas organizações sociais são afetadas pelas transições ecológicas, também a identidade social é transformada e, conseqüentemente, a identidade de lugares a partir de estratégias de vida. Contudo, em estudos ecológicos, antropológicos e sociais, há o apontamento de que existe uma relação inevitável com o lugar (SEGAUD, 2016). Assim, a descrição do cenário de vida em HIS vem no sentido de contribuir para o entendimento do campo da percepção de lugar, do que está, em termos físicos e objetivo, a priori de quem ali vai residir e que contém uma identidade de lugar do lugar: política habitacional, concepção espacial-funcional e formal e tecnologias da arquitetura e urbanismo.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA POLÍTICA HABITACIONAL NO BRASIL

O déficit da HIS no Brasil possui origem no período de transição de um modelo socioeconômico agrário-exportador para um modelo urbano-industrial. Para atender a demanda habitacional devido à imigração de trabalhadores no período da economia cafeeira, inicia-se uma produção massiva de moradias. Para Villaça (2001, p. 226), “um dos traços mais marcantes do processo de urbanização que se manifestou no Brasil a partir do final do século XIX foi o rápido crescimento das camadas populares urbanas”. No final do século, em São Paulo, foram construídas habitações operárias e baratas pelas indústrias, companhias ferroviárias e empresas de mineração. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, iniciava-se o desenvolvimento das periferias pela classe de baixa renda. Como por exemplo, os cortiços, que eram construções aglomeradas alugadas para a população de baixa renda. Esse tipo de habitação cresceu devido à abolição da escravatura, o acelerado aumento populacional e o alto custo dos aluguéis devido à falta de habitações populares adequadas (RUBIN; BOLFE, 2014). Assim, o Brasil se urbanizava de maneira e intensidade diferente em cada cidade.

A partir de uma observação que as epidemias eram originadas nos aglomerados urbanos mais pobres e se propagavam pela cidade, as moradias passaram a serem construídas e reformadas com foco na priorização da saúde e bem-estar da população proletária. Assim, no final do século XIX, ocorreu uma campanha de higienização. Esses problemas também se relacionavam com os cortiços (RUBIN; BOLFE, 2014).

As reformas urbanas, realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases de um urbanismo moderno “à moda” da periferia. Realizavam-se obras de saneamento básico para eliminação das epidemias, ao mesmo tempo em que se promovia o embelezamento paisagístico e eram implantadas as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista. A população excluída desse processo era expulsa para os morros e franjas da cidade. (MARICATO, 2000, p. 22).

De acordo com Villaça (1986), para a classe alta era melhor conviver com as vilas operárias do que com os cortiços. Contudo, existia uma restrição feita pela legislação de que as vilas não poderiam ser construídas em locais nobres conforme o Código Sanitário do Estado de São Paulo de 1894. Apesar de as vilas serem

consideradas um modelo de “habitação higiênica”, esse Código determinava que elas “...seriam estabelecidas fora da aglomeração urbana”, ocasionando uma forma de segregação. A Lei Municipal nº 413 de 1901 isentava de impostos as vilas operárias construídas “...fora do perímetro central” (VILLAÇA, 1986, p. 17).

No primeiro período do governo de Getúlio Vargas (1930-1945) começaram as primeiras iniciativas públicas de produção da moradia, com a criação dos IAPs, órgãos vinculados às categorias profissionais, por exemplo, o IAP dos bancários (IAPB) (BONDUKI, 2011). Sua finalidade era proporcionar benefícios previdenciários e assistência médica aos seus associados. Segundo Bonduki (2004), os investimentos em habitação surgiram como mecanismos de capitalização sem interesse social. Entre 1933 e 1938 foram criados seis IAPS, regulamentados por leis específicas para cada tipo, criando um obstáculo para a implantação de uma política habitacional sólida a partir dos fundos previdenciários, embora em 1937, os IAPS tenham investido até 50% de suas reservas para o financiamento habitacional (RUBIN; BOLFE, 2014).

Devido ao fato de os IAPs atenderem trabalhadores registrados, as classes populares não foram atendidas, nas quais predominavam os empregos informais e de baixa remuneração, ao que se somava a necessidade de pagar aluguéis. Em função da elevação do custo do aluguel para as classes populares, o governo Vargas sancionou, na ocasião, uma lei que congelava os preços dos aluguéis vigentes. Bonduki (2011) ressalta que o congelamento dos aluguéis visava desestimular a produção de residências para aluguel. No entanto, tal fato acarretou outro problema. Tendo em vista que os proprietários não podiam ajustar o preço dos aluguéis aos juros do sistema econômico, provocaram o despejo de inquilinos e a venda dos imóveis, o que passava ser mais lucrativo do que o aluguel.

No governo de Gaspar Dutra, em 1946, foi criada a FCP, primeiro órgão federal a concentrar investimentos voltados à produção habitacional, considerando que os IAPs eram órgãos de gestão independente e providos de autonomia administrativa (BONDUKI, 2011). A FCP continuou não contemplando as classes populares. Em 1964, com o golpe militar, ambos os órgãos (IAPs e FCP) são extintos e o governo militar opta por criar uma organização que funcionasse sobre suas próprias bases, fundando então o Banco Nacional de Habitação (BNH) (LIMA; ZANIRATO, 2014).

O regime militar considerava o setor imobiliário uma forma de alcançar objetivos estratégicos, dado que a criação de linhas de financiamento para compor o setor da construção civil, impulsionava a economia e originava empregos (BONDUKI; LEITE, 2008). O financiamento do BNH fundamentou-se no equilíbrio econômico, por meio do incentivo à habitação pelo SFH, que era mantido com recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e pelas cadernetas de poupança privadas (LIMA; ZANIRATO, 2014).

A atuação do BNH focou na quantidade de unidades produzidas ao menor custo possível, com pouca preocupação com a qualidade arquitetônica e urbanística dos conjuntos construídos. De acordo com Bonduki e Leite (2008), os conjuntos foram implantados em periferias, distantes dos locais onde se localizavam as ofertas de trabalho e desprovidos de infraestrutura e equipamentos públicos, uma escolha que acarretou em problemas urbanos, sociais e ambientais. Além disso, a preeminência dos interesses do mercado em detrimento da produção habitacional de interesse social fez com que as classes populares continuassem não sendo atendidas por completo (LIMA; ZANIRATO, 2014). Considerando o período de atuação do BNH, 33,6% das habitações foram destinadas aos setores populares, e menos de 6% foram destinadas às populações com renda inferior a três salários mínimos (CYMBALISTA; MOREIRA, 2006).

Em 1965, foram criadas as COHABs, com foco na promoção habitacional local nas periferias da cidade (CORDEIRO, 2009). Uma das considerações que fazem parte do Processo Administrativo ocasionado pela solicitação (Processo Administrativo nº 37.548, 04 de novembro de 1971), diz que:

(...) a COHAB não é órgão de assistência social, nem entidade de filantropia. Trabalha, outrossim, perfeitamente entrosada com o Banco Nacional de Habitação. A COHAB, como sociedade de economia mista que é, face a sua natureza de entidade de direito privado, está sujeita à legislação que rege as demais sociedades comerciais comuns, respondendo, civilmente, pela satisfação de suas obrigações (...). (Processo Administrativo nº 37.548, 04 de novembro de 1971, folha 161-163, apud CORDEIRO, 2009, p. 91).

As COHABs foram concebidas para funcionar como territórios abertos, inclusivos do ponto de vista da produção em massa de HIS, porém, na prática ocasionaram segregação socioespacial e territórios monofuncionais (ARANTES, 1998). Em Minas Gerais, o Governo do Estado criou a Companhia de Habitação do

Estado de Minas Gerais – Cohab/Minas como sociedade de economia mista, com o intuito de extinguir o déficit habitacional e urbanizar vilas e favelas no Estado. A Cohab/Minas foi instituída pela Lei nº 3.403, de 02 de julho de 1965, pelo então governador José de Magalhães Pinto e aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais (COHAB/MINAS, 2020).

Nas décadas de 1970 e 1980, o BNH atuou nas classes de baixa renda, quando foram criados os programas: (1) Programa de Financiamento do Lote Urbanizado (PROFILURB), em 1975, sendo um programa de lotes urbanizados dotados de infraestrutura básica que buscava atender o público de baixa renda; (2) Programa de Erradicação da sub habitação (PROMORAR), criado em 1979, conforme a Resolução nº 135 de 16/02/1982 – BNH, os financiamentos destinados à urbanização de favelas e aglomerados de sub habitações, concedidos pela Diretoria de programas Habitacionais (DIHAB). Adotaram-se, na ocasião, as seguintes definições: (i) empréstimo (operação entre o BNH, os agentes financeiros e órgãos assemelhados), (ii) repasse (operação de crédito entre os agentes financeiros e promotores) e (iii) financiamento (operação de crédito entre os agentes financeiros e os beneficiários finais). O PROMORAR tornou-se o primeiro programa a apontar uma mudança de postura, buscando não mais remover as famílias do núcleo gerado por eles; e (3) Programa João de Barro, criado em 1982, que financiava o terreno e materiais para construção por mutirão em cidades de pequeno porte (MEDEIROS, 2010).

O modelo adotado pelo BNH apresentou falhas desde o início, algumas delas de acordo com o Ministério das Cidades (BRASIL, 2004, p. 9),

estavam relacionadas à incapacidade de atender à camada mais pobre da população; ao modelo institucional adotado baseado em grande centralização e uniformização das soluções em todo o território, sem considerar as regionalidades características de um país de dimensões continentais; à desarticulação entre os encarregados pela construção de moradias populares e os responsáveis pelos serviços urbanos, o que gerou a construção de grandes conjuntos habitacionais em locais distantes dos centros urbanos e sem infraestrutura; e, por fim, à adoção de um modelo financeiro inadequado em uma economia inflacionária como a da época. (BRASIL, 2004, p. 9, apud CARVALHO, 2018, p. 41).

O fim do BNH aconteceu após uma crise causada pela política de arrocho salarial do governo militar, que mantinha a revisão de baixos salários para incentivar

o crescimento do setor industrial brasileiro, e os crescentes níveis de inflação, que geraram uma grande inadimplência ante o SFH. Com a extinção do BNH, suas funções foram distribuídas entre outros órgãos governamentais, em especial à CAIXA, que passou a ser o maior executor das políticas habitacionais do governo federal. Desde então houve uma constante alteração da administração sobre a questão habitacional: Ministério do Desenvolvimento Urbano (MDU); Ministério da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente (MHU); Ministério da Habitação e do Bem-Estar Social (MBES); Ministério do Interior e a Secretaria Especial de Habitação e Ação Comunitária (SEAC); Secretaria da Política Urbana (SEPURB); Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano (SEDU) (CARAVALHO, 2018).

A crise do Sistema Financeiro da Habitação e a extinção do BNH criaram um hiato em relação à política habitacional no País, com a desarticulação progressiva da instância federal, a fragmentação institucional, a perda de capacidade decisória e a redução significativa dos recursos disponibilizados para investimento na área. (BRASIL, 2004, p. 10).

A regulamentação do crédito habitacional foi transferida para o Ministério da Fazenda, tornando-se instrumento da política monetária, controlando o crédito e dificultando a produção habitacional. O período marcou-se por uma Política Nacional de Habitação (PNH) indefinida, e pela constante transferência de responsabilidades administrativas a respeito da habitação no Brasil (BONDUKI, 2004).

(...) o BNH vinculou-se em 1985 ao Ministério do Desenvolvimento Urbano. Em 1987, este ministério transformou-se em Ministério da Habitação, Urbanismo e Desenvolvimento Urbano. Em 1988, o Ministério foi renomeado Ministério da Habitação e Bem-Estar Social, que foi extinto em 1989. Nesse momento, a política de habitação fica novamente sob responsabilidade do Ministério do Interior. Em 1990, é criado o Ministério da Ação Social, posteriormente renomeado Ministério do Bem-estar Social, onde passou a funcionar a Secretaria Nacional de Habitação. No Governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), a Secretaria Nacional da Habitação foi subordinada ao Ministério do Planejamento e Orçamento. Durante o governo FHC foi instituída a Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano (SEDU), vinculada à presidência da República, que se responsabilizou pelas instituições ligadas à política habitacional até 2003, quando foi criado o Ministério das Cidades, no qual se alocou a Secretaria Nacional de Habitação. (CYMBALISTA; MOREIRA, 2006).

Conforme Lima e Zanirato (2014), os governos de José Sarney, Fernando Collor e Itamar Franco tiveram políticas pontuais que, apesar de apresentarem discursos voltados às classes historicamente excluídas, pouco fizeram efetivamente para resolver o problema habitacional. O governo de FHC (1995-2002) apresentou algumas inovações com princípios voltados para flexibilidade, descentralização e diversidade. Diante do cenário nacional e internacional, e de forma generalizada, rejeitou os programas convencionais, baseados no financiamento direto à produção de grandes conjuntos habitacionais e em processos centralizados de gestão (BONDUKI, 2008).

Em 1999, foi criado o Programa de Arrendamento Residencial (PAR), mostrando-se positivo do ponto de vista sócio espacial por ter conseguido produzir conjuntos habitacionais em áreas centrais. Contudo, o PAR manteve a exclusão das classes populares, atendendo à população da faixa de quatro a seis salários mínimos de renda familiar. Com o fim do governo FHC, e a eleição de Lula, algumas mudanças são feitas e outras se mantêm, como as relações mercadológicas de produção habitacional. O então eleito presidente Lula, tinha como uma de suas principais propostas a formulação e consolidação de uma estrutura política, financeira e institucional que priorizasse ações inovadoras no referido setor, priorizando a inclusão das classes populares (LIMA; ZANIRATO, 2014).

Antes de sua eleição, Lula juntamente ao seu Instituto Cidadania, formulou o Projeto Moradia, que contava com a participação de organizações não governamentais (ONGs), universidades, movimentos sociais e outros ligados à questão habitacional. O projeto tinha como pressuposição de que a questão da moradia não se resolvia sem uma reforma nas bases fundiárias e, por isso, a aprovação do Estatuto da Cidade em 2001 era requisito para alcançar instrumentos urbanísticos e econômicos capazes de incentivar o cumprimento da função social da propriedade, estabelecida na Constituição Federal de 1988 (BONDUKI, 2008, 2009).

Para Lima e Zanirato (2014), a estruturação do Ministério das Cidades foi primordial na elaboração de uma proposta concisa para uma política habitacional, pela primeira vez desde o fim do BNH. Pensou-se em um órgão federal exclusivo para tratar da questão urbana, usufruindo da estrutura da Secretaria Nacional de Habitação (SNH). Em 2003, por meio de um processo de participação, é realizada a primeira Conferência Nacional das Cidades, resultando na criação do Conselho Nacional de Cidades, que em 2004, aprovou a PNH.

Como um desdobramento da PNH, criou-se o Plano Nacional de Habitação (PlanHab), que, como afirma Bonduki (2009) tinha por meta planejar (a médio e longo prazo), ações públicas e privadas necessárias para viabilizar os objetivos estabelecidos para a política habitacional. O PlanHab propunha uma diversidade de soluções habitacionais em acordo com os tipos de municípios, diferenciando regiões metropolitanas, grandes, médias e pequenas cidades (KRAUSE *et al.*, 2013). Em 2005, foi instituído o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS) e o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS) por meio da lei federal 11.124/2005. Conforme Lima e Zanirato (2014), o SNHIS tinha como propósito, a participação dos três níveis de governo para a avaliação da questão habitacional, incumbindo aos municípios elaborar suas próprias Políticas Municipais de Habitação. Em 2009, o Ministério da Fazenda, em conjunto com o Ministério da Casa Civil, anuncia o PMCMV que tinha como objetivo ser uma estratégia brasileira para o enfrentamento à uma crise econômica mundial e também visava possibilitar financiamento de moradias em áreas urbanas e rurais, destinado a famílias com baixa ou média renda (BRASIL, 2010). Além disso, o programa contava com o subsídio massivo de recursos públicos, para o estímulo das atividades econômicas do setor da construção civil em toda a sua cadeia (BONDUKI, 2009).

O programa Casa Verde e Amarela, anunciado em 2020, propõe-se a reunir projetos habitacionais do governo federal para ampliar o estoque habitacional e atender às necessidades habitacionais da população. O programa pretende, “promover o desenvolvimento institucional de forma eficiente no setor de habitação e estimular a modernização do setor da construção e a inovação tecnológica” (GOVERNO FEDERAL, 2020).

Segundo o governo federal (2020), o programa cobrirá recursos para financiamento da casa própria com a menor taxa de juros do (FGTS) e com alterações na remuneração do agente financeiro. Ressalta-se que para esta pesquisa, este programa não entrará em análise devido a escolha por um recorte temporal de 45 anos (finalizado pelo PMCMV), e por não termos conjuntos de HIS já construídos na cidade pelo novo programa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, amparada no embasamento teórico, enquadra-se no campo das ciências sociais aplicadas e na grande área da arquitetura e do urbanismo. É de caráter exploratório, tendo em vista que objetiva ampliar os conhecimentos sobre o conceito de identidade de lugar, no contexto das espacialidades das HIS, e com base nas falas dos moradores que ali habitam. Quanto aos procedimentos técnicos, é um estudo de caso, com investigação de conjuntos de HIS executados na cidade de Juiz de Fora, permitindo seu amplo conhecimento, aliado à revisão bibliográfica. É uma pesquisa qualitativa que trabalha com uma documentação primária e secundária. No primeiro caso são os processos das edificações junto ao poder público municipal e, no segundo, são reanálises (meta-análise) de entrevistas realizadas por outros trabalhos nos mesmos conjuntos habitacionais. Adotou-se a seguinte sequência lógica para delinear o percurso da dissertação que influenciou diretamente na delimitação das técnicas de pesquisa:

Quadro 1 – Sintetização do percurso da dissertação

Definição do tema	Apartamentos e Sobrados em edificações de Interesse Social: estudo na cidade de Juiz de Fora, MG.
Pertinência do tema	Para construtores e arquitetos e urbanistas, a dissertação pretende contribuir novas reflexões e necessidades dentro dos projetos de arquitetura de conjuntos residenciais e unidades habitacionais.
Problema	Padronização de ambientes em todos os seus aspectos, ou seja, sem que haja preocupação básica na concepção de projeto de arquitetura e urbanismo, perante a individualidade e particularidade de cada família. É ou não vital para esses conjuntos habitacionais, serem implementados ainda da mesma forma?
Delimitação do objetivo central	Entender a consciência do corpo no lugar objetivo e a existência subjetiva que as HIS trazem à identificação de lugares. Um é dado pela própria identidade de lugar do lugar e outro pela identidade de lugar do sujeito sobre o lugar. Portanto, o objetivo geral trata do objeto em sua espacialidade dentro da sua materialidade física. Entretanto, tais objetos trazem consigo fenômenos que são inerentes aos ecossistemas humanos e aos cenários da vida dos sujeitos que ali vivem.
Delimitação dos métodos e materiais a serem investigados	Por meio de pesquisa documental (Legislações municipais, documentos oficiais do município, tais como os desenhos técnicos de projeto de arquitetura, e material jornalístico), e pesquisas secundárias já realizadas nas HIS de Juiz de Fora.

Fonte: a autora (2021).

4.1 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA E CONTORNO TEÓRICO

4.1.1 Revisão Sistemática de Literatura

A Revisão Sistemática de Literatura (RSL) pode auxiliar na investigação e análise de sua comunicação científica por meio de pesquisas metodológicas ou outras pesquisas. Tem como objetivo revelar pesquisas, dissertações, teses, artigos e outros trabalhos relacionados à pesquisa e/ou temas específicos através de uma lógica sistemática e estruturada. A RSL deve ser abrangente, e os padrões metodológicos utilizados na pesquisa devem ser divulgados para que possam ajudar outros pesquisadores em suas revisões (RANDOLPH, 2009).

Segundo Nunes, Andrade e Moraes (2013), a revisão busca sintetizar evidências externas em uma série de estudos, analisados de acordo com os padrões apropriados, de forma transparente para que os leitores possam compreender os principais elementos que delinham a pesquisa. Da mesma forma, durante a implementação desta averiguação é importante seguir as etapas de seleção da questão temática, estabelecimento dos critérios para a seleção da amostra, análise e interpretação dos resultados e apresentação da revisão por meio de uma síntese.

A RSL precisa ter um “foco”, ou seja, o que se pretende extrair dos trabalhos encontrados. No caso desta revisão, o “foco” concentrou-se nas teorias apresentadas pelas pesquisas encontradas. Através disso, conseguiu-se identificar o que vem sendo abordado na área de HIS, se é suficiente ou não para agregar ao trabalho ou até mesmo identificar ausência dos conceitos utilizados nessa pesquisa. Outro fator importante da RSL, é a objetivação a identificação das questões centrais de cada pesquisa (REZENDE, 2018).

Para a realização desta pesquisa, foram estabelecidos como critérios de inclusão: a natureza do estudo (teses, dissertações e artigos); a similaridade temática, ou seja, foram incluídos todos os estudos que abordassem a “HIS no Brasil” e a “identidade de lugar”. Não houve um o recorte temporal na busca, pois, nesta pesquisa todo conteúdo dos programas são interessantes no período de vigência das políticas habitacionais, ou seja, os 45 anos que serão analisados nesta pesquisa. Também fez parte do processo, o acesso gratuito às publicações e as teses e dissertações de instituições que estejam registradas junto ao Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no Diretório de Pesquisa no Brasil.

Os trabalhos foram selecionados, em um primeiro momento, pelos títulos que apresentavam. Logo depois, foram analisados os resumos, os resultados e as considerações finais de cada trabalho, com as devidas observações e justificativas sobre a inclusão e exclusão dos mesmos. Quanto aos critérios de exclusão, foram afastadas: as publicações que não possuem similaridade temática com o objeto da pesquisa; publicações em que o acesso é permitido mediante pagamento; e trabalhos repetidos.

E a partir desses critérios, as bases selecionadas para a realização da busca eletrônica foram: a base de dados dos periódicos e de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Google Acadêmico. Os termos de descritores utilizados foram: Habitação de Interesse Social; Identidade de Lugar; Arquitetura; Ecologia Humana. Justifica-se a escolha destes descritores tendo em vista a busca pela realização de uma revisão mais ampla possível, visando alcançar a maior quantidade de estudos disponíveis que possuam os termos acima escolhidos. Porém, os resultados iniciais obtidos não foram satisfatórios, em vista que, demonstravam grandes números de resultados e/ou que não foram específicos o suficiente em relação ao tema proposto.

Quadro 2 – Revisão Sistemática de Literatura – Descritores.

Descritores				
Descritores	Base de Pesquisa	Resultados Encontrados	Base de Pesquisa	Resultados Encontrados
Habitação de Interesse Social	Periódicos CAPES	2.912	Google Acadêmico	129.00
Identidade de Lugar	Periódicos CAPES	38.739	Google Acadêmico	1.580.000
Arquitetura	Periódicos CAPES	17.493	Google Acadêmico	1.340.000
Ecologia Humana	Periódicos CAPES	17.069	Google Acadêmico	280.000

Fonte: a autora (2021).

A partir dessa pesquisa, os descritores foram combinados da seguinte forma: “Habitação de Interesse Social e Identidade de Lugar”; “Habitação de Interesse Social; Identidade de Lugar; Arquitetura”; “Habitação de Interesse Social e Ecologia Humana” e “Identidade de Lugar e Ecologia Humana”.

Quadro 3 – Revisão Sistemática de Literatura – Descritores em conjunto.

Descritores em conjunto						
Descritores	Base de Pesquisa	Resultados Encontrados	Seleção pelo título	Seleção pelo resumo	Observações	Total/ Relevante
Habitação de Interesse Social AND Identidade de Lugar	Periódicos CAPES	983	20	8	Foram encontradas em grande maioria, pesquisas voltadas para o campo segregação, administração de projetos sociais, empreendedorismo social, sociologia e saúde.	8
Habitação de Interesse Social + Identidade de Lugar						
Habitação de Interesse Social AND Identidade de Lugar AND Arquitetura	Periódicos CAPES	239	13	5	Pesquisas voltadas para políticas públicas, mídias sociais e saúde.	5
Habitação de Interesse Social + Identidade de Lugar + Arquitetura						
Notou-se que independente da ordem dos descritores e seus conectores (tais como and e +), os artigos encontrados pertencem em ambas as pesquisas. Além disso, muitas pesquisas se apresentaram repetidas no conjuntos selecionados.						
Habitação de Interesse Social AND Ecologia Humana	Periódicos CAPES	191	7	1	Pesquisas voltadas para o campo da cultura, religiosidade, sustentabilidade, gestão social,	1

Habitação de Interesse Social + Ecologia Humana					natureza e territorialidades, e educação ambiental.	
Notou-se que independente da ordem dos descritores e seus conectores (tais como and e +), os artigos encontrados pertencem em ambas as pesquisas. Além disso, muitas pesquisas se apresentaram repetidas no conjuntos selecionados.						
Identidade de Lugar AND Ecologia Humana	Periódicos CAPES	1.953	-	-	Demonstravam grandes números de resultados e/ou que não foram específicos	-
Identidade de Lugar + Ecologia Humana						
Notou-se que independente da ordem dos descritores e seus conectores (tais como and e +), os artigos encontrados foram os mesmos.						

Fonte: a autora (2021).

No total foram encontrados 12 artigos com os descritores selecionados, vale ressaltar que os descritores em conjunto "Habitação de Interesse Social AND Identidade de Lugar" e "Habitação de Interesse Social AND Identidade de Lugar AND Arquitetura" encontraram dois artigos iguais, portanto, foi considerado como um único resultado. Os artigos selecionados, de alguma forma se relacionam com o tema e foram considerados na pesquisa. Isso porque, em algum momento serviram como fundamentação teórica para a temática e, dessa forma, o assunto foi analisado de uma maneira global. Mesmo que a relação não estivesse explícita, a princípio. Como a pesquisa abrangeu vários assuntos, essa sistematização evitou a perda de conteúdo ao longo do processo. A RSL permitiu verificar então, a relevância do tema estudado, principalmente pela atualidade e por se tratar de uma abordagem ainda a ser aprofundada no âmbito da HIS.

Além da RSL, houve a revisão descritiva onde foram utilizadas pesquisas na internet com intuito de encontrar artigos acadêmicos, dissertações, teses e livros relacionados ao tema abordado para coleta de dados, análise e interpretação dos conceitos trazidos para o trabalho. Nessa revisão, buscou-se materiais de caráter quantitativo; para compreender a identificação e descrição de características de grupos de pessoas e fenômenos e também pesquisas feitas de forma qualitativa;

para utilizar modelos de mapas ou quadros descritivos para categorizar características. No final das as leituras foram observadas as referências presentes nos textos analisados como uma possível fonte de pesquisa.

4.1.2 Contorno Teórico

Pelo resultado das revisões, foi possível encontrar: termos usados; algumas características de publicações do mesmo meio de divulgação; as metodologias escolhidas e também os resultados alcançados em trabalhos com enfoques diversos. Em um primeiro momento, foi realizada a leitura dos textos onde os termos mais utilizados foram observados criteriosamente no sentido de perceber quais são os mais usados, a relação com o tema. Tais como: habitação, habitar, habitação de interesse social, moradia, unidade habitacional, casa, morador, residente, usuário, conjunto, conjunto habitacional, empreendimento de habitação de interesse social, residência, relações sociais, percepção e lugar. Desta forma, foi possível escolher os termos a serem empregados na dissertação dentre aqueles que mais apareceram nas publicações analisadas.

O termo “casa” foi utilizado no sentido de “casa própria” ou para se referir a tipologias morfológicas citadas, tais como casas, sobrados e apartamentos. “Relação social” foi usado no estudo que traz reflexos e observações a respeito da utilização de diferentes tipos de fontes visuais para pensar possibilidades de interpretação sobre grupos urbanos e setores da cidade, além da ligação com a satisfação dos usuários.

A palavra “conjunto” sempre se refere a “conjuntos habitacionais”, já o termo “residencial” utilizado sozinho, não foi usado em nenhuma das publicações e referências bibliográficas para se referir a um conjunto habitacional. Nota-se que na Prefeitura de Juiz de Fora (PJF) usam o termo “residencial” para se referir ao desenvolvimento de conjuntos habitacionais, porém, ainda não é reconhecido na literatura. Dessa forma, o mesmo não será usado nesse sentido na dissertação.

Baseado no uso desses termos, nos títulos, resumos e conteúdo dos trabalhos, o enfoque é mais objetivo utilizando parâmetros de qualidade e conforto ambiental, e não o emocional. O interesse, portanto, é direcionado a critérios mais qualitativos tal qual percepção como um todo, hierarquia de valor, reclamações dos usuários e desempenho da habitação.

Segundo Lopes (2016), o Plano Diretor de São Paulo, Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014, afirma que Empreendimento de Habitação de Interesse Social (EHIS) “corresponde a uma edificação ou um conjunto de edificações, destinado total ou parcialmente à HIS e usos complementares, conforme disposto na legislação específica” (SÃO PAULO – cidade. Prefeitura Municipal, 2014, p. 183). E o termo HIS “é aquela destinada ao atendimento habitacional das famílias de baixa renda, podendo ser de promoção pública ou privada, tendo no máximo um sanitário e uma vaga de garagem, e classificando-se em dois tipos” (SÃO PAULO, 2014, p. 183). Pelas definições aqui apresentadas e pela bibliografia pesquisada, optou-se pelo uso dos dois termos, em vista que, pelas arquiteturas escolhidas, ambos são contemplados na pesquisa.

Baseado no levantamento apresentado, na RSL e nas revisões descritivas, os termos mais utilizados na redação da pesquisa foram: “habitação de interesse social”, “unidade habitacional”, “conjunto habitacional”, “morador” e “usuário”. Dessa forma é possível proporcionar clareza na leitura do estudo.

Com base nas leituras, a Avaliação Pós-Ocupação (APO) é o método mais utilizado na área da arquitetura e urbanismo em estudos sobre a qualidade do ambiente construído. Mesmo sendo o método mais utilizado, não significa que seja o mais indicado para todo tipo de pesquisa. Quando o enfoque do trabalho é sobre a ambiência, percepção, satisfação e vivência do morador, necessita-se de dados mais pessoais e que seja possível captar a subjetividade dos dados.

Percebendo essa lacuna nos estudos sobre a espacialidade do lugar dentro da materialidade física e a partir da vivência, a presente dissertação visa compreender o ambiente construído a partir das espacialidades dadas pelo projeto da arquitetura das unidades habitacionais das HIS, desde o microssistema ao macrossistema. Para tanto, acrescenta-se referências das ciências sociais e da psicologia, tornando o estudo contemporâneo no campo da HIS.

4.2 PLANEJAMENTO DOS MÉTODOS

A pesquisa é fundamentalmente o papel da relação e interações entre pessoa-ambiente, mais especificamente, a relação pela própria identidade de lugar do conjunto e pela identidade de lugar do morador sobre o lugar. Trabalhará a identidade de lugar, voltada para o reconhecimento das atividades funcionais relacionadas ao ambiente físico e que podem induzir padrões e comportamentos das pessoas, além de observar como a identidade de um determinado lugar, pode impactar sobre o morador.

A investigação ocorreu a partir do entendimento de que o fato da transição ecológica primária ser inerente à mudança de endereço do residente da HIS ao receber as chaves da sua unidade habitacional. Também este momento se enquadra numa lógica cronológica e de desenvolvimento do residente, isto é, entre o desejo e/ou a satisfação da moradia anterior e atual. Cabe ressaltar que não necessariamente atua-se exclusivamente com unidades habitacionais recentes, pois a transição, como vista aqui, ocorre em qualquer uma das situações de entrega de unidades dos conjuntos de HIS.

Os programas de habitação no Brasil e em Juiz de Fora, como visto, percorrem uma longa trajetória política, social e econômica, sendo que a questão da moradia vai além do aspecto quantitativo, incluindo também, o direito à cidade. A partir da cronologia temporal dos programas de habitação, são selecionados conjuntos habitacionais de HIS em Juiz de Fora, para a observação da evolução das unidades habitacionais com base em quatro critérios: data do projeto no processo de sua aprovação, tipologia da morfologia, programa de necessidades e a localização urbana. Para a análise é trabalhado os conjuntos Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho.

A pesquisa englobou relações entre pessoa-ambiente com conceitos e técnicas da PA. A análise ambiental abrange, no mínimo, três componentes: (1) os espaços físicos (arquitetura e urbanismo, geografia das regiões, design de interiores e exteriores, conforto ambiental etc.); (2) os não físicos – aspectos psicológicos ou pessoais dos usuários, entretanto, dentro das limitações da dissertação, e (3) os sociais e culturais. Estas dimensões compõem um todo a ser analisado, de modo que ao aplicar os métodos acima citados, deve-se levar em consideração os demais

elementos do sistema ambiental (CAVALCANTE; ELALI, 2017), bem como diferentes escalas de observações (BRONFENBRENNER, 1996).

A Abordagem Ecológica do Desenvolvimento de Bronfenbrenner, que foi base nesta dissertação, é empregada no campo da PA e serve para compreensão da análise ambiental com o meio no qual o sujeito interage com o espaço, lugar e seu ambiente. Para isso, são observados quatro sistemas: (1) microssistema, é o ambiente onde o indivíduo estabelece relações face-a-face; (2) mesosistema, inclui inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa participa ativamente; (3) exossistema, são os ambientes onde a pessoa não se encontra presente, mas as relações que neles existem, afetam seu cotidiano; (4) macrossistema, abrange os sistemas de valores e crenças presentes na existência das diversas culturas, e que são vivenciados e assimilados no decorrer da vida diária (BRONFENBRENNER, 1977).

Os conjuntos das HIS e suas unidades habitacionais serão os cenários da pesquisa, onde a arquitetura, mais do que o urbanismo, será o componente morfológico do espaço físico do lugar de vivência dos moradores. Em um primeiro momento, serão utilizados como modelos das edificações os processos de aprovação e reforma dos projetos de arquitetura e urbanismo contidos nos processos da PJJ. Em sequência, estão os dados secundários das pesquisas de referências, realizadas nos referidos conjuntos, que durante seus desenvolvimentos realizaram entrevistas com pessoas residentes, percurso guiado e outras ferramentas de abordagem para investigar a relação com o lugar (no microssistema e exossistema), tudo, então, se dá por meio de uma meta-análise, tanto do que se extrai das falas dos moradores das HIS, quanto do que se analisam os investigadores dos estudos em seus trabalhos.

4.2.1 Instrumentos metodológicos

O planejamento da pesquisa teve uma abordagem multimétodos com o levantamento documental e em sequência, uma investigação físico-objetiva. A próxima seção visa apresentar a delimitação dos métodos e materiais a serem investigados, sendo eles separados em documentação direta (por meio de pesquisa documental, tais como: legislações municipais, documentos oficiais do município e desenhos técnicos de projeto de arquitetura; e documentação indireta: questionário

estruturado pela pesquisadora correlacionado com os dados secundários originários de pesquisas realizadas no PROAC, FAU/UFJF e Pesquisas do Projeto de Extensão Universitária, 2014 e 2016. Cujos resultados se pautaram, principalmente, nas questões voltadas ao uso e à funcionalidade das unidades.

4.2.1.1 *Organização de informações técnicas*

Utilizou-se a pesquisa documental constituída por uma coleta de dados em documentos pertencentes aos processos de aprovação de projetos do arquivo público do município, mais especificamente, do Departamento Divisão de Comunicações da Prefeitura de Juiz de Fora (DICOM-PJF). Mesmo diante da possibilidade da informação coletada não refletir a realidade, até mesmo em termos físicos do que foi a unidade habitacional entregue ao comprador, optou-se por adotar tal documentação por ela ser oficial, uma vez que são dados públicos registrados e, assim sendo, dizem muito sobre a natureza humana que envolve todo o pensamento espacial e ambiental, bem como, para o que se quer discutir nesta dissertação, não implicar em perdas significativas para a identidade de lugar atribuível ao cenário de vida dos conjuntos habitacionais.

A pesquisa documental ocorreu a partir da seleção temporal, onde se investigou o reflexo da política habitacional nacional, em uma cidade de porte médio ao longo dos últimos 45 anos (até o PMCMV). Para as investigações, foram adotados os critérios de seleção: data do projeto no processo de sua aprovação, tipologia da morfologia, programa de necessidades e a localização urbana. Ressalta-se, mais uma vez, que toda a pesquisa foi adotada no projeto aprovado na prefeitura, e não no projeto construído que pode estar modificado.

Para obter as informações técnicas e gráficas, realizou-se algumas visitas à DICOM-PJF, onde foi possível os acessos aos processos legais dos projetos das arquiteturas de cada conjunto habitacional abordado na pesquisa. Tais visitas, possibilitaram descrever as características técnicas das edificações e observar: (1)- número do processo, ano e tipo de documento; (2)- interessado e assunto (construção nova, reformas, ampliações e adaptações); (3)- registro de imóveis; (4)- formulários de solicitações e despachos formais no âmbito interno da prefeitura (certidões diversas, habite-se etc.); (5)- representação técnica para o projeto legal (contendo-se em geral: plantas baixas, cortes, fachadas, cobertura, situação e

locação). Destaca-se que no projeto mais recente (aprovado em 2017), não foram apresentadas as representações das fachadas das edificações entre o conjunto do processo de projeto de arquitetura e urbanismo. É importante informar que a pesquisa só teve acesso aos projetos na repartição pública, onde para análises detalhadas, foi necessário fotografar as folhas para estudá-las fora da DICOM. Todo esse processo, mesmo sendo de caráter público, teve autorização da repartição.

O levantamento de dados colabora para a análise das espacialidades das unidades habitacionais, trabalhando os ambientes onde ocorrem os relacionamentos pessoa-pessoa, aproximando-se à compreensão dos conceitos: Identidade de Lugar, Privacidade; Espaço Pessoal; Ambiência; Vínculo com o lugar, todos conforme Cavalcante e Elali (2017).

Também, se apresentam com três dimensões para a identificação com o lugar. Tais dimensões aqui são referentes ao que o lugar atribui de valor por suas características físicas, sua “carga” histórica e resposta conceitual de projeto e obra. São elas: (1) Funcional: diz respeito a setorização dos ambientes e ao papel do espaço físico como elemento que atrai, encoraja ou inibe movimentos, interferindo nos comportamentos que ali ocorrem; (2) Simbólico: refere-se ao conteúdo simbólico de origem sociocultural como meio intermediário no relacionamento pessoa-ambiente, onde há proposições de setores, ambientes e lugares na perspectiva que levarão a um uso planejado, elaborado e entregue pelo espaço físico da obra e que, assim sendo, determinarão organizações, comportamentos e relações sociais, influenciando o modo como cada indivíduo ou grupo compreende e age frente às diferentes situações em que se encontra e (3) Relacional: corresponde a interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano (sobretudo no tocante a amigos e familiares) e as características do ambiente onde o mesmo acontece, mais uma vez no que trata do ambiente físico a priori das edificações da HIS estudadas.

Ainda na esfera dos processos da DICOM-PJF, foram realizadas buscas no portal da PJF acerca dos instrumentos vigentes relativos à habitação de interesse social, como Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), vigente e em fase de revisão; Plano Municipal de Habitação; Leis Urbanísticas e mapas da cidade em geral.

Procedeu-se também a busca por meio do software Google Earth®, onde se encontram fotografias aéreas dos conjuntos habitacionais de HIS, com a finalidade de compreender visualmente, o processo de implantação e os mesossistema e

exossistema. Pode-se observar e descrever, com isto: ocupação, equipamentos urbanos (escola, creche, praça de lazer ou esporte, academia de ginástica, unidades de saúde pública, médico ou dentista particular, farmácia, instituições religiosas, associação de bairro, salão comunitário, mercearia, supermercado, lotérica, banco, etc.) e até divergências entre o projetado e aprovado e o visualizado, indicando, prováveis modificações dos conjuntos residenciais selecionados ao longo do tempo. Com a utilização do software foi possível capturar e visualizar as fotografias, correspondentes ao período de 2005 a 2021.

4.2.1.2 *Questionário estruturado e dados secundários*

Uma moradia adequada corresponde ao direito de viver com segurança, paz e dignidade. Para Saule Júnior e Cardoso (2005), existem alguns componentes essenciais, tais como: a segurança jurídica da posse; disponibilidade de serviços de infraestrutura; custo acessível da moradia; habitabilidade; acessibilidade; localização; e adequação cultural. Esta última, referem-se à diversidade cultural e aos padrões habitacionais advindos dos programas habitacionais existentes, usos e costumes dos grupos sociais.

Percebe-se os inúmeros equívocos do modelo padronizado defendido pelos planejadores de projetos habitacionais, que produziram moradias para um modo de vida não condizente com que se realmente vivencia nas unidades habitacionais, principalmente por não se considerar seus usos e costumes. Szücs (2000) ressalta que a padronização dos projetos de HIS tem dificultado a inserção social, a apropriação espacial e o pertencimento das famílias em seu local de moradia por não se identificarem. A insatisfação acontece pelo não atendimento às necessidades dos moradores, ou seja, os projetos não estão se adequando a diversidade das famílias daqueles que ali residem, por exemplo, articular habitação, trabalho, lazer, descanso e interação familiar. Dentre as problemáticas, existem fenômenos que são intrínsecos aos ecossistemas humanos e aos cenários da vida das pessoas que vivem nas HIS, isso porque existe um contexto ontológico e histórico que dá ao ambiente a identidade do lugar.

A partir do que foi explicitado acima, surgiu a preocupação em pesquisar e compreender quem está vivenciando a unidade habitacional, com intuito de entender as espacialidades dos lugares projetados para a HIS. Ou seja, distinguir a

consciência do corpo no lugar, a partir da vivência que contribui para a identidade de lugar.

Para isso, optou-se por realizar um questionário estruturado, com esse método seria possível identificar o perfil dos entrevistados e verificar sua visão sobre os atributos ambientais analisados. Uma das vantagens dessa ferramenta é que ela pode ser aplicada a uma gama mais ampla de respondentes.

O questionário estruturado pela pesquisadora, teve aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o registro CAAE no 37218920.1.0000.5147 (Anexo A). Assegurando que os resultados da presente pesquisa somente seriam tornados públicos se assim permitidos, garantindo o mínimo de risco; bem como declarou-se que os dados coletados para o desenvolvimento da pesquisa seriam assegurados pela privacidade das pessoas citadas nos documentos institucionais de modo a proteger sua imagem; além da garantia que não seriam utilizadas as informações coletadas com prejuízo dessas pessoas ou da instituição, respeitando deste modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa envolvendo seres humanos.

Porém, devido à pandemia de covid-19, encontramos uma série de problemas em torno da segurança para que fosse realizada a entrevista. Um exemplo a ser citado, foi ao realizar o primeiro contato com os síndicos dos conjuntos habitacionais e os mesmos não estavam de acordo com a aplicação presencial, além disso, também não estavam realizando reuniões nos condomínios para que a pesquisadora pudesse explicar a pesquisa com todos os moradores.

A partir disso, alterou-se o método para um questionário online. Dessa maneira, a utilização da internet, como recurso auxiliar de troca e disseminação de informações, possibilitaria a melhoria e a agilidade do processo de pesquisa. Além de permitir a pesquisadora o contato rápido, seguro e preciso com os indivíduos participantes do estudo. Foi realizado um pré-teste no dia 10 de dezembro de 2020 com um conjunto habitacional diferente dos escolhidos para a pesquisa, o conjunto Residencial São Geraldo, onde tivemos abertura com a síndica, o auxílio da administradora, porteiro e uma moradora que incentivava e ajudava na divulgação da pesquisa nos grupos do condomínio, e entregando panfletos para acessar o link do questionário. Mas infelizmente mesmo com todo o suporte, tivemos apenas nove respostas. Devido à falha do pré-teste pela não adesão dos moradores, seja por

motivo de não interesse, esquecimento ou por não finalizarem as respostas, foi seguido uma nova forma de abordagem para o estudo da identidade de lugar.

Atualmente, entende-se que a verificação de um estudo pode ser realizada de diversas formas, uma delas por meio da revisão, que pode ser sistemática ou narrativa. É importante destacar que ambas “utilizam-se fontes de informação bibliográficas ou eletrônicas para a obtenção de resultados de pesquisa de outros autores, com o objetivo de fundamentar teoricamente um determinado objetivo” (ROTHER, 2007, p. 2). As revisões sistemáticas têm como objetivo encontrar o maior número possível de estudos relacionados a pesquisa e usar métodos claros para determinar o que pode ser dito de maneira confiável com base nesses estudos.

Essas revisões podem ser apresentadas por meio de meta-análise ou metassíntese, ou seja, a síntese de seus resultados, neste caso os resultados de pesquisas anteriores. Para que pudesse ocorrer o estudo sobre a identidade de lugar dos conjuntos habitacionais escolhidos, foram selecionados os roteiros de entrevistas e questionários das pesquisas: (1) “Lugar e violência na habitação de interesse social: estudo de caso em Juiz de Fora, MG” (ONGARO, 2015), (2) “Práticas Sociais e Percepção do Usuário como Parâmetros para Projetos de Arquitetura no Interior da Habitação de Interesse Social: estudo de caso no Condomínio Vivendas Belo Vale, Juiz de Fora, MG” (LOPES, 2016), (3) “Proposição Taxonômica de um Caderno de Projetos para Habitação de Interesse Social: pesquisa de campo no Residencial Miguel Marinho, Juiz de Fora – MG” (REZENDE, 2018), (4) monografia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (FAU/UFJF) intitulada “Território, Corpo e Narrativa: uma análise dos efeitos do programa Minha Casa Minha Vida em Juiz de Fora sob a perspectiva de gênero” (MAGALHÃES, 2019) e Pesquisas do Projeto de Extensão Universitária (2014) nomeada “Escritório Escola Itinerante: avaliação e assessoria técnica pelo curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora em empreendimento do Programa Minha Casa Minha Vida em Juiz de Fora – MG” e “Escritório-Escola Itinerante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF: assessoria técnica para apoio ao governo municipal no planejamento e gestão da política habitacional de interesse social” (2016).

Segundo Lopes e Fracolli (2008), a meta-análise é o método aplicado à revisão sistemática que integra os resultados de dois ou mais estudos. Porém, os autores advertem que a análise só pode ser executada se os estudos incluídos

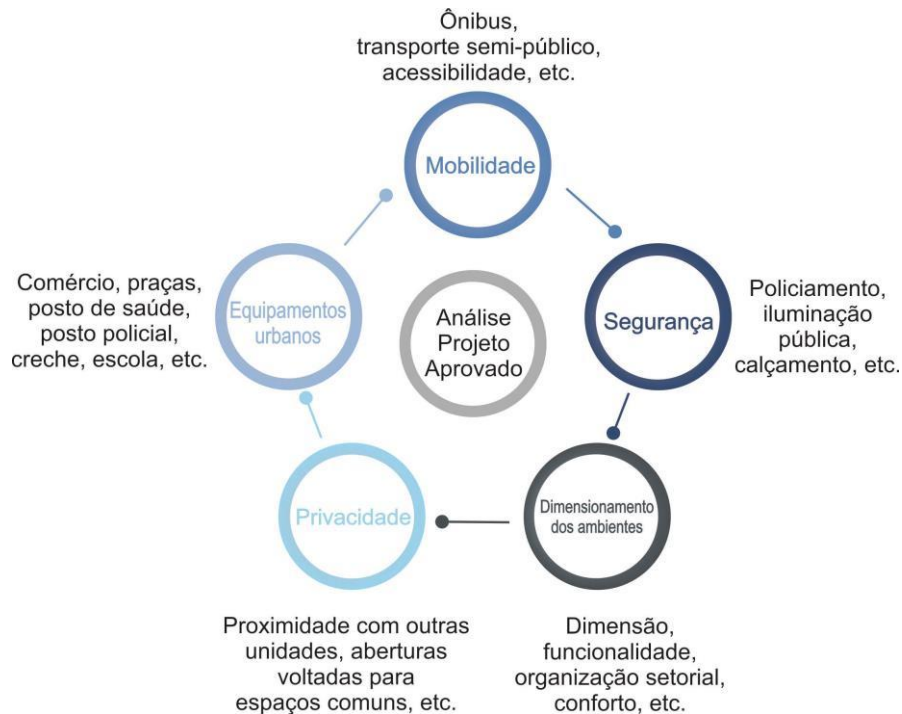
forem semelhantes, ou seja, se a amostra, a intervenção e os desfechos de pesquisa forem homogêneos. O método de metassíntese qualitativa, segundo os autores, originou-se da sociologia e pode ser definida como um estudo qualitativo que utiliza os dados de outros estudos qualitativos relativos ao mesmo tema, ou a temas correlacionados. Ou seja, a metassíntese corresponde a uma integração interpretativa dos resultados, portanto, se enquadra na presente pesquisa em vista que, ambas estudam o mesmo cenário, possuem o mesmo público alvo, afim de aprofundar o tema e entender como acontece a identidade de lugar nas unidades habitacionais da HIS.

A metassíntese estimula em paralelo, tradução e análise dos dados originais que resultam em novas interpretações, incorporando os significados nos estudos constituintes da pesquisa (CASTRO, 2002). Entende-se que “esforços no sentido de se sintetizar estudos qualitativos são vistos como essenciais para atingir proposições analíticas mais elevadas e também ampliar a generalização da pesquisa qualitativa”. (LOPES; FRACOLLI, 2008, p. 773).

Assim, a metassíntese pode ser usada para formular conclusões e recomendações. Como forma de integrar os questionários das pesquisas de referências e o questionário estruturado pela autora, foi realizado um agrupamento comparativo das perguntas abordadas para os moradores, assim, foi possível avaliar quais questões eram compatíveis, o que tinha de diferente que poderia ser agregado e o que não caberia para o âmbito deste estudo. No anexo B, encontra-se o questionário aprovado pelo Comitê de Ética e no anexo C como foi realizado o compilado das entrevistas e questionários de cada pesquisa.

De forma a analisar o que tem sido produzido a respeito da temática habitacional e seu entrelaçamento com as vivências dos moradores, realizou-se um estudo no questionário de forma a transformá-lo em questões de análises para as arquiteturas investigadas. A formulação teve como elementos norteadores as seguintes categorias analíticas: (i) o exossistema e o mesossistema, abordando os equipamentos urbanos, mobilidade, segurança e relacionamentos; (ii) o microsistema, tratando do dimensionamento dos ambientes, segurança, privacidade, apropriação, estresse ambiental, identidade de lugar e afetos ao lar. Tais conjuntos são indicativos ao que o lugar atribui de valor por suas características físicas. No que tange o desenho de projeto é possível observar:

Figura 2 – Itens analisados nos desenhos de projeto aprovado e falas dos moradores.



Fonte: a autora (2022).

Essas características se encontram no agrupamento das seguintes perguntas abaixo (Quadro 4). Essas questões possibilitam descrever as diversas materialidades, que podem ser lidas na planta baixa do processo de cada conjunto e no estudo do bairro. Além disso, a partir das falas dos moradores é possível ressaltar itens diagnosticados na avaliação construtiva. De forma geral, essas perguntas são direcionadas para identificar no (i) campo funcional, a implantação do conjunto e a concepção e setorização dos ambientes das unidades habitacionais, de maneira que o papel do espaço físico encoraje ou inibe comportamentos que ali ocorrem; e (ii) campo relacional, representando onde acontece a interação dinâmica entre pessoa-pessoa e pessoa-ambiente.

Quadro 4 – Perguntas direcionadas à análise da materialidade representada nos desenhos de projeto aprovado

Análise no campo do projeto aprovado	A divisão da casa é boa.
	A casa atende as minhas necessidades de moradia (abrigo, atividades diárias e lazer).
	Também trabalho aonde moro.
	A casa atende bem outras necessidades (trabalho, estudo, etc).
	A casa é boa para minha família e/ou outras pessoas (além de mim).
	Gosto da temperatura e da ventilação da minha casa.
	Gosto da acústica da minha casa.
	Gosto da iluminação natural da minha casa.
	Sinto que tenho privacidade em minha casa.
	Meu conjunto residencial (e/ou rua) tem lugar para atividades de lazer e sociais (parquinho, salão de festas, etc).
	Acho meu bairro bonito.
	O meu bairro é agradável e bem cuidado.
	O meu bairro é bem localizado.
	O meu bairro é um bom local para fazer as coisas de que mais gosto.
	O meu bairro tem os serviços que preciso (comércio, supermercado, igrejas, etc).
	Uso os serviços públicos de saúde e educação, que tem no meu bairro.
	Pratico lazer (esporte, caminhada, corrida, bicicleta, etc.) no meu próprio bairro.
	As linhas de ônibus atendem as necessidades do bairro.
	O bairro é movimentado e/ou agitado durante a semana.
	O bairro é movimentado e/ou agitado nos finais de semana.
	O bairro possui uma festa (religiosa, cultural, etc.) e/ou atividade que ocorre todos os anos e que marca a presença a comunidade.
	Qual a localização do seu trabalho?
	Como você chega ao trabalho?
	Qual serviço você utiliza no bairro ou próximo de onde mora? (Pode marcar mais de uma opção)
	Qual serviço você utiliza no centro ou longe de onde mora? (Pode marcar mais de uma opção)
	Qual serviço você utiliza ônibus para ir? (Pode marcar mais de uma opção)
O que você acha que falta no conjunto e na sua casa/apartamento?	

Fonte: a autora (2022).

O levantamento de dados sobre relacionamentos, apropriação, estresse ambiental, afetos ao lar e identidade de lugar são questões que envolvem a presença da fala do morador e de seu olhar sobre arquitetura. Para isso levou-se em consideração os relatos trazidos das pesquisas de referência como forma de metassíntese, estimulando em paralelo a análise dos desenhos de arquitetura, traduzindo dados originais resultando em novas interpretações, e incorporando os significados nos estudos e conceitos constituintes dessa pesquisa.

Figura 3 – Itens observados a partir das falas dos moradores.



Fonte: a autora (2022).

As perguntas baixas (Quadro 5) refere-se ao conteúdo simbólico de origem sociocultural como meio intermediário no relacionamento pessoa-ambiente, onde há interferências do meio nos comportamentos e relações sociais, influenciando o modo como cada morador compreende e age frente às diferentes situações em que se encontra, ocasionando ou não, na identidade de lugar.

Quadro 5 – Perguntas direcionadas a análise das falas dos moradores no campo simbólico e emocional.

Análise do campo simbólico e emocional	Meu lar diz muito sobre quem eu realmente sou.
	Sinto-me feliz no meu lar.
	Me sinto seguro (a) em meu lar.
	Gosto de morar nesta casa mais do que em outras casas da cidade.
	Posso ser eu mesmo nesta casa.
	Minha casa reflete quem eu sou.
	Minha casa é um bom lugar para fazer as coisas de que mais gosto.
	Minha família tem sentimentos iguais a mim sobre a casa.
	A covid-19 mudou a rotina da sua casa.
	Aponte um aspecto positivo da sua casa.
	Aponte um aspecto negativo da sua casa.
	Se você fosse escolher uma moradia, seria:
	Fico muito tempo ausente da minha casa.
	Tenho amizade com meus vizinhos.
	Tenho um bom relacionamento com outros moradores do conjunto e/ou rua.
	Digo aos outros que moro neste bairro e tenho orgulho disso.
	Estou feliz com minha decisão de morar aqui neste bairro.
	Tenho vontade de reformar minha casa/apartamento.
	Gosto da minha casa como ela é.
	Morar nesta casa me lembra o meu passado.
	Eu recebo visitas em minha casa.
	Tenho fotos, quadros, móveis, etc., na minha casa e que fazem parte da minha história.
	Posso ter animais de estimação em minha casa.
Minha casa significa muito para mim.	
Você pode mandar uma foto daquilo que você mais gosta da casa?	

Fonte: a autora (2022).

O capítulo 5 mais a frente, aborda a HIS em Juiz de Fora e os conjuntos escolhidos para análise. Nele é possível entender como foi a abordagem do questionário estruturado e dos dados secundários, afim de analisar os fenômenos inerentes aos ecossistemas humanos, a partir das falas dos moradores, retiradas das entrevistas de suporte.

5 HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EM JUIZ DE FORA E OS CONJUNTOS ESCOLHIDOS PARA ANÁLISE

5.1 HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL EM JUIZ DE FORA

Em Juiz de Fora, a questão da HIS aconteceu de forma semelhante à maioria das cidades brasileiras, sem planejamento e envolvimento do Estado. Ou seja, a evolução da HIS na cidade ficou na responsabilidade das iniciativas privadas, nos primeiros tempos, produzindo vilas operárias, habitações coletivas e loteamentos, tal como, a Vila Mascarenhas no Bairro São Bernardo, edificada para os operários da Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas em 1920 (MAR-PEREIRA, 2012). No início da década de 1970 houve um processo de descentralização, e Juiz de Fora começa a ser chamada de cidade pós-fordista, processo caracterizado pelo modelo fordista de produção norteado pelas concepções da produção em massa e da racionalidade espacial. No final dos anos 1970, no Brasil e na cidade, se redefine os padrões de desenvolvimento entre a economia e as regiões geográficas, assumindo uma forma mais flexível indo contra o fordismo (SILVA, 2014).

Em 1975, foi elaborado o Plano de Desenvolvimento Local Integrado em Juiz de Fora, após observarem grandes economias urbanas ao lado da especulação imobiliária em determinadas áreas. No período de 1976 a 1986, acontece o desenvolvimento e a implantação do Programa Federal Cidade de Porte Médio em Juiz de Fora que resultou na origem do bairro Milho Branco. Foram criadas três versões do Programa Cidade de Porte Médio com o objetivo de dotar o desenvolvimento das cidades de porte médio de uma rede de infraestrutura mais adequada, com condições de absorver o crescimento populacional. Em Juiz de Fora foi implantado em 1986, a segunda versão do programa, denominada de CPM/BIRD, vinculado ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, a sua seleção foi resultado da equipe do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Juiz de Fora (IPPLAN/JF) em 1978, na elaboração do chamado “Perfil de Juiz de Fora” (MAR-PEREIRA, 2012).

De acordo com Mar-Pereira (2012), em 1987, aconteceu a inauguração da Empresa Regional de Habitação Juiz de Fora S/A (EMCASA) e o desenvolvimento do CORE (Coordenadoria de Regularização de Parcelamento), realizados por ação da Prefeitura Municipal. Seu objetivo visava oferecer moradia ou terrenos para a população de baixa renda com recursos financeiros provenientes do governo, sua

atuação contribuiu positivamente, ainda que de forma limitada, para a melhoria do déficit habitacional na cidade (LOPES, 2016).

Em 1990, notou-se um crescimento demográfico significativo nas regiões Oeste e Sul, resultado do incentivo da construção de empreendimentos comerciais e de condomínios para classe média e alta (CASSAB; PINTO, 2013). Nos anos 2000, a cidade começou a apresentar ações e instrumentos para o fornecimento de habitação. Com o objetivo de garantir o cumprimento das ações sociais da cidade, em 2000, foi sancionada a Lei 9811/2000 que estabeleceu o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), e em 2009, foi aprovado o Plano Municipal de Habitação (PMH), na esfera do Conselho Municipal de Habitação que considera aos princípios da PNH, porém, não se transformou em lei ⁴ (ZAMBRANO, 2012).

Mesmo após estas iniciativas, Juiz de Fora surgiu na lista das cidades mineiras com os maiores déficits habitacionais em 2010, tendo uma carência de 16 mil unidades (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2013). Atualmente, não diferindo da realidade nacional, destaca-se o PMCMV como o programa que produziu o maior número de unidades até os dias de hoje no município. Dessa forma, observa-se que para além da cidade, assim como, em todo o cenário nacional, o PMCMV é o principal programa habitacional. Porém, ainda existem carências de HIS, e para que estas sejam resolvidas, ou reduzidas, o novo programa de habitação deve considerar diretrizes alinhadas com as recomendações contidas no Plano Diretor Participativo, e alinhadas com o Estatuto da Cidade.

5.2 LEGISLAÇÃO MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA, CÓDIGO DE OBRAS

Ao longo dos 120 anos de legislação urbana em Juiz de Fora, desde as determinações voltadas para questões sanitárias até a Legislação Urbana Básica da cidade, de 1986, as restrições ocorreram devido as particularidades tecnológicas da cidade na época (CARDOSO, 2015).

No final de 1888 a Câmara assinou contrato com o engenheiro José Barbosa Uchoa Cavalcanti para desenvolver a planta cadastral e topográfica detalhada da cidade, incluindo todo o perímetro urbano. Em 1934, Menelick de Carvalho remodela

⁴ Apesar disso, o documento orientou nas ações em habitação até a aprovação do Plano Diretor de 2018.

os serviços municipais e faz a elaboração do Código Tributário e do Código de Obras, de 1938 (Decreto Lei n. 23). Essa importante lei tinha 32 capítulos e estabeleceu regras mais precisas para a ocupação do solo na cidade e para as edificações (SEGHETTO *et al.*, 2018).

Em 1936, a Diretoria de Obras Públicas da Prefeitura emitiu o "Código das Construções", que foi o resultado de uma compilação das posturas, leis e decretos municipais existentes. Dois anos depois, em 1938, a Prefeitura aprovou o Código de Obras de Juiz de Fora. Este novo documento alterava as leis existentes e estabelecia novos regulamentos da cidade. O Código tinha uma função normativa, mas também um significado norteador em termos de procedimentos administrativos e construtivos. Isso também é importante para o macroplanejamento urbano porque iniciava o processo de zoneamento urbano dividindo a cidade em grandes áreas (comercial, industrial, residencial, rural ou agrícola). Até o Código de 1936, Juiz de Fora era dividida apenas em áreas urbanas e suburbanas (ALBERTO; RODRIGUES, 2018).

Segundo Tasca (2010), o planejamento urbano visa buscar a ordenação das cidades visando a melhoria da qualidade de vida da população, portanto, aponta-se que a política urbana aplicável ao território deve estar voltada para a equidade sócio espacial, ou seja, a legislação urbana contribui para alcançar o crescimento equilibrado.

O plano diretor cuja necessidade de implantação foi definida pela Constituição de 1988 é um documento legal que deve contemplar a regulamentação do uso e ocupação do solo, do parcelamento e do zoneamento urbano. Cardoso (1997), enfatizou o conflito entre várias ordens envolvidas no desenvolvimento desses planos diretores. A linguagem é caracterizada por seu tecnicismo ultrapassando em muito o conteúdo jurídico, sendo significativo o desequilíbrio entre as seções relacionadas aos instrumentos de controle do uso e ocupação do solo e à política habitacional. Além disso, tais instrumentos ou diretrizes precisam ser supervisionadas para tornar o plano diretor efetivo, tendo em vista que é difícil aprovar ou modificar os projetos de leis de uso e ocupação do solo.

A cidade de Juiz de Fora permaneceu com o Código de Obras de 1938 até 1986 quando foi criada a Legislação Urbana Básica, passando a ser utilizada como instrumento de planejamento para o desenvolvimento urbano. Naquela época, por iniciativa do Programa CPM/BIRD, três leis entraram em vigor: 6908/86, sobre a

legislação de Parcelamento Urbano, 6909/86 sobre o Código de Edificações e a 6910/86, sobre o Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo. Esta legislação visa limitar a expansão desordenada da cidade e promover o seu desenvolvimento para o norte, conduzindo à desconcentração das zonas territoriais mais saturadas e garantindo, assim, pelo menos teoricamente, a possibilidade de implantação de planos urbanísticos (SEGHETTO *et al.*, 2018).

Conforme Tasca (2010), como resultado de um conjunto de ações visando o planejamento da cidade, elaborou-se em Juiz de Fora, no ano de 1996 (gestão do Prefeito Custódio Mattos), uma proposta para o PDDU. A elaboração atribuiu ênfase à questão da regulação do solo urbano e foi estruturado em quatro volumes (Diagnóstico, Proposições, Anexos e Projetos de Lei). O documento foi encaminhado ao Poder Legislativo, junto com o Projeto de Lei do Parcelamento e Uso e Ocupação do Solo. Estes instrumentos buscavam criar normas e diretrizes que coordenassem o crescimento do Município de modo ordenado e racional, mantendo e melhorando as condições urbanas. Porém, com a mudança de administração, o novo governo que assumiu em 1997, retirou o plano e os projetos de lei, da Câmara Municipal.

Evidentemente, não bastam planos, normas e leis. É preciso haver continuidade da prioridade administrativa para o planejamento e controle urbanístico. Mais importante ainda, é imprescindível o crescente envolvimento da comunidade e de cada cidadão com sua cidade. Por isso, a equipe técnica que realizou o Plano Diretor, com grande competência e dedicação, orientou-se o tempo todo pelas discussões com a comunidade e incentivou sua participação. Esperamos que este envolvimento de todos com a vida da cidade e sua qualidade constitua-se na melhor garantia do efetivo cumprimento desse Plano e de seu constante aperfeiçoamento. (PREFEITURA DE JUIZ DE FORA, 1996, p. 05)

O processo de construção do novo plano teve finalização no ano de 1996, a proposta foi encaminhada ao legislativo, contudo, em 1997 houve mudança de gestão e a administração que assumiu a prefeitura de Juiz de Fora retirou o PDDU da Câmara, declarando não ter participação efetiva da sociedade civil. Após o período suspenso e com uma nova equipe, buscou-se como alternativa a contratação de uma consultoria do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), porém, por falta de recursos a solução foi encontrada a partir do contato com Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). O documento é encaminhado no ano de 1999, e aprovado pela Lei

nº 9.811 de 27 de junho de 2000 com o título “Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU Juiz de Fora Sempre” (SOUZA, 2019).

O processo de construção do PDDU/2000 aconteceu através da coordenação do Instituto de Pesquisa e Planejamento de Juiz de Fora (IPPLAN) com a formação de uma equipe técnica composta por múltiplos setores e instituições, com a responsabilidade de realizar pelas pesquisas e estudos para definir estratégias de participação popular (OLIVEIRA, 2006). O novo plano seria composto por quatro volumes: (1) representaria em um diagnóstico da realidade, com caracterização, exposição do quadro natural, definições e mapeamentos; (2) trazia uma sistematização e apresentação de proposições; (3) demonstrava os anexos, como mapas e gráficos e o (4) abordaria os projetos de lei, com propostas de zoneamento e parcelamento do uso do solo. Segundo Tasca (2010), esse volume era de grande importância devido a apresentar o modo como se efetivaria o plano.

O plano aprovado possuía um conteúdo semelhante ao anterior, entre as poucas modificações feitas, foi retirado o quarto volume que tratava das propostas regulamentação, uso, ocupação e parcelamento do solo. O plano diretor formado sem seu principal volume, resumiu-se em um compilado de informações e caracterizações descritivas

Toda revisão de qualquer instrumento de planejamento é válida desde que desenvolvida a partir de uma metodologia e de critérios definidos e que, em consequência, agregam maior valor, qualidade e propostas mais avançadas, o que infelizmente, não ocorreu. A retirada das propostas de legislação relativa ao parcelamento, uso e ocupação do solo, e da proteção de mananciais São Pedro e Espírito Santo tornou o PDDU aprovado pouco efetivo. Perdeu-se uma oportunidade ímpar de se ter uma nova legislação urbana básica compatível com um Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano comprometido em promover a cidade nas dimensões sociais, ambientais, econômicas, urbanísticas, refletindo diretamente no cotidiano dos cidadãos. (OLIVEIRA, 2006, p. 48).

Entre 2013 e 2015, o novo Plano Diretor começa a ser construído conforme diretrizes previstas no Estatuto da Cidade através da Lei Federal 10.257/2001. O texto foi encaminhado para o Executivo e para à Câmara Municipal em 22 de agosto de 2016. Em 2018 o novo PDDU foi aprovado, este refere-se à Lei Complementar nº082/2018. Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Urbano e Territorial, o

Sistema Municipal de Planejamento do Território e a revisão do PDP/JF de Juiz de Fora.

Os princípios que regem a Política de Desenvolvimento Urbano e Territorial e o Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora são: I - Função Social da Cidade; II - Função Social da Propriedade; III - Direito à Cidade Sustentável em todos os seus aspectos; IV - Direito ao Meio Ambiente Ecologicamente Equilibrado; V - Cidadania e Gestão Democrática. (Juiz de Fora, 2018, p. 1).

Nesta nova versão revisada do plano diretor encontra-se uma diretriz relacionada ao incentivo à produção de Habitação de Interesse Social, de equipamentos sociais e culturais e a proteção e ampliação de áreas livres e verdes, proporcionando acesso e inclusão aos cidadãos. Prevê ainda a Política de Habitação de Interesse Social, visando assegurar a população de baixa renda o acesso à terra urbanizada e a habitação digna e sustentável.

A PHIS-JF deverá concentrar esforços para a redução do déficit habitacional quantitativo e qualitativo no Município e das desigualdades sócioespaciais em regiões desprovidas de condições adequadas de infraestrutura básica e habitabilidade, por meio de: I - Áreas de Diretrizes Especiais - Habitação - ADE Habitação; II - Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS; III - Regularização Fundiária sustentável de interesse social; IV - Programas de Provisão Habitacional; V - Cota de Habitação de Interesse Social. (Juiz de Fora, 2018, p. 5).

Dentre as ações, a PHIS-JF terá que promover o planejamento para identificação de vazios urbanos, públicos e privados, destinados a implantação de Zona de Especial Interesse Social (ZEIS) ou Áreas de Diretrizes Especiais da Habitação (ADEs), permitindo a implementação dos programas e projetos habitacionais. Outra ação prevista é garantir meios para a produção de loteamentos, unidades e conjuntos habitacionais urbanizados e supridos de infraestrutura, de tal modo que as soluções atendam com qualidade às reais necessidades dos usuários. Além desses indicativos, o Plano Municipal de Habitação precisará estar em consonância com a Política Nacional de Habitação e Estatuto da Cidade (JUIZ DE FORA, 2018, p. 07)

O atual Plano Diretor define que o território do Município de Juiz de Fora é constituído pelo Distrito Sede de Juiz de Fora, Distrito de Rosário de Minas,

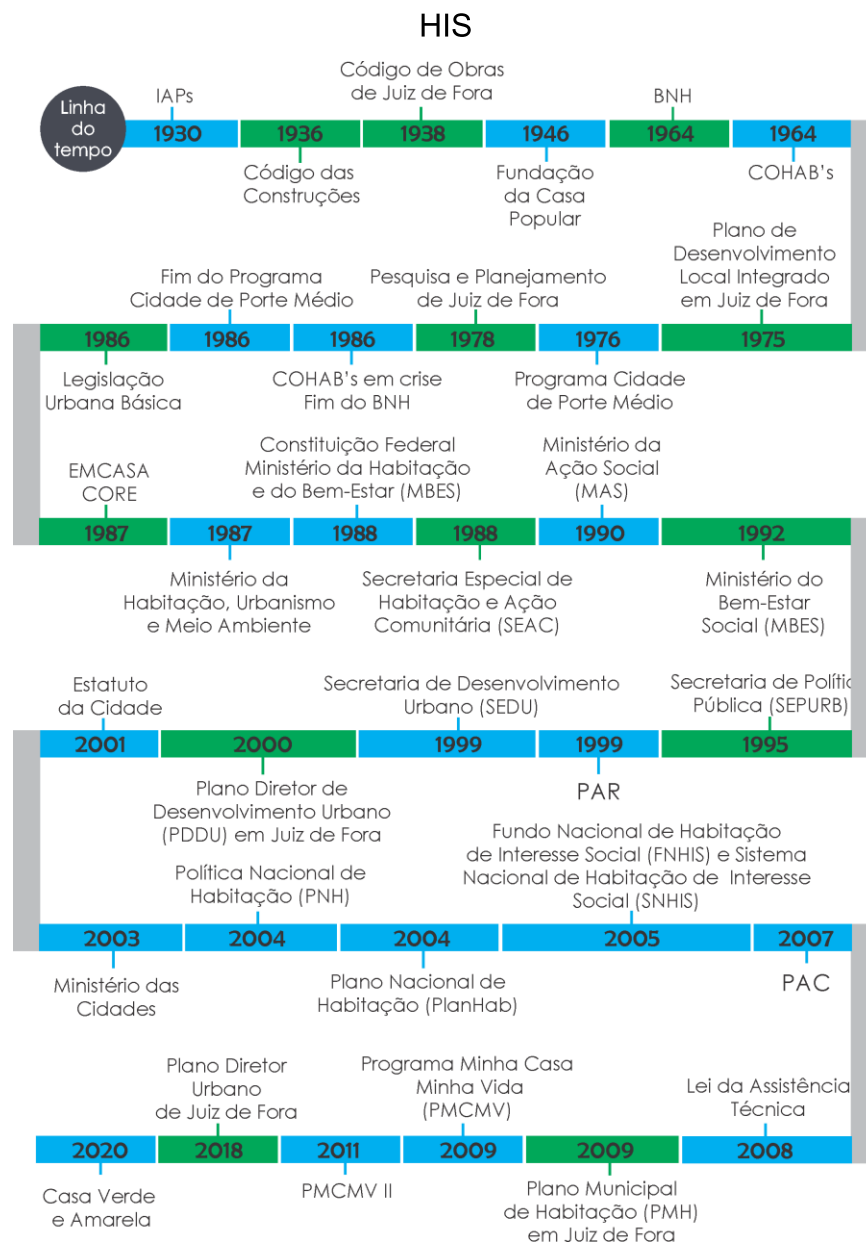
Distrito de Sarandira e Distrito de Torreões. Além disso, para fins da gestão da política de desenvolvimento urbano e territorial, o Distrito Sede é constituído por 8 Regiões de Planejamento (RPs): I - Região de Planejamento Sul; II - Região de Planejamento Oeste; III - Região de Planejamento Centro-Oeste; IV - Região de Planejamento Norte; V - Região de Planejamento Nordeste; VI - Região de Planejamento Leste; VII - Região de Planejamento Sudeste e VIII - Região de Planejamento Centro. As regiões de planejamento são compostas por Unidades de Planejamento (UPs). Além disso, o plano prevê a Macroárea de Requalificação, Consolidação e Expansão Urbana na cidade, sendo elas destinadas ao uso urbano diversificado (JUIZ DE FORA, 2018, p. 17).

Dessa forma, o Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora de 2018 é o instrumento básico da política de desenvolvimento, ordenamento da expansão urbana e o referencial orientador para a atuação da administração pública e privada no seu âmbito territorial. Ressaltamos neste trabalho que essa legislação ainda é vigente e é a principal formadora do espaço urbano de Juiz de Fora na atualidade.

5.3 ARQUITETURAS INVESTIGADAS

A HIS como objeto de estudo transdisciplinar percorre uma longa trajetória política, social e econômica. Conforme se vê na linha cronológica temporal dos programas de habitação no Brasil e em Juiz de Fora, a questão da moradia vai além do aspecto quantitativo, mas também toca questões relacionadas ao direito a cidade.

Figura 4 – Linha cronológica dos programas e políticas públicas voltadas para



Fonte: a autora (2022).

Como visto no tópico que tratou da política brasileira para a questão, nota-se que, atualmente, o modelo praticado por quase todos programas de HIS exclui, as possibilidades de participação da população atendida, principalmente naquilo que se refere à competência da arquitetura e urbanismo e da infraestrutura.

Tendo-se como referência inicial os IAPs e a Fundação Casa Popular, percebe-se que há uma abrangência temporal de aproximadamente 15 anos entre tais programas. Nos dois casos aqui elencados, os projetos de arquitetura tiveram conceitos e ideais calcados pela estética da arquitetura e sua funcionalidade espacial, tudo com base no pensamento do movimento moderno à época. As concepções são constatáveis, tanto em projeto, quanto no produto executado dos conjuntos habitacionais, e dos espaços comunitários de lazer e serviços. Com a elaboração do SFH e a criação do BNH, aponta-se para uma quebra de vários paradigmas existentes nas políticas públicas, pois, no que refere ao tempo de abrangência do programa, ele durou 22 anos. Com relação à concepção de projeto, do nível urbanístico ao processo construtivo, foi embasado pela lógica mecanicista, e a localização urbana pelo custo da terra, sugerindo-se a necessidade de expansão da infraestrutura urbana, contudo a ser realizada pelo poder local ou estadual, quer por meio de empresas públicas ou contratadas.

Com o fim do BNH, a política de Estado passou por outras transformações, entre elas a modificação Constitucional do direito à moradia, o Estatuto da Cidade, a Lei de Habitação, a criação do Ministério das Cidades e a proposição do PMCMV, neste sentido, o referido programa ainda está sendo questionado. Os parâmetros de concepções aqui trabalhados, se apresentam, pelos estudos levantados, semelhantes ao que se viu no BNH, contudo, observa-se as diferenças temporais de tecnologia e gestão dos empreendimentos.

A partir da cronologia temporal dos programas de habitação acima visto, foram selecionados seis projetos de arquitetura de HIS em Juiz de Fora, onde adotamos os critérios de seleção: data do projeto no processo de sua aprovação, tipologia da morfologia, programa de necessidades e a localização urbana. Esses projetos serão parte do estudo como um breve histórico da implantação dos conjuntos e programas habitacionais na cidade, e também, para uma análise ampla de funcionalidade dos conjuntos.

Tabela 1 – Projetos arquitetônicos selecionados para a pesquisa.

Edificação	Tipologia	Ano	Programa	Bairro	Localização urbana
Edifício Antônio Weitzel	Casa	1975	BNH	Barbosa Lage	Zona Norte
Solar Tabuleiro	Casa geminada	1982	BNH	Cidade do Sol	Zona Norte
Condomínio Rio Branco	Prédio	1982	BNH	Santa Terezinha	Zona Nordeste
Residencial Santa Amélia	Casa	1990	-----	Barbosa Lage	Zona Norte
Residencial BeloVale 1	Prédio	2009	PMCMV	Barbosa Lage	Zona Norte
Green Tower	Prédio	2017	PMCMV	Manoel Honório	Zona Leste

Fonte: a autora (2020).

Para o estudo voltado na identidade de lugar, foram escolhidos dois conjuntos:

Tabela 2 – Projetos arquitetônicos selecionados para estudo da identidade de lugar.

Edificação	Tipologia	Ano	Programa	Bairro	Localização urbana
Vivendas Belo Vale	Sobrado Geminado Sobrado (Quatro unidades habitacionais por sobrado)	2011	PMCMV	São Geraldo	Zona Sul
Miguel Marinho		2012		Benfica	Zona Norte

Fonte: a autora (2021).

5.4 RESULTADOS DE LEVANTAMENTO DE DADOS DA INVESTIGAÇÃO

Cinco dos seis projetos possuem característica funcionalistas (plantas baixas setorizadas), recorrentes nas habitações do BNH, como o Solar Antônio Weitzel (1972) e Solar Tabuleiro (1982), onde existia anseios por modernidade, mas não deixava alguns aspectos tradicionais de lado, tais como a presença de um escritório no segundo pavimento, em um local afastado dos outros cômodos da casa. Esse cômodo possui suporte de uma copa e um banheiro, este, que poderia ser utilizado também para quando se realizava algum evento na cobertura, tornando-se um banheiro social (ver planta baixa do Solar Tabuleiro). No primeiro pavimento do quarto de estudos (Solar Tabuleiro, planta baixa de 1982), que tinha como objetivo estabelecer um local próprio para os estudos, ajudando a criar um espaço pessoal e privativo. Ao longo dos anos, percebe-se que esses cômodos reservados para uma atividade específica foram de

Figura 5 – Condomínio Antônio Weitzel (1972).

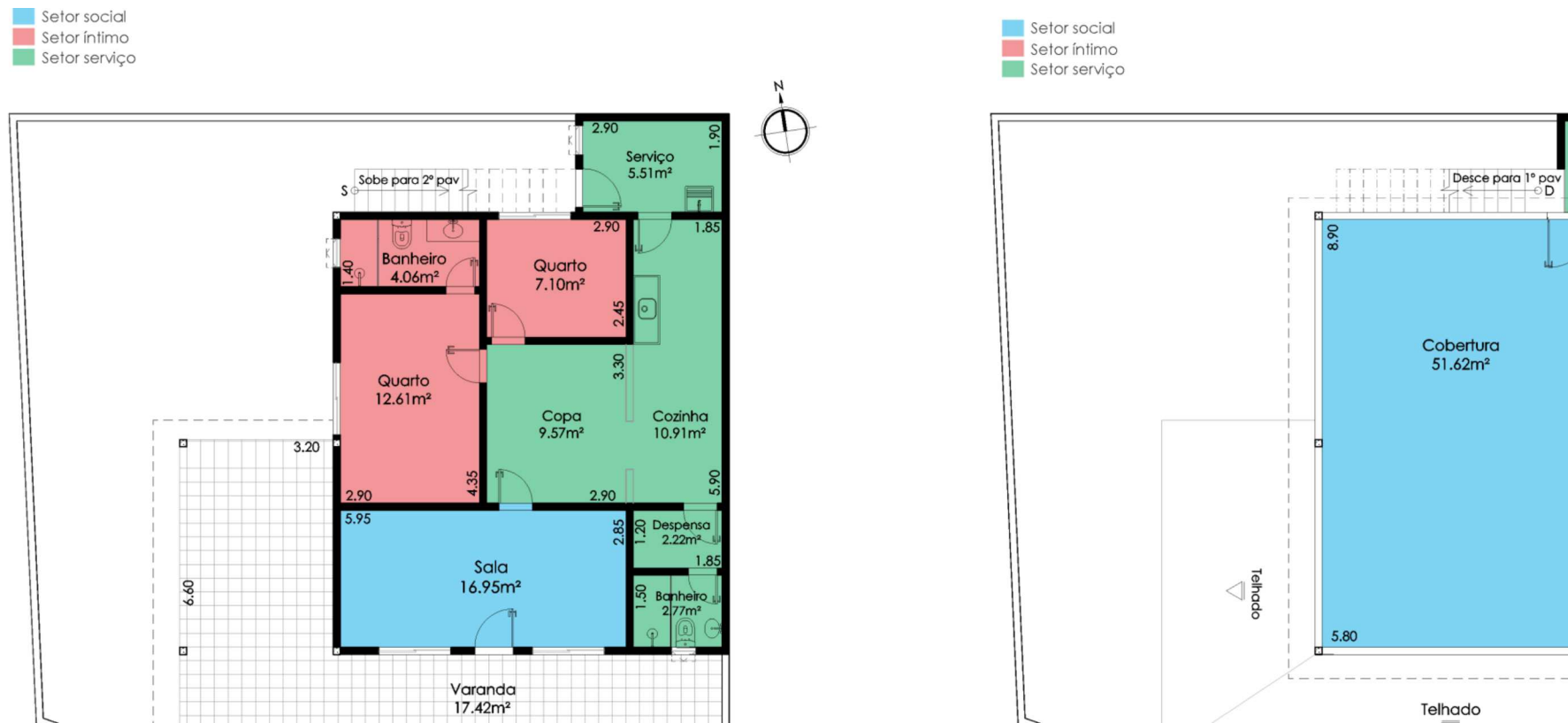


Figura 6 – Planta baixa e Setorização do Solar Tabuleiro, 1

- Setor social
- Setor íntimo
- Setor serviço

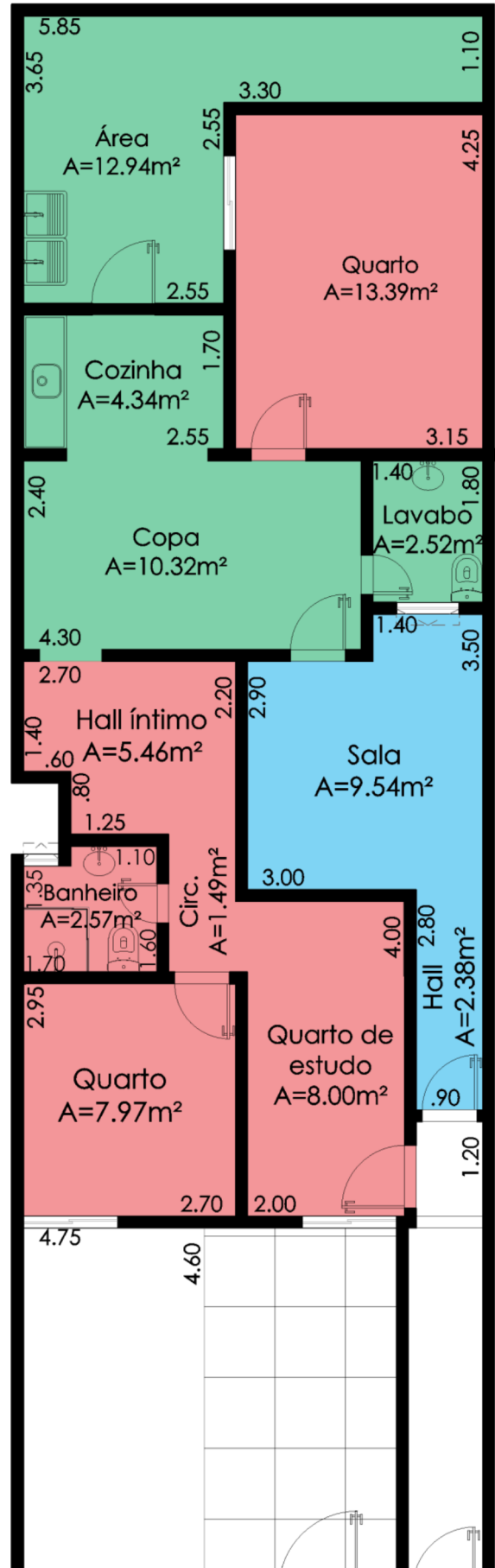
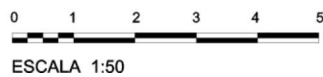


Figura 7 – Planta baixa e Setorização do Solar Tabuleiro, 1998.



PLANTA BAIXA - Primeiro pavimento
Segundo projeto



Fonte: a autora, adaptado de DICOM (2021).

Seguindo os princípios modernistas, o Condomínio Rio Branco e o Residencial Santa Amélia se basearam na padronização de suas plantas e na setorização funcional sobre os espaços da unidade habitacional, considerando os aspectos relativos à posição, dimensões da moradia e suas características. A monotonia em todos os sentidos, recorrente nos projetos do BNH.

Figura 8 – Condomínio Rio Branco (1972).

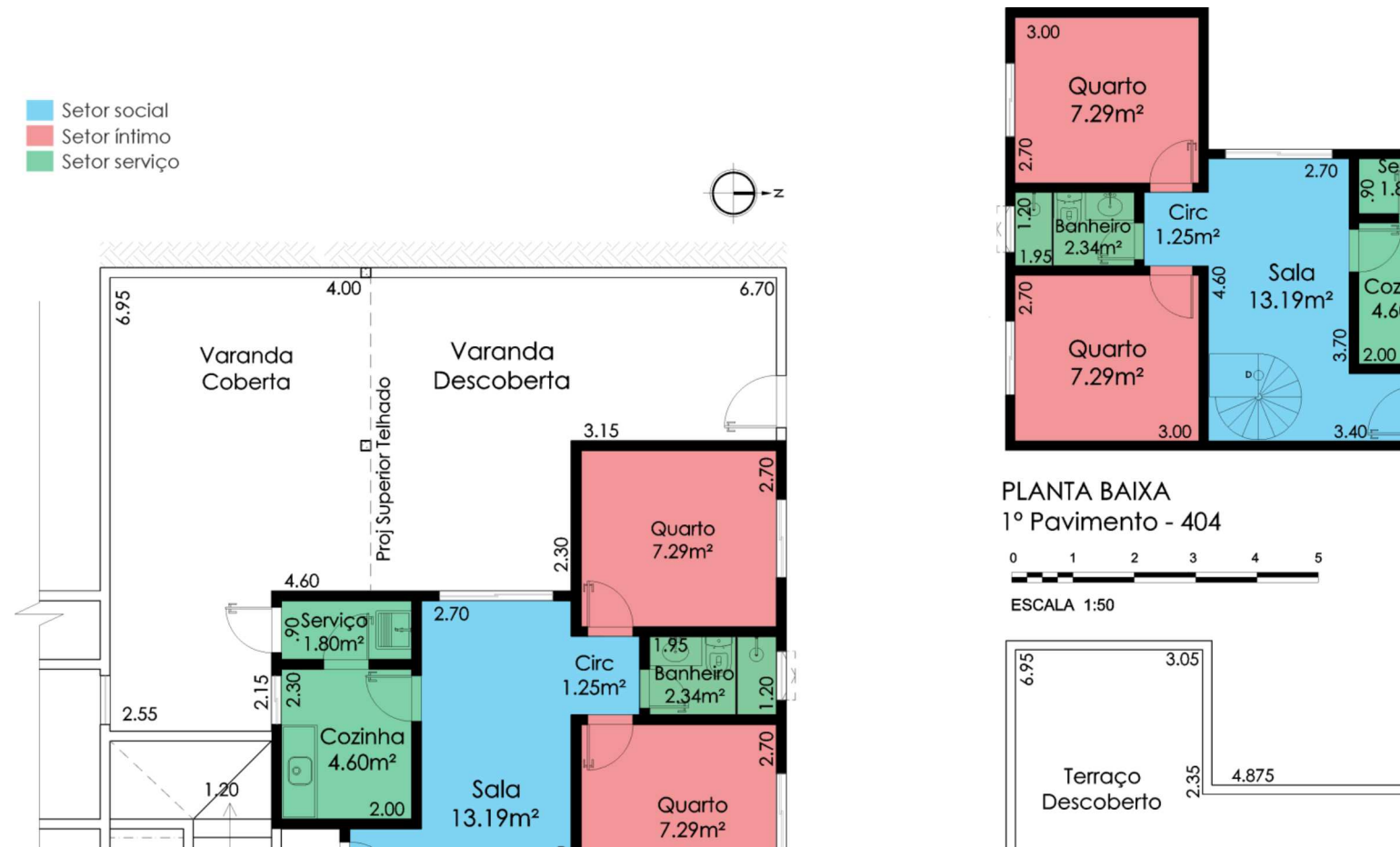


Figura 9 – Planta baixa e Setorização do Santa Amélia (1990).



PLANTA BAIXA
1º Pavimento



ESCALA 1:50

Fonte: a autora, adaptado de DICOM (2021).

Figura 10 – Planta baixa e Setorização do Residencial Belo Vale I (2009).



Fonte: a autora, adaptado de DICOM (2021).

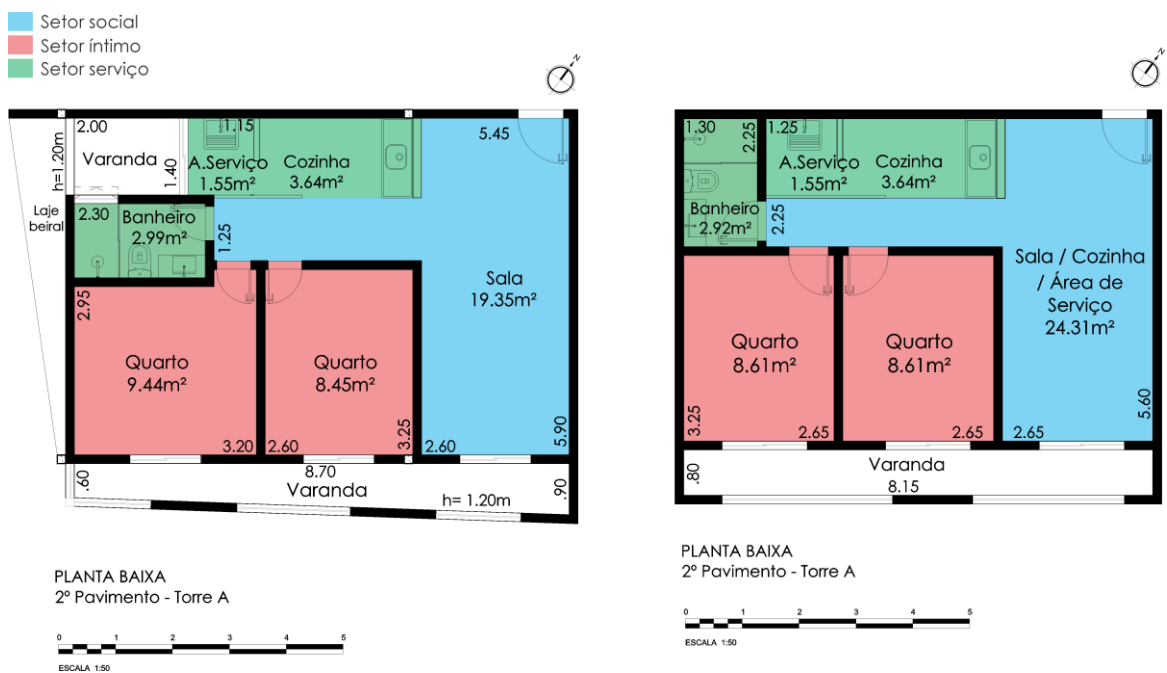
Ao longo do tempo, as setorizações funcionais (social, serviço e íntimo) foram alteradas nos recentes projetos de HIS (ver planta baixa do Green Tower, 2017), onde não há demarcação exclusiva seguindo a mesma lógica modernista, tornando os ambientes mais integrados e multifuncionais.

Figura 11 – Planta baixa e Setorização do Green Tower (2017).



Fonte: a autora, adaptado de DICOM (2021).

Figura 12 – Planta baixa e Setorização do Green Tower (2017).



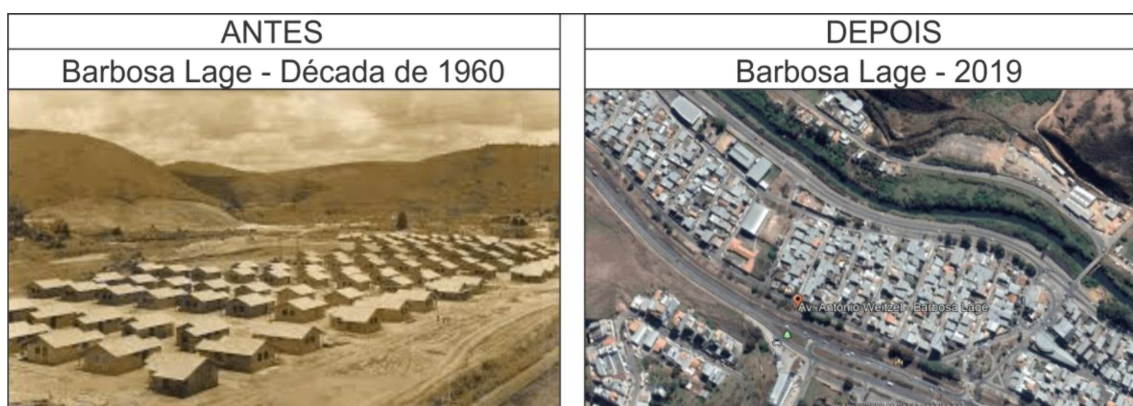
Fonte: a autora, adaptado de DICOM (2021).

Ao observar os ambientes das unidades ao longo desses 45 anos, percebe-se alterações tanto na dimensão dos ambientes, quanto na organização setorial. Há, por exemplo, a diferença entre os sobrados e apartamentos. No primeiro, em sua maioria, composto por dois pavimentos, podendo ser geminados (nesses casos, as portas se encontram no centro e janelas distribuídas simetricamente, em algumas construções era possível encontrar sacadas nos pavimentos superiores) (BRITO, 2015). Já a verticalização foi fundamental para a consolidação do edifício de apartamentos como uma tipologia arquitetônica, em vista que, eram consideradas como “as unidades de moradia em prédios de habitação coletiva” (VILLA, 2008, p. 3, apud CORONA E LEMOS, 1972).

Analisando as plantas baixas de arquitetura, nota-se a semelhança de projeto dos sobrados e dos apartamentos. Em contrapartida, existem alguns pontos que são de grande importância para a privacidade como por exemplo, as portas de acesso. No sobrado, não há uma separação ou barreira arquitetônica com o mesossistema e exossistema, já nos edifícios, o apartamento possui suas portas direcionadas a um hall, criando um cenário protetor. Além desse fator, a construção do edifício de apartamentos é mais rígida, dificultando sua expansão. Já o sobrado, possibilita essa apropriação, conforme veremos nas arquiteturas investigadas.

No mesossistema, inicialmente os conjuntos ocuparam áreas além do perímetro urbanizado da cidade, por consequência, expandiram a periferia e, gradativamente, ampliaram a relação centro-periferia (ver figura 9). De início o afastamento em relação ao centro trazia complicações em relação à urbanidade (transporte, coleta de resíduos, escolas e outros equipamentos).

Figura 13 – Evolução do bairro Barbosa Lage.



Fonte: a autora, adaptado de Valderlei Tomaz (2014) e Google Earth (2021).

A padronização e massificação das unidades podem ser observadas pela implantação dos conjuntos. Os espaços livres abertos internos aos conjuntos mais comuns são: estacionamentos e jardins; que são áreas remanescentes da implantação das edificações no lote (recuos mínimos e taxas de ocupação).

Figura 14 – Implantação do Condomínio Rio Branco (1982) e Belo Vale (2009).



Fonte: a autora, adaptado de Google Earth (2021).

O sistema construtivo proposto nos conjuntos habitacionais é convencional, sendo dos tipos: a- concreto armado e alvenaria de vedação em lajotas cerâmicas, b- de concreto para conjunto de apartamentos e alvenaria de blocos c- lajotas cerâmicas estruturais com estrutura portante em residências unifamiliares ou geminadas, podendo ter um ou dois pavimentos.

Naquilo que se refere a equipamentos públicos ou de consumo básico; interação entre centro e periferia, em termos de mobilidade e gestão municipal de outros serviços essenciais a comunidades; entre outros aspectos que envolvem a sociedade, sua identificação e permanência na cidade, temos o exossistema. Os conjuntos mais antigos foram inseridos em áreas que os equipamentos de educação, esportes, saúde, lazer e até abastecimento de alimentos através da proposta de um mercado, não existiam. Com o passar dos anos, surgiram e proporcionaram integração e serviços condizentes com a demanda social (ver figura 11 como exemplo o bairro Cidade do Sol).

Figura 15 – Imagem área do bairro Cidade do Sol e seus equipamentos urbanos.



Fonte: a autora, adaptado de Google Earth (2021).

Neste exemplo: (1) o conjunto se localiza em uma rua onde é servida por três linhas de ônibus e o ponto mais próximo está a 43m e o mais distante a 234m; (2) é atendido por três escolas (uma pública e duas privadas), com ensino infantil e fundamental; (3) há presença de Unidade Básica de Saúde. Aponta-se que não há para o conjunto e o bairro áreas verdes livres, praças públicas e serviços culturais e de lazer.

Esse primeiro levantamento da evolução do projeto das HIS em Juiz de Fora procurou entender a organização espacial dos conjuntos e de suas unidades com intuito de identificar quais as alterações ocorridas ao longo do tempo naquilo que se refere ao projeto legal das edificações. Tal observação das soluções projetuais das propostas arquitetônicas é realizada pela aproximação ao modelo ecológico de Bronfenbrenner.

Neste sentido, se observará as relações espaciais entre moradia e os sistemas ambientais nos quais estão inseridos (do microssistema ao exossistema) nos conjuntos selecionados: Vivendas Belo Vale (2011) e Miguel Marinho (2012). Por esta compreensão tem-se que a arquitetura e seu espaço são estudados pela dimensão física que apresentam, isto é, setorização e layout das unidades, mas que abordadas com as narrativas dos moradores que vivenciam as unidades habitacionais, podem levantar a identidade de lugar a partir das percepções de ambiência.

Os tópicos abaixo estão divididos em três partes: (1) O Bairro; (2) O empreendimento; e (3) A Unidade habitacional. A primeira e a segunda trazem uma descrição do contexto que envolve o empreendimento, abordando questões de: localização, acessibilidade, transporte, comércio, lazer, educação e saúde. Já a parte que se refere à unidade habitacional aborda a etapa de sistematização do levantamento documental, onde foi executada a partir da investigação dos processos de projeto arquitetônico no acervo municipal da prefeitura, e dos roteiros de entrevistas e questionários das pesquisas de referências.

5.4.1 Vivendas Belo Vale

O BAIRRO

Juiz de Fora possui onze regiões de planejamento, conforme o seu primeiro Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) instituído em 2000, sendo oito urbanas e três distritais. Com o intuito de indicar as características da dinâmica socioespacial na qual o condomínio se insere, a seguir são expostas algumas informações sobre o bairro São Geraldo. O bairro se enquadra na região mais periférica da Região de Planejamento do bairro Santa Luzia, distanciando-se, aproximadamente, 8km do centro (JUIZ DE FORA, 2000).

Figura 16 – Regiões de planejamento de Juiz de Fora.



Fonte: a autora, adaptado de Oliveira (2005).

Localizada entre a área central da cidade e o limite da área urbana, é considerada menos densa e com mais vazios urbanos, apresentando predomínio de lotes pequenos e o seu uso, em sua maioria, residencial (ver figura 13). A população é predominantemente com baixo poder aquisitivo, suas atividades econômicas se apresentam mais localizadas nos corredores de bairros, e os equipamentos de maior porte são implantados nas vias principais (ver figura 14) (ONGARO, 2015).

Figura 17 – Localização do condomínio e a evolução do entorno a partir da disponibilidade do Google Earth.



Legenda:  Contorno lote Vivendas Belo Vale

Fonte: a autora, adaptado de Google Earth (2021).

Figura 18 – Equipamentos urbanos nas proximidades do condomínio.



Legenda:

 Religioso  Restaurante/Bar  Comércio local  Supermercado  Conjuntos/Condomínios Residenciais

Fonte: a autora, adaptado de Google Earth (2021).

O condomínio é contemplado por três linhas de ônibus, sendo elas 129 (dias de semana e aos sábados, intervalo de 45 minutos entre um e outro, aos domingos e feriados podem chegar em um intervalo de 1 hora e meia), 130 (dias de semana possuem intervalo de 50 minutos a 1 hora entre um e outro, aos sábados variam de 55 minutos a 1 hora, e aos domingos e feriados um intervalo de 2 horas) e 131 (dias de semana possui intervalo de 45 minutos a 1 hora entre um e outro, aos sábados 1 hora, e aos domingos e feriados um intervalo de 2 horas) que atendem os bairros São Geraldo e Previdenciários. Cabe ressaltar que os horários de ônibus aqui informados, foram consultados pelo site dos Consórcios Integrados de Transporte Urbano (CINTURB), onde já estava atualizado após a mudança de horários devido a pandemia.

Figura 19 – Distância dos pontos de ônibus nas proximidades do Vivendas Belo Vale.



Aproximadamente: ■ 150m ■ 165m ■ 220m ■ 245m ■ 255m ■ 275m ■ 310m

Fonte: a autora, adaptado de Google Earth (2021).


Assegurar habitação para a população não significa somente possibilitar o acesso a unidades habitacionais, e sim, constituir um conjunto de elementos para além da unidade propriamente dita (a ser estudada posteriormente). O espaço geométrico, de vivência e vital deve proporcionar a existência de infraestrutura


urbana (redes de água, esgoto e drenagem pluvial; iluminação; transporte público; pavimentação; coleta de lixo, etc.) e equipamentos urbanos (saúde, serviços gerais, educação, lazer, cultura, etc.). Estes conceitos se integram para garantir que cada elemento seja utilizado da melhor maneira para garantir a habitabilidade. Porém, com as imagens acima, observamos que o cenário de implantação do conjunto seguiu a produção mecanicista, a ideologia do sistema dos programas de habitação de mais de 50 anos e a localização em periferia.


Conseqüentemente a isto, existe uma transição ecológica primária na ocupação dessas novas habitações. Tal mudança se caracteriza como uma trajetória que transporta lugares, no sentido de padrões sociais e culturais já presentes nos indivíduos. Essa transição constitui valores de efeito duradouro que influenciam na relação pessoa-ambiente, neste caso estudado, os moradores são inseridos em um cenário de periferia, afastados do centro urbano em que tinham uma rede apoio e infraestrutura, diferente do atual onde é possível observar a carência de alguns serviços.


Conforme o quadro 6 abaixo, alguns fatores podem ser exemplificados a partir da observação das falas dos moradores, como: (1) Equipamentos Urbanos; onde foram consideradas as deficiências no atendimento ao comércio e serviços públicos; (2) Mobilidade; englobando problemas estruturais do bairro que foram observados, tais como: sujeira no bairro (lixo espalhado), ausência ou precariedade das calçadas; falta de capina realizada pela Prefeitura; falta de capina realizada nos lotes (terrenos particulares); vias sem sinalização adequada; não cumprimento do horário do ônibus (transporte público) pelos motoristas; insuficiência na quantidade de ônibus; ausência de equipamentos urbanos e ausência de iluminação pública; (3) Segurança e Relacionamentos; onde foram apontados fatos relacionados a vivência dos moradores como: amizade, brigas, falta de privacidade, invasões ou violências no geral.

Quadro 6 – Observação do Exossistema e Mesossistema | Vivendas Belo Vale.

Observação Exossistema e Mesossistema Vivendas Belo Vale			
Categorias	Pontos positivos	Pontos negativos	Falas dos usuários
Equipamentos Urbanos	-	Carência de comércio e a carência de equipamentos urbanos como praça, posto de saúde, posto policial, creche e escola.	"(...) São Geraldo não existe mercado não ... existe é mercearia." / "(...)ai tem o açougue barzinho... vende tira gosto e cachaça..." Entrevista A.M (ONGARO, 2015)
			"(...) aqui a gente já tem o bar do Roberto que é uma mercearia praticamente, bar mercearia. "cagente' compra a maioria das coisas aqui ...temos um material de construção em estoque" Entrevista A.M (ONGARO, 2015, grifos nossos).
			<p>Figura 20 – Bar/mercearia localizada próximo ao condomínio, uma das poucas opções de comércio local.</p>  <p>Fonte: Zambrano (2014).</p>
			"(...) as coisas aqui é um pouquinho longe... MUITO longe ..." Entrevista A.M (ONGARO, 2015)
			"Uma praça... faz falta ..." Entrevista A.M (ONGARO, 2015, grifos nossos)
			"(...) Eu não gosto. Não gosto de morar aqui porque assim, como que eu vou te explicar para todo lado, né, e aqui não tem nada. Você tem que sair para cidade . E, assim, lá na casa dos parentes, eu ficava fazendo visita, participo da igreja, né. Aí eu saio. Aqui eu fico trancada que eu não trabalho eu fico trancada aqui o dia inteiro. Se eu não for lá embaixo, ali no portão. Entrevista A.M (ONGARO, 2015, grifos nossos). Entrevistada 11 (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).

Equipamentos Urbanos	-	Carência de comércio e a carência de equipamentos urbanos como praça, posto de saúde, posto policial, creche e escola.	<p>"(...) tá vendo aqui ó... mas aí isso aqui é um terreno:: esse terreno aqui é particular... ó <i>com</i> passa aqui porque o caminho mais (<i>ataiado</i>) que tem é por aqui ó... por aqui ou no outro <i>a</i> menino <i>pra brinca</i> aqui... eu <i>trago os menino pra brinca</i> nessa área aqui <i>tá veno? Ó comé</i> aqui mas... mas essa área aqui já é... é: particular... propriedade particular... ali era um ca fecharam... ali eles fecharam fizeram isso aí <i>cabou</i> com o campinho ali... entendeu? Não te entendeu?" Entrevista E.V (ONGARO, 2015, grifos nosso</p> <p>Figura 21 – Terreno baldio onde as crianças usam para brin</p>  <p>Fonte: Ongaro (2015).</p> <p>"Ah, quando dá eu viajo pra dar uma relaxada... preciso... aqui em Juiz nada, né?" Entrevista 04 (MAGALHÃES, 2019, grifos noss</p> <p>"(...) lazer também, né, podia ter... Minha filha costuma ir no Parque da Lajinha, né... Par saúde, falta escola, posto de saúde... acho que é só isso, né" Entrevista 07 (MAGA</p> <p>"Ah, então, aqui eu já não tô acostumada aqui porque esse negócio de muito difícil chegar o acesso do posto de saúde... muito desconfortáve pra outro bairro pra marcar uma consulta... a escola também é muito desc meus dois filhos são especiais... eu tenho que me deslocar daqui pra mi</p>

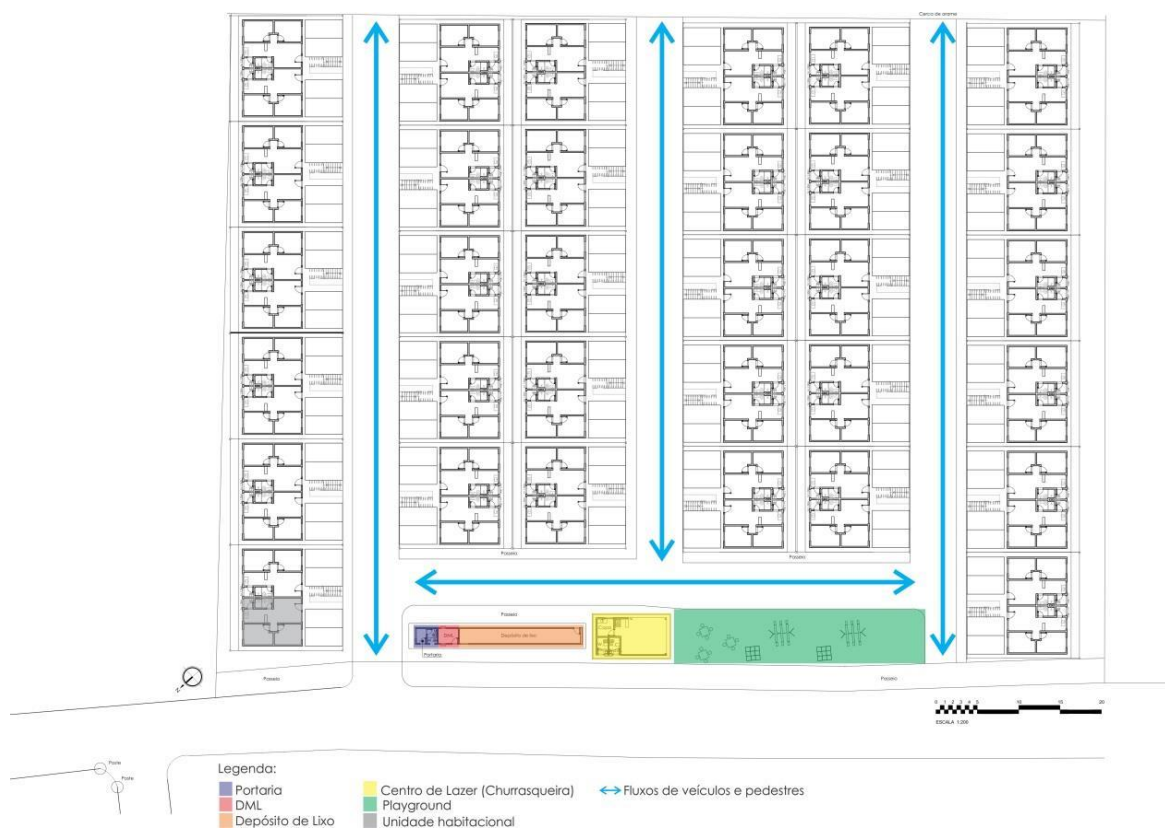
Mobilidade	-	Insuficiência na quantidade de ônibus e atraso nos horários	<p>" Ah, então, aqui eu já não tô acostumada aqui porque esse negócio de muito difícil chegar o acesso do posto de saúde... muito desconfortável pra outro bairro pra marcar uma consulta... a escola também é muito desconfortável meus dois filhos são especiais... eu tenho que me deslocar daqui pra mim que pegar quatro ônibus pra levar eles pro colégio... porque o colégio não tem recursos pra ele e o mais próximo não tem vaga... então, eu, assim, a resposta não tenho nada a falar, porque tá péssimo... eu tenho todo dia que sair pra levar eles, mais ou menos umas cinco, quatro... perafá... oito horas da manhã... eles entra no colégio no Bairro Linhares, pego quatro ônibus com eles" Entrevista 04 (MAGALHÃES, 2015).</p>
Segurança	-	Calçadas inadequadas	<p>" Às vezes eu utilizo a calçada mas as vezes eu utilizo a rua porque num tem calçada lá... num sei o quê que tem lá uai... pode tê um bicho... uma cobra... sei lá uai... eu prefiro andar na rua que num existe em nenhum dos dois lados da rua... ah lá ó: a menina lá tá no centro da rua... amarela... mas aqui é.. não é ruim de se morar o que falta aqui é um pouco de cuidado um pouco de... de carinho... porque não é só você entra lá dentro lá e governa, receber os visitantes aqui também coisa que era pra poder ser uma coisa mais organizada e é isso aí que você vê... é que no centro da cidade faz reforma direto... constante... sem precisar e os bairros ficam abandonados (ONGARO, 2015, grifos nossos).</p> <p>Figura 22 - Falta de calçadas adequadas no bairro.</p> 

Segurança	-	Ausência de iluminação pública	<p>"(...) a noite... quase que... dependendo das pessoas... quase ninguém gosta de i... pas... pela iluminação... que não tem... então a pessoa quando v... passa... as vezes tem mais vindo aí vem um grupo né <i>mais pessoa... mai</i> quando é uma pessoa só... pessoal né evita vem de taxi e vai pra casa... Pra num passa ali... porque ali é MUITO deserto né... escuro uma:: de uma iluminação aquilo ali..." Entrevista A.M (ONGARO, 2015, p. 10)</p> <p>Figura 23 - Trecho da rua de acesso ao condomínio sem iluminação pública (atualmente com iluminação).</p>  <p>Fonte: Zambrano (2014).</p>
Segurança	-	Falta de assistência	<p>"Não... não me sinto segura. Ah, porque, lá na saúde... meu filho sempre dá crise... às vezes eles não vêm... eu eu tenho que deslocar, arrumar um Uber, levar ele... polícia, se você precisa ano pra aparecer... então a gente se sente assim abandonada... entendeu?" Entrevista 04 (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).</p>
		Precisava melhorar	<p>" E aqui a gente não tem segurança, a gente abre a porta e conta mesmo com os vizinhos porque tem acesso as pessoas que não tá afim de trabalhar, e as coisas dos outros as crianças ficam na rua a gente não sabe quem é quem e quem sai, então segurança eu acho que a gente precisava um pouquinho mais." Entrevista 05 (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).</p> <p>" Ah evito, evito, o máximo possível por exemplo à noite eu já não coloco o celular no bolso subo para pegar ônibus ali em cima, que ali em cima é bem deserto, quando eu desço tenho medo de descer do ônibus lá se tiver sozinha é bem assustado também é bem... mas a gente não tem outra opção não" Entrevista 05 (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).</p>
	Pode circular em todos os lugares	-	<p>"Não... não, graças a Deus eu ando em todos os lugares. Sim, eu não tenho problema..." Entrevista 06 (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).</p>

O CONDOMÍNIO

O projeto possui trinta e dois sobrados com quatro unidades habitacionais cada (duas localizadas no pavimento térreo e duas no pavimento superior), com um total de cento e vinte e oito unidades. Além das habitações, o condomínio na época de sua entrega, contava com equipamentos de uso coletivo: churrasqueira, equipamentos infantis, portaria e depósito para lixo, atualmente todos esses espaços foram destruídos. O acesso às unidades acontece através de três ruas internas ao condomínio, onde automóveis podem transitar (ver figura 20). No projeto original, há grades cercando todos os limites do terreno, guarita e portão entre a via pública e as vias internas, elementos que foram parcialmente destruídos e encontram-se sem uso, assim como a maioria dos equipamentos de uso coletivo (ver figura 21).

Figura 24 – Implantação condomínio.



Fonte: a autora, adaptado de Zambrano (2014).

Figura 25 – Antigo espaço da Churrasqueira, Depósito de Lixo e Parque Infantil.



Fonte: Lopes (2016).

Cada unidade habitacional possui 44.36m², sendo composta por sala de estar e jantar conjugada com cozinha, área de serviço, banheiro e dois quartos, como representado nas plantas baixas (ver figura 22 e 23).

Os afastamentos (laterais e frontal) pertencem às quatro unidades habitacionais, devido a essas aberturas se amplia o uso destes espaços. O afastamento frontal, por exemplo, é utilizado como: garagem, comércio, varanda, como ampliação da unidade, dentre outras funções (Figura 24, 25 e 26).

Figura 26 – Setorização da planta baixa da unidade habitacional.



Figura 27 – Planta humanizada da unidade habitacional.

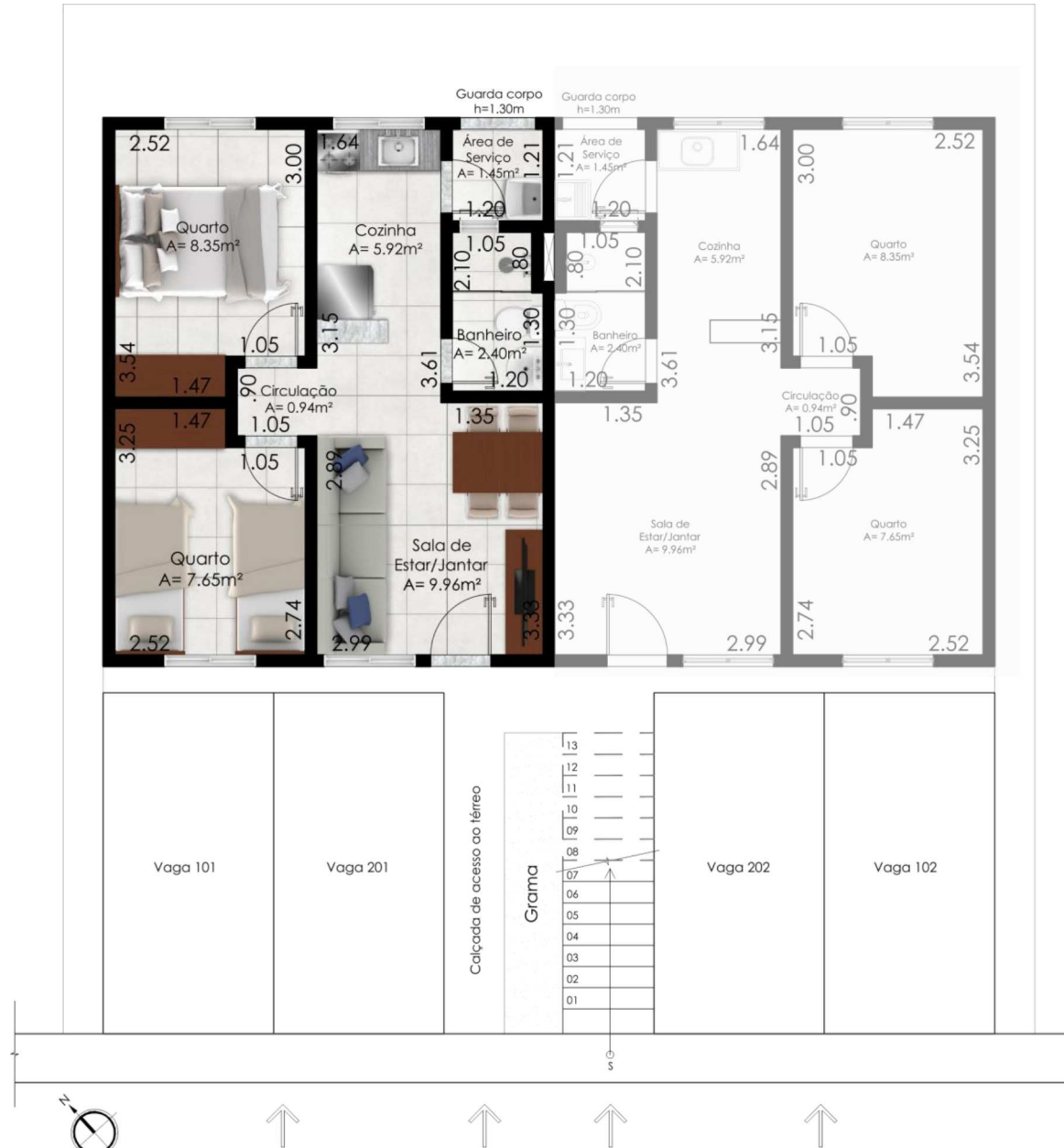
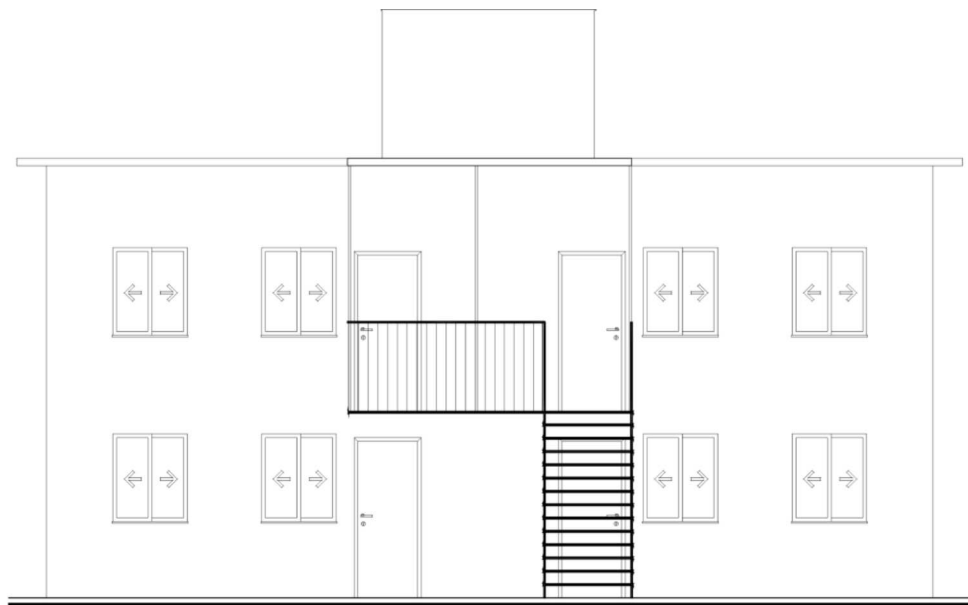
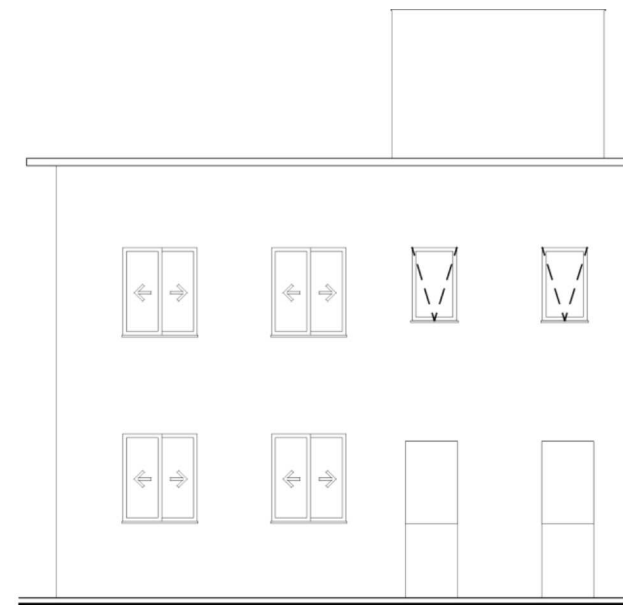
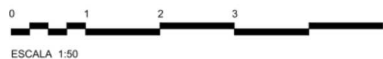


Figura 28 – Fachada Frontal e Posterior do sobrado geminado.



FACHADA FRONTAL



FACHADA POSTERIOR

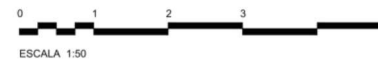
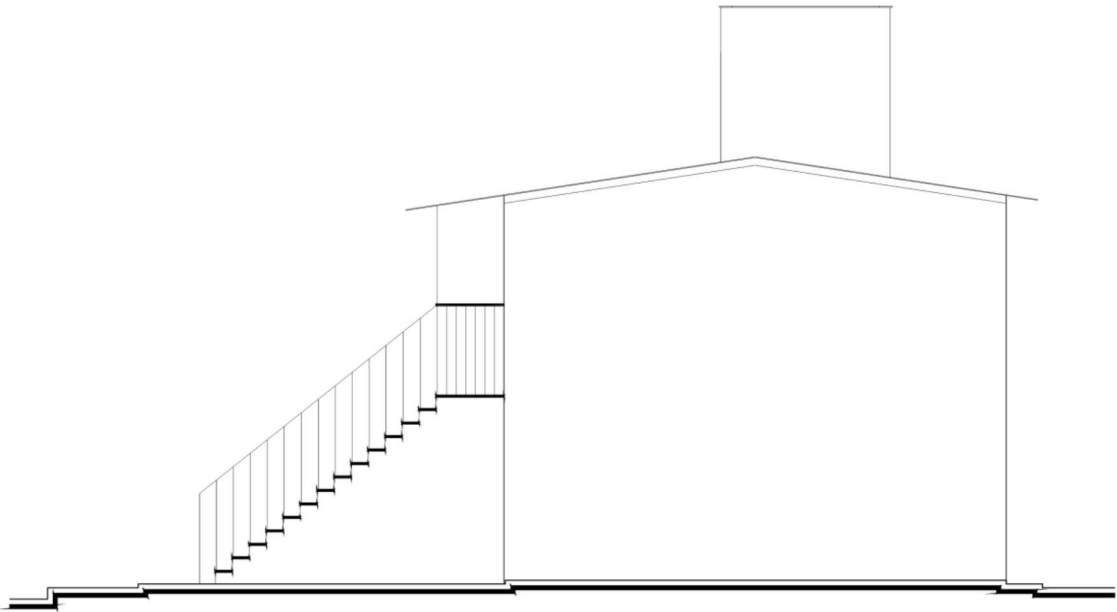
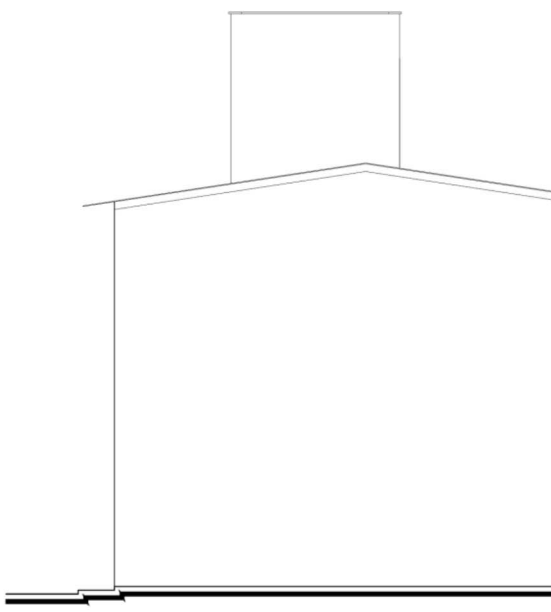


Figura 29 – Fachadas Laterais e Cortes Esquemáticos.



FACHADA LATERAL DIREITA



FACHADA LATERAL ESQUERDA

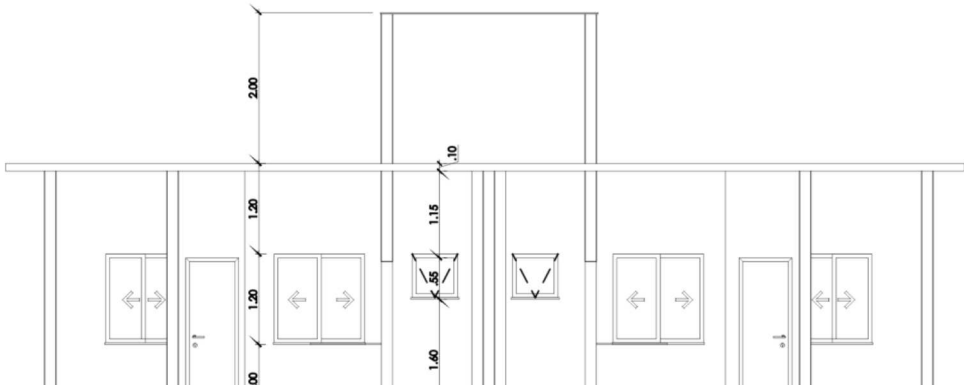


Figura 30 – Espaços utilizados pelos moradores.



Fonte: Lopes (2016).

O acesso à edificação acontece de forma frontal e as portas das unidades são espelhadas. Esta configuração fez com que alguns moradores realizassem reformas e adaptações no sentido de individualização do acesso de sua unidade e também afim de garantir a privacidade e a segurança, como a construção de muros para separar cada entrada, gradil no espaço da garagem, ou até mesmo, fechamento visual das portas principais de acesso com cortinas ou panos, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

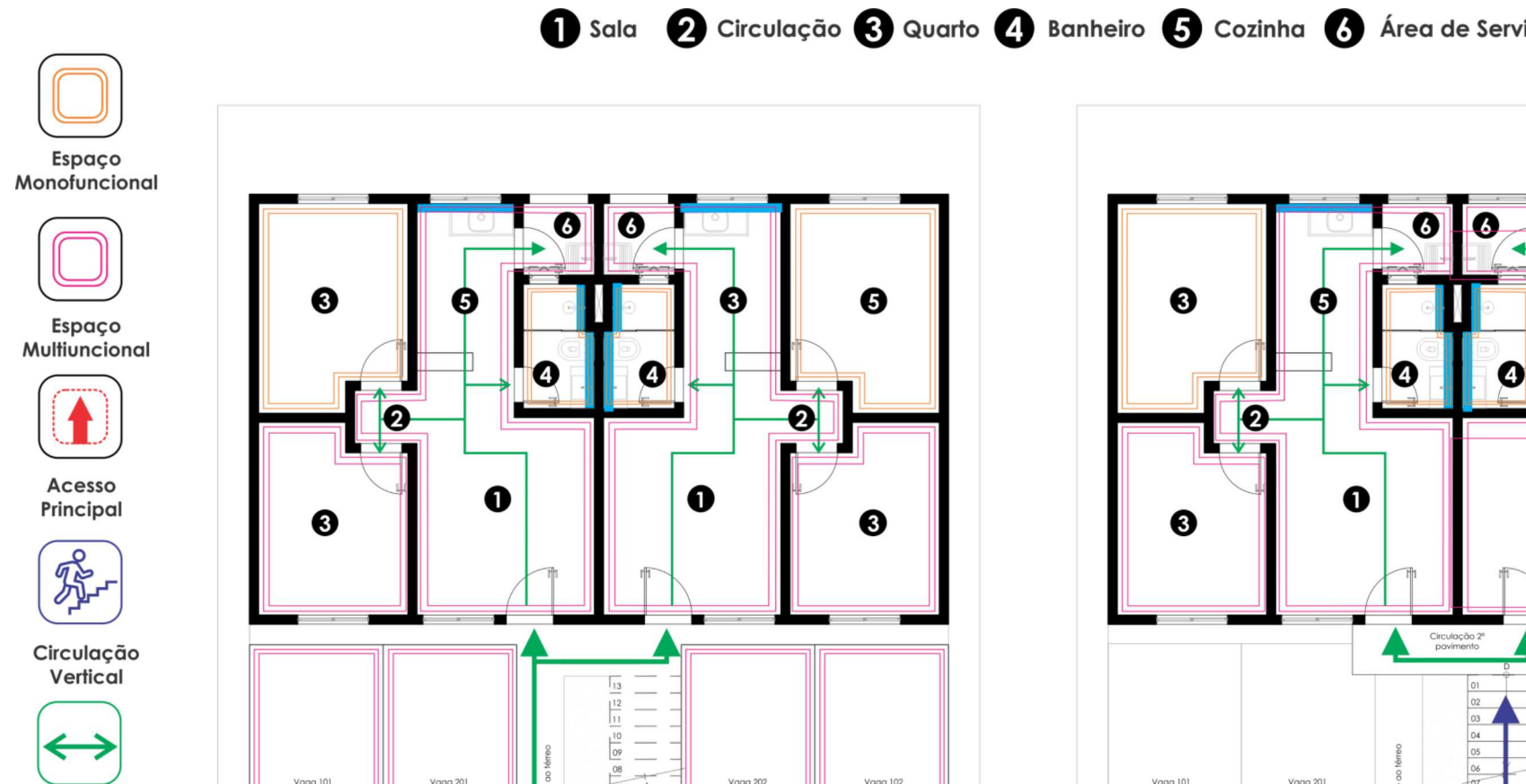
Figura 31 – Modificações dos moradores para promoção de privacidade e segurança.



Fonte: Zambrano (2014) e Lopes (2016).

As modificações realizadas pelos moradores têm como propósito sanar as necessidades (no espaço vivenciado) que não foram atendidas p (o espaço vital). Os projetos de HIS lidam com um usuário desconhecido, que pode apresentar formações familiares diversas, assim como, padrões de rela (mais variados). Estas situações resultam em necessidades e demandas também diferentes, o que interfere diretamente na concepção do projeto. F (flexibilidade na análise sob a ótica do microsistema, ou seja, como o espaço pode ser apropriado de acordo com os usos (BRANDÃO, 2011). N (dados pela unidade habitacional, as indicações pelo espaço vital (o que deveriam ser sala, quartos, etc., a partir das setorizações de espaço íntimo, espaço vivenciado).

Figura 32 – Fluxos e usos da unidade habitacional, pavimento térreo.



As legendas apresentadas e as análises espaciais foram definidas com base na observação das falas dos moradores, retiradas a partir das pesquisas de referências, que podem ser observadas pelo quadro 7 adiante.

A partir da análise da setorização e do layout proposto para a unidade habitacional, pode-se constatar padrões de atividades sociais no interior das unidades. O conjunto possui característica funcionalistas (plantas baixas setorizadas), tal qual era recorrente nas habitações do BNH, mas percebe-se a ausência do uso de grandes circulações de um ambiente para outro.

A sala, a cozinha e a área de serviço são ambientes onde acontecem mais funções além das atividades de vida diária, ali também são exercidas funções de trabalho que geram renda para família, por exemplo. Outro ambiente que pode ser considerado multifuncional para alguns grupos familiares, é o quarto de solteiro, que em alguns casos pode ser um ambiente de estudo, enquanto os outros ambientes da casa já estão ocupados com outras atividades. As vagas de garagem também se encontram nesse campo, em vista que, os moradores que realizam as mais diversas atividades, como por exemplo lazer e socialização.

Durante a observação das falas, os fatos selecionados foram agrupados em; (1) Dimensionamento dos Ambientes: tamanho da casa de forma geral, se atende ou não as necessidades da família que ali vive; (2) Segurança: situações relacionadas a vivência dos moradores e métodos construtivas, como por exemplo, revestimentos aplicados na unidade habitacional; (3) Apropriação: processo no qual a ação do morador se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando um lugar seu; (4) Estresse ambiental: refere-se a reações que têm por finalidade possibilitar o enfrentamento de situações negativas e que podem repercutir na qualidade de vida do morador; (5) Identidade de lugar: apresenta falas sobre as relações recíprocas entre os moradores e a unidade habitacional; (6) Afetos ao lar: aborda questões físico-espaciais da unidade habitacional e os significados simbólico/afetivos ela associada. Nota-se, ainda, referências da transição ecológica primária e o sentimento de pertencimento pelo morador ao local, ressaltando ou não o item anterior.

A partir da leitura das transcrições das entrevistas, observando temáticas que podem influenciar na identidade de lugar, foi possível destacar pontos que exemplificam oportunidades ou complicações no uso dos espaços de suas casas, demonstrando o que no espaço vital foi adaptado para se adequar ao espaço

vivenciado daquele morador. No quadro 7 abaixo, as colunas apresentadas refletem as vivências e as necessidades em relação ao espaço geométrico. Ou seja, evidencia pontos relacionados a habitação, dimensionamento, layout interno, cotidiano, hábitos, questões de relacionamento e de necessidades que afetam no sentimento de pertencimento e identidade de lugar, realçando aspectos com os quais estão satisfeitos ou não no seu cenário de vida.

Quadro 7 – Observação Microsistema | Vivendas Belo Vale.

Observação Microsistema Vivendas Belo Vale			
Categorias	Pontos positivos	Pontos negativos	Falas dos usuários
Dimensionamento dos ambientes	Gosta do tamanho geral da casa e da altura	-	"ah eu gosto da casa... A casa é muito boa sabe? Eu vim de defesa civil... muito da casa... Porque eu morava... a minha casa foi demolida em Santa Lu... veio de dois cômodos a casa... essa casa é uma mansão. (...) eu gosto da onde eu morava era baixinha néh... a casa de telha de amianto já voou duas v... Ai depois que eu vim pra cá eu fiquei mais segura néh... eu me sinto ma aqui... " Entrevistado 05 (LOPES, 2016, grifos meus)
	Gosta do tamanho e da vista	-	"Mas eu gosto da cozinha ela é pequenininha mas ela é gostosa tem u olhadinha pra lá eu gosto " Entrevistado 01 (LOPES, 2016, grifos meus)
	-	Não gosto	"Eu trabalho na cozinha néh... eu <i>to</i> desempregada... Ai eu to fazendo doce pra eu poder colocar os doces... pra mim colocar... a geladeira... Porque eu pr... preciso daquele balcão <i>pra mim</i> fazer os doces... Ai senta... senta no sofá lá também é na mão... " Entrevistado 05 (LOPES, 2016, grifos meus)
	-	Dimensionamento pequeno na área de serviço	"Nesse outro quarto aqui eu quero colocar um varal pra colocar as roupas aq aqui uai... pelo menos assim com uma máquina de centrifugar eu posso bate... secou... infelizmente... Ou então eu tenho um vizinho lá no final da rua que colocar as minhas lá na cerca junto com as dele... Quando ta um dia de so... grifos nossos).
	-	-	"Não por enquanto tá legal cara... tipo assim tá boa pra mim porque eu pensa...
	-	-	-

Segurança	-	Não tem confiança no local	"(...) se eu tiver lá na área eu não posso deixar a janela aqui do quarto aberta... Não tenho segurança de deixar aberta porque eu não confio... " Entrevistado 01
		Material inadequado e banheiro sem adaptação	"Não deveria ter colocado esse piso desse jeito... no banheiro... Deveria ter colocado para pessoas deficientes... Entendeu? Ou seja eu tenho que tomar banho com cuidado ... do sabonete dá aquela escorregada sabe... então porque eles deveriam ter colocado para mim que eu tinha recebido a casa do MCMV pra deficiente e me perguntaram qual adaptação eu precisava... muletas... Ai eu imaginava <i>neh</i> ... que como por ser deficiente eles deveriam ter colocado no banheiro pelo menos e as barras entendeu? Já iria me ajudar bastante porque eu não chego a cair não... Mas sei lá <i>neh</i> ... Vai chegando a idade... <i>to</i> com que idade eu vou ficar ainda mais com esse problema meu... conforme for a idade vai chegando e vai ficando mais difícil... banheiro eu ia ficar mais segura entendeu?" Entrevistado 01
		Falta de segurança e privacidade	"(...) aqui a gente não tem segurança , a gente abre a porta e os vizinhos porque tem acesso as pessoas que não tá afim de ficar com as coisas dos outros as crianças ficam na rua a gente não sabe o que tá acontecendo lá, então segurança eu acho que a gente precisava um pouquinho mais de segurança (nossos).
Privacidade	Proximidade com outras unidades	Proximidade com outras unidades	"(...) aqui é muito próximo, né, você sai na rua de cara com seu vizinho ... então inimizade aqui é bobeira, vai ter um desgaste emocional, tudo... e essa proximidade, no começo, eu estranhei ... Entrevista 06 (MAGALHÃES, 2019, grifos meus).
			"(...) eu acho que me sinto mais segura aqui do que em outros lugares... proximidade, pela convivência que a gente tem com os vizinhos ... ilícito aqui... existe, como existe em todo lugar... mas como a gente não sabe o que tá acontecendo lá sinto segura... na cidade não... " Entrevista 06 (MAGALHÃES, 2019, grifos meus).

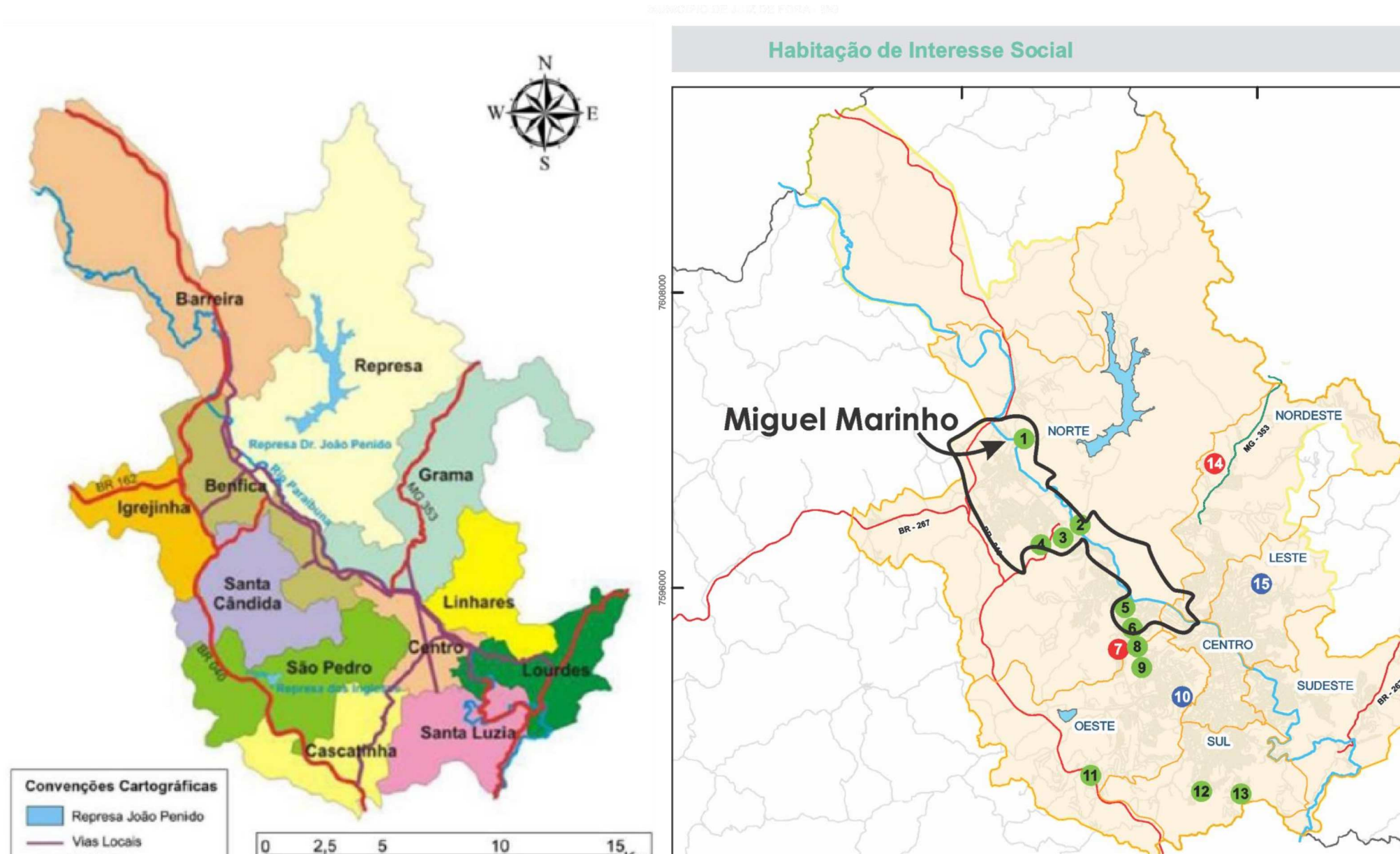
Apropriação	-	Pretende inserir proteção nas aberturas	"Eu não sei se ta mofando o meu quarto por causa de não abrir... ou é por causa de não abrir... é por causa de não abrir a janela... Porque eu não abro a janela... por eu não poder colocar grade e aquela tela... Porque mesmo com a grade dá pra enfiar a mão pra dentro... confiar entendeu?" Entrevistado 01 (LOPES, 2016, grifos nossos).
	-	Gostaria de realizar modificações mas por ser área comum dividida, não consegue	"se eu tivesse condições eu queria fechar ela... Porque é assim... o pessoal aqui não tem um lugar pra colocar o lixo mas tem que comer e jogar aqui. (...) Mas como eu não tenho condições também... então não adianta eu querer arrumar uma coisa sendo que o meu quarto é pequeno eu já tinha dado jeito de tentar pelo menos fechar ela... pra tentar pelo menos ter um lugar pra jogar o lixo (LOPES, 2016, grifos nossos).
Estresse ambiental	-	Incomodo dos vizinhos	"Área de serviço... Ai eu já acho que a área teria que ser um pouquinho mais legal que dá pra colocar... sem a pessoa ter que ta subindo... se arriscar a vida subindo na cadeira... eu posso desequilibrar... a perna pode bambor... cuidado... igual assim quando eu to ali em pé ali colocando a mão na parede e o vizinho vem e bate... fico com medo também de alguém passar e me dar um susto..... de repente quando não ta passando mesmo ninguém ali... porque já faz pra irritar mesmooooo... gosto não... Tem hora que eles esquecem que eu sou deficiente... Ai eu não quero que ninguém entendeu? Fico meio apreensiva..." Entrevistado 01 (LOPES, 2016, grifos nossos).
			"Quando eu to fazendo alguma coisa assim que eu não quero que ninguém veja... eu não quero que ninguém veja lá pra dentro... na hora que não vai me incomodar eu deixo aberta... Ai é chato porque eu não quero que ninguém veja outros... Uma amolação toda hora... ai sinceramente eu não tenho sossego... (LOPES, 2016, grifos nossos).
			" Não gosto de gente na minha casa... Porque teve uma vez que entraram na minha casa e eu não quero que ninguém veja lá pra dentro... (LOPES, 2016, grifos nossos).

Afetos ao lar	Gosta de morar no conjunto		<p>"Ah, eu gosto de morar aqui... aqui é o meu canto, né... aconteceu construí minha vida depois de tanta violência... aqui eu gosto, assim, em todo lugar tem uns lugares ruins também, né, poss... é tranquilo... graças a Deus" Entrevista 04 (MAGALHÃES, 2016)</p>
			<p>"(...) ela queria que eu saísse daqui e ir... um apartamento lá no centro... falei "eu não quero"... (é) aqui eu gosto... abrir mão do meu lar, minha filha... uma pessoa simples, eu gosto de ficar aqui, conversar com as pessoas (com os nossos)." Entrevista 05 (MAGALHÃES, 2016)</p>
			<p>"Então, eu gosto da minha casa, eu gosto da convivência muito boas, e gosto dessas crianças que fica aí fora né, que eu gosto de meus netos, mas que praticamente adotei, e::: assim... trabalho... certa adrenalina na gente sabe, você começa a fazer uma coisa... às vezes dá um cansaço sim né, lutar com uma pessoa que não quer parar... aí você olha para aqueles que querem caminhar e principalmente quer parar." Entrevista 05 (MAGALHÃES, 2016)</p>
			<p>"(...) não só material... mas, a princípio, também, uma vida inteira... cresci no progresso... deixei amigos... deixei uma história pra trás pra poder vir pra aqui, mas eu gosto de lá também..." Entrevista 06 (MAGALHÃES, 2016)</p>
	Realização de vida		<p>"minha casa? Éh: Tudo meu sonho (choro de alegria) paguei aluguel vinte anos... me sinto no céu" Entrevistado 04 (LOPES, 2016)</p>
	Sorte de ser contemplada	-	<p>"não eu não pretendo mudar não, pretendo tá morando aqui entendeu? Não... mudar acaba que isso aqui vai ficar pro meu filho néh: que é a casa dele também... ele vai casar arrumou uma namorada e vai casar aí às vezes eu até mude e ele fica, mas desfazer te falar assim que eu tenho vontade de vender de ir embora que se eu tive a sorte de ser contemplada não foi muito à toa então eu acho que... Entrevista 11 (LOPES, 2016, grifos)</p>
			<p>"(...)assim a minha esposa não gosta daqui eu também particularmente não gosto entendeu? Várias vezes a minha menina fala assim da casa que ela não gosta..." Entrevista 11 (LOPES, 2016, grifos)</p>

5.4.2 Miguel Marinho

O Residencial Miguel Marinho, está localizado no Bairro Benfica, região Norte da cidade de Juiz de Fora – MG, a uma distância de aproximadamente 15 km do centro da cidade. Segundo Geraldo (2014), a expansão urbana ocorre até hoje, contudo, ao que interessa a esta pesquisa, concentramos na expansão do centro para as periferias a partir da década de 1960. O crescimento acontece em diferentes regiões geográficas da cidade, a saber (1) Cascatinha, tiveram poucos conjuntos de HIS, mas com a inauguração da BR-040, alterou-se a morfologia e o caráter de uso e forma da região, tornando-se hoje em dia, pole de investimentos de serviços, comércio e habitação para classes média-alta e alta; (2) região denominada Cidade Alta (São Pedro), onde há como referências de equipamentos públicos de grande porte, como Campus Universitário, constata-se vários empreendimentos para HIS; (3) Bandeirantes, como área de interesse da implementação de conjuntos de HIS; (4) Benfica, localidade do Residencial Miguel Marinho. Nessa zona norte instalaram-se os distritos industriais que recebem empresas de porte significativo (ArcelorMittal, Votorantim, Telhas Ondoline, Mercedes Benz, entre outras), que possuíram incentivos para a construção de HIS entre o centro histórico e os distritos. Atualmente, esta região ainda vem ocorrendo o processo de expansão atrelado à reestruturação urbana, com maior propensão ao adensamento populacional e concentração de funções nas Regiões de Planejamento (definidas no PDDU/JF), configurando novas centralidades.

Figura 33 – Regiões de planejamento de Juiz de Fora e Empreendimento Miguel Marinho.



Ressalta-se que há ainda um grande número de empresas multinacionais e nacionais com locadas no Acesso Norte. A estrutura de Benfica é responsável por polarizar a região Norte de Juiz de Fora, que possui cerca de cem mil habitantes conforme os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021). A oferta imobiliária também é diversificada, abrangendo imóveis residenciais e comerciais para locação e venda.

Figura 34 – Localização do condomínio e a evolução do entorno do Miguel Marinho a partir da disponibilidade do Google Earth.



Legenda:  Contorno lote Miguel Marinho

Fonte: a autora, adaptado de Google Earth (2021).

O condomínio é contemplado por uma linha exclusiva do Miguel Marinho de número 753, todos os dias da semana ocorre um intervalo de 2 horas e 05 minutos entre um e outro. Nos pontos de ônibus marcados pela cor azul escura e rosa, atendem mais linhas de outros bairros como o Ponte Preta, Barreira do Triunfo, Náutico, Distrito Industrial, entre outros da zona norte. As linhas são 710, 711, 712 e 713, podendo variar de 1 hora a 2 horas em dias de semana e aos domingo e feriados o intervalo pode chegar até 3 horas.

Figura 35 – Distância dos pontos de ônibus nas proximidades do Miguel Marinho.



Legenda:

* A partir do ponto indicado pelo ícone de casa.

Aproximadamente: 50m 100m 171m 288m 219m 293m
345m 370m 395m 395m

Fonte: a autora, adaptado de Google Earth (2021).

Bairro Benfica é bem abrangido de infraestrutura e equipamentos públicos, porém sua localização em relação ao empreendimento é distante, considerando que o conjunto depende de todos os serviços (Comércio, Lazer, Educação, Saúde, etc.) do bairro, como se pode observar na imagem abaixo, que demonstra prioridade de comercio local no âmbito da construção e de carros, como oficinas por exemplo.

Figura 36 – Equipamentos urbanos nas proximidades do Miguel Marinho.



Legenda:

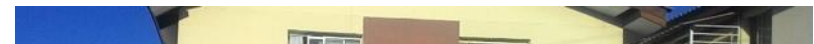
📍 Religioso 📍 Escola 📍 Comércio local

Fonte: a autora, adaptado de Google Earth (2021).


Consoante ao que vimos no Condomínio Vivendas Belo Vale, o Miguel Marinho também teve sua implantação na periferia. Vale ressaltar a dimensão geográfica, definindo-se como espaços distantes do centro urbano e em uma dimensão sociológica, afeta diretamente no modo de vida daqueles que vivem ali, onde a infraestrutura é inadequada ou insuficiente. Essa implementação em massa de conjuntos de HIS nas periferias da cidade, nos leva a questionar se não construir conjuntos habitacionais conectados da malha urbana, ou pelo menos, proporcionar meios e serviços para um melhor cenário de vida. As narrativas dos moradores, exemplificando aspectos que envolvem o exossistema e o mesossistema, tais como: localização, acessibilidade, tran

Quadro 8 – Observação Exossistema e Mesossistema | Miguel Marinho.

Observação Exossistema e Mesossistema Miguel Marinho			
Categorias	Pontos positivos	Pontos negativos	Falas dos usuários
Equipamentos Urbanos	Possui escola	-	"Uma coisa maravilhosa é o colégio , porque o colégio daqui parece escola particular (REZENDE, 2018, grifos nossos).
			"Tem escola próxima para suas duas filhas pequenas. Porém, para idades maiores a escola mais próxima fica em Benfica. " Entrevista 08 (REZENDE, 2018, grifos nossos).
	-	Falta escola para os jovens	"Eu acho que seria muito bom mesmo se tivesse aqui primeiro segundo e terceiro ano , mas precisar sair do bairro né, ir para outro bairro né. Está tudo muito perigoso né. " Entrevista 07 (REZENDE, 2018, grifos nossos).
		Não tem lazer	" Não tem! Só dentro de casa! Que, se não ficar dentro de casa é problema, briga! Lazer dentro de casa, mulher e muita criança dá problema!" Entrevista 14 (REZENDE, 2018, grifos nossos).
			"Mesmo se a gente quisesse, se a gente quisesse que um filho da gente tenha um lazer, praça CEU ou em Benfica, na praça de Benfica " Entrevista 09 (REZENDE, 2018, grifos nossos).
			Figura 37 – Comércio informal de alimentação no Miguel Marinho



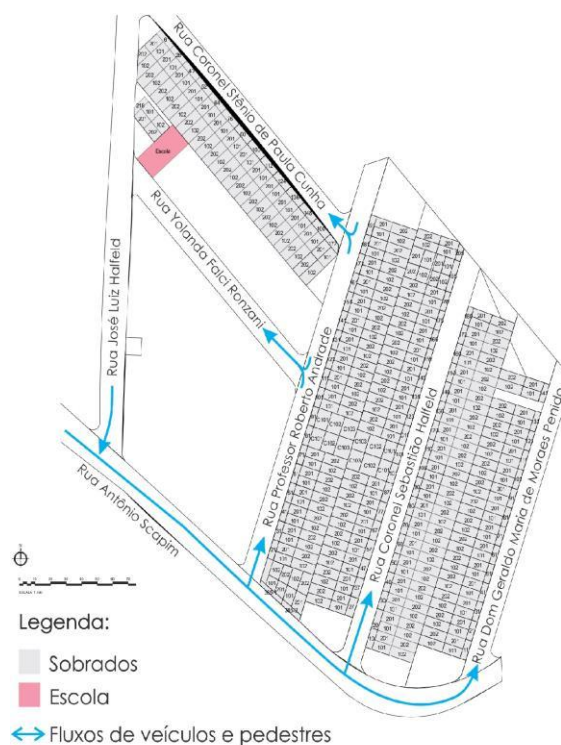
Mobilidade	-		<p>“Bom, eu não gosto dessas ruas, desse calçamento horroroso que tem aqui n (REZENDE, 2018, grifos nossos).</p>
			<p>Figura 38 – Ruas ruins e ônibus do local.</p>  <p>Fonte: Zambrano (2016).</p>
		Insegurança de pedestres e falta de ônibus	
		Falta de ônibus	<p>“Aqui só tem ônibus de duas em duas horas. Se perder um tem que esperar du muito do ônibus aqui“ Entrevista 14 (REZENDE, 2018, grifos nossos).</p> <p>“Aqui não tem [...] policlínica Benfica, tudo Benfica.” Entrevista 53 (REZENDE, 2018, grifos nossos).</p>
		Insegurança de pedestres	<p>“Ônibus, a pé, mais a pé do que de ônibus” Entrevista 53 (REZENDE, 2018, grifos nossos).</p>
		Distância do conjunto aos postos de saúde, comércio, infraestrutura de um modo geral	<p>“O que eu não gosto aqui é que aqui é meio esquecido [...] Aqui o emprego tá ma tinha mais oportunidade e aqui tem menos. É meio difícil o acesso, depend transporte aqui é muito (vago), aí dificultou um pouquinho ter vindo” Entrevista 37</p> <p>“Ah, isso incomoda porque gasta muito dinheiro de ônibus” Entrevista 11 (REZENDE, 2018, grifos nossos).</p>

Segurança	-		<p>“Calçada é horrível, precisa de asfalto, porque quem tem carro aqui [...] faz garagem pra gente andar, carro aqui desce igual doido a gente tem que correr, porque aqui eles não respeitam e nem tem onde respeitar” Entrevista 53 (REZENDE, 2018, grifos nossos)</p>
		Insegurança de pedestres para acesso à educação	<p>Figura 39 – Trecho da rua sem pavimentação e falta de calçamento</p>  <p>Fonte: Zambrano (2016).</p>
		Insegurança e falta de suporte policial	<p>“Mudou de escola depois que veio pra cá, porque aqui ele tinha que atravessar por um caminho muito perigosa, os bandidos estavam cobrando para poder passar pro outro lado que ele ficar ali, ele estuda no Barreiro é mais seguro.” Entrevista 53 (REZENDE, 2018, grifos nossos)</p>
Relacionamentos	-	Insegurança e falta de suporte policial	<p>“Segurança aqui é péssima, vou falar, se acontecer uma briga aqui, você liga para a polícia aqui[...]” Entrevista 53 (REZENDE, 2018, grifos nossos)</p>
		Vizinhança difícil	<p>“Vizinhos complicados (...)” Entrevista 61 (REZENDE, 2018, grifos nossos)</p>
		Não gosta	<p>“Às vezes se intrometem na sua vida particular.” Entrevista 59 (REZENDE, 2018, grifos nossos)</p>

O CONDOMÍNIO

O acesso ao conjunto acontece através da Avenida Presidente Juscelino Kubistchek, porém, a rua principal é a Antônio Scapim que dá acesso às três ruas do mesmo loteamento: Rua Dom Geraldo Maria de Moraes Penido; Rua Coronel Sebastião Halfeld e Rua Professor Roberto Andrade. E, esta última dá acesso às ruas: Yolanda Falci Rozani e à Rua Coronel Stênio de Paula Cunha. O residencial Miguel Marinho contém um total de 344 unidades habitacionais, distribuídas em 86 sobrados, sendo, duas unidades no térreo e duas unidades no segundo pavimento.

Imagem 40 – Implantação do residencial Miguel Marinho.



Fonte: a autora, adaptado de Zambrano (2016) e Equipe de Geografia (2017).

Cada unidade habitacional possui 35,96m², sendo composta por sala de estar e jantar conjugada com cozinha, área de serviço, banheiro e dois quartos, como representado abaixo nas plantas baixas.

Imagem 41 – Setorização da planta baixa da unidade habitacional.

Legenda:

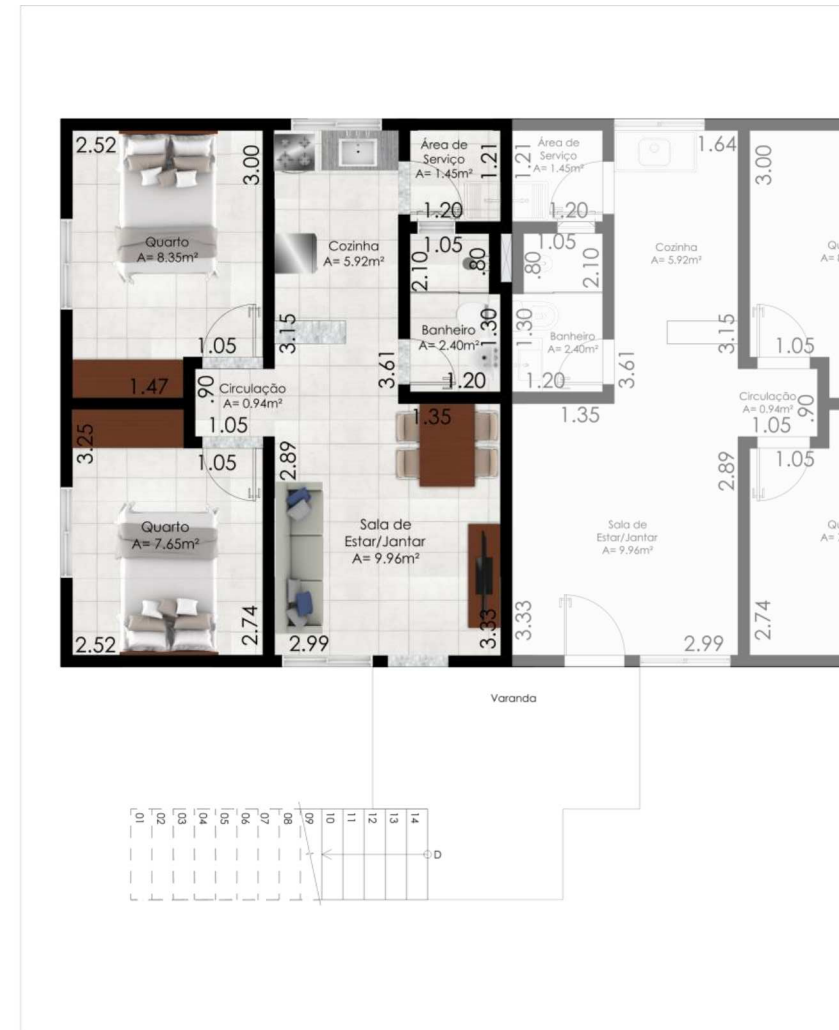
- Setor social
- Setor íntimo
- Setor serviço



Imagem 42 – Planta humanizada da unidade habitacional.



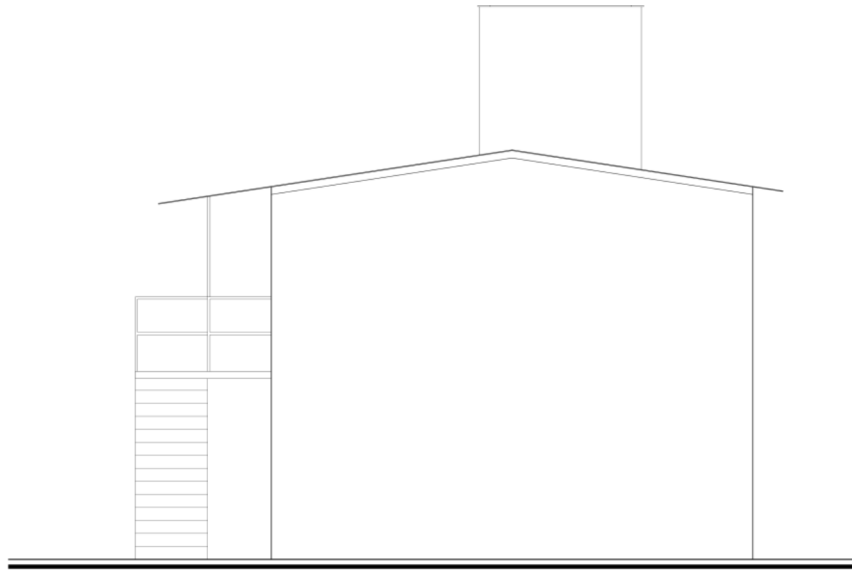
PLANTA BAIXA
1º Pavimento



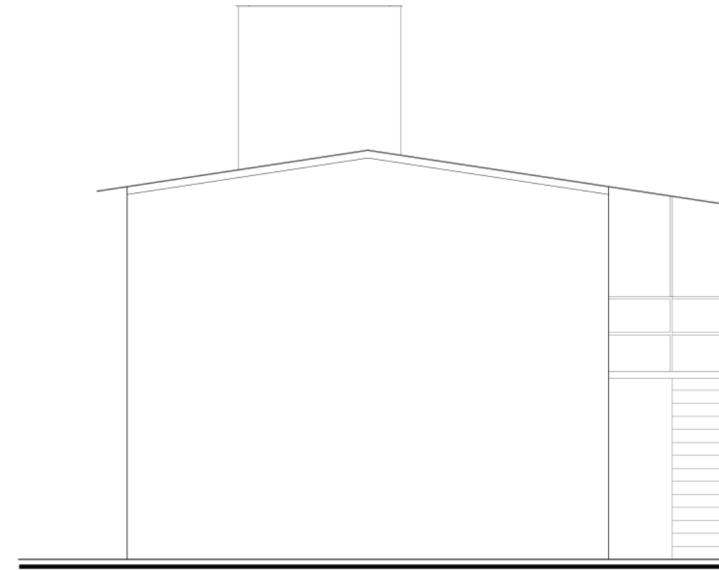
PLANTA BAIXA
2º Pavimento



Imagem 43 – Fachadas Laterais do sobrado e Cortes Esquemáticos.



FACHADA LATERAL DIREITA



FACHADA LATERAL ESQUERDA

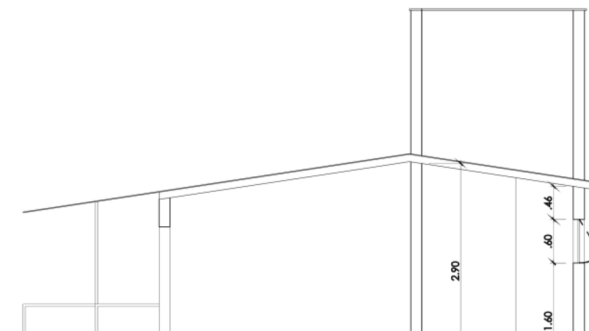
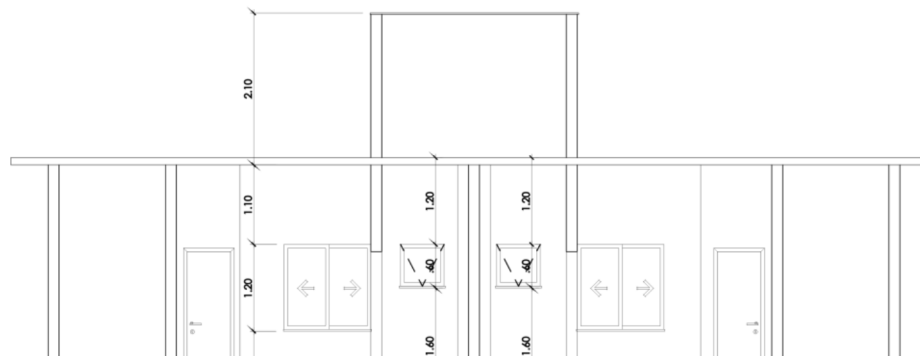
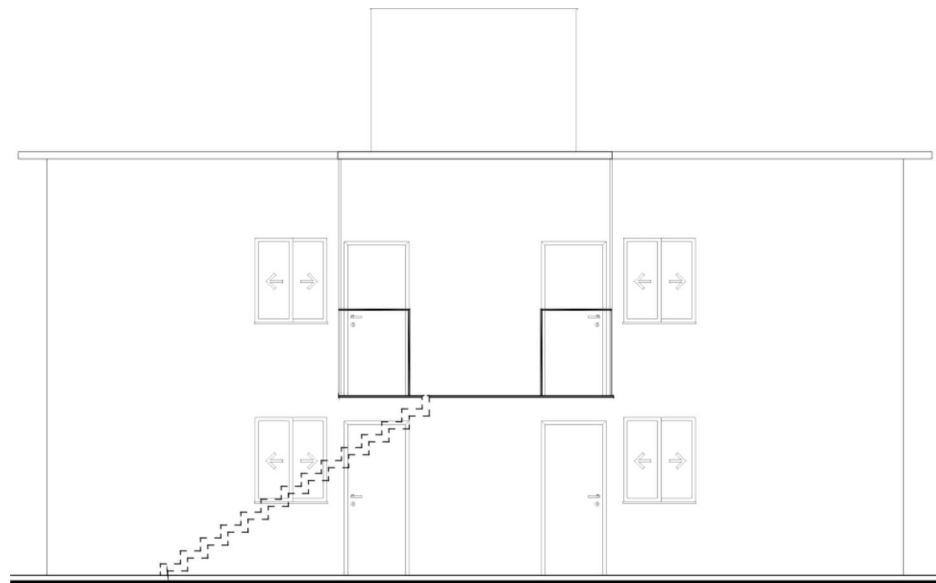
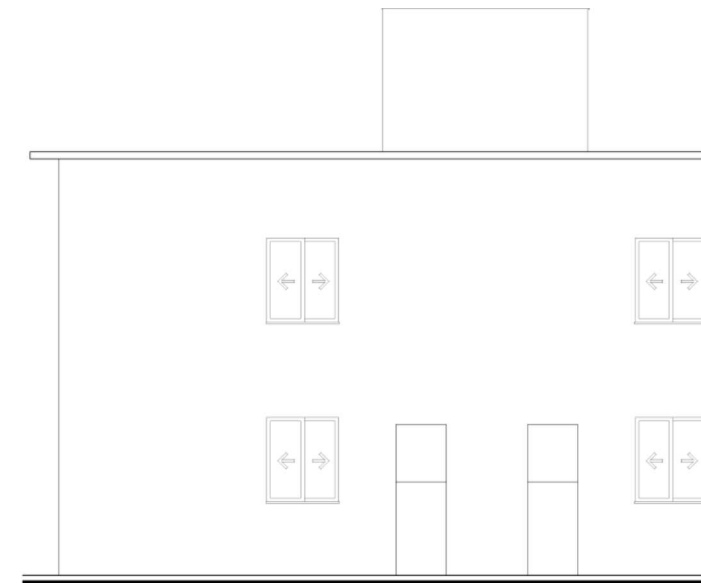
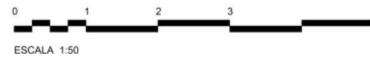


Figura 44 – Fachada Frontal e Posterior.



FACHADA FRONTAL



FACHADA POSTERIOR

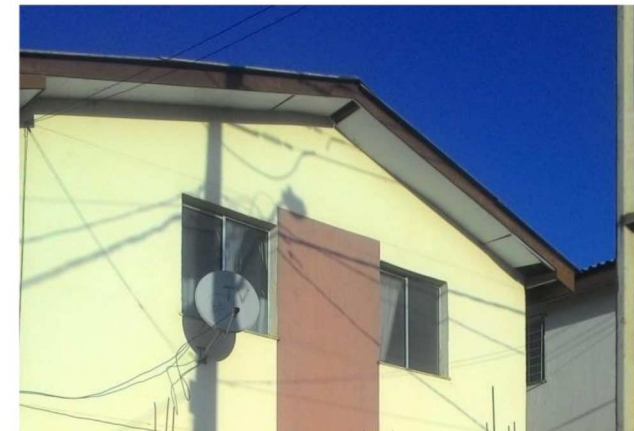


Figura 45 – Intervenções realizadas pelos moradores.

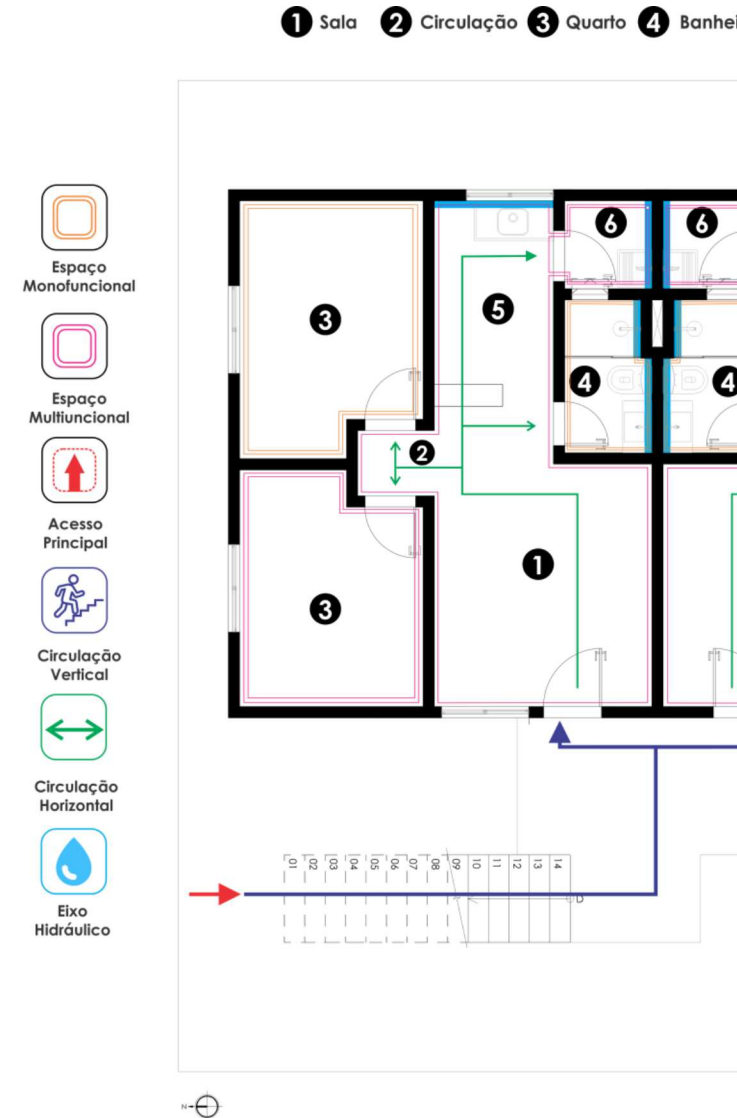
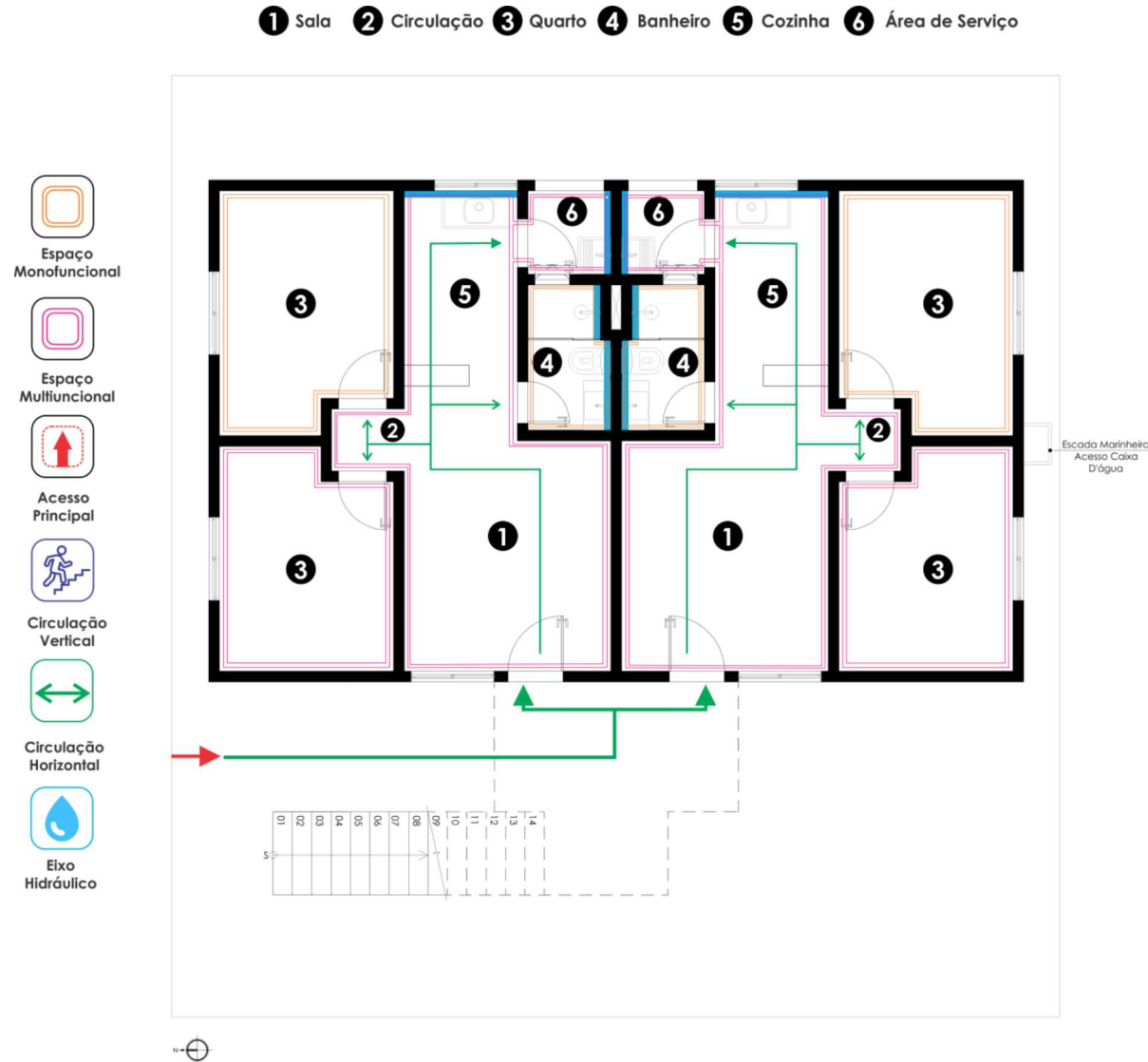


Fonte: Zambrano (2016).

Novamente é possível constatar reformas realizadas pelos moradores que visam atender às necessidades não atendidas pelo programa de necessidades do projeto arquitetônico. Esta configuração permite a alguns residentes intervir sobre os espaços para particularizar o acesso às suas casas, entre outros objetivos. É possível encontrar também, alterações para garantir privacidade e segurança, como a construção na entrada e gradeamentos definindo espaços de garagem. Porém, sem o acompanhamento técnico, as soluções podem ser conflituosas, tais como o comprometimento dos ambientes voltados para esta área, ou disputas pela ocupação dos espaços externos disponíveis.

Nesse sentido, ressalta-se a importância de indicar em projeto, a localização para ampliação da moradia, para que se criem espaços de vivências com oportunidades de suprirem suas necessidades particulares e de forma equânime. Por exemplo, prever que as áreas externas sejam distribuídas proporcionalmente entre as unidades proprietárias do lote, evitando-se assim disputadas por espaços e interferências diversas, como problemas na circulação, na ventilação e iluminação naturais, que afetam diretamente no espaço vital, em vista que, este está relacionado a própria habitabilidade e as normas estabelecidas.

Figura 46 – Fluxos e usos da unidade habitacional, pavimento térreo.



A partir da análise da planta baixa proposta para o Miguel Marinho, nota-se grande similaridade com o Vivendas Belo Vale, confirmando padrões e características funcionalistas recorrentes desde o BNH. Assim como o outro conjunto habitacional, observa-se nas falas dos moradores (quadro 9) que a sala, a cozinha e a área de serviço são ambientes onde acontecem mais funções além das atividades de vida diária, porém, possuem dificuldades em acomodar o mobiliário necessárias e/ou até já existente, trazido da moradia anterior, devido as dimensões reduzidas dos ambientes, resultando em conflitos entre disposição dos móveis e a necessidade de circulação dos moradores.

As questões apresentadas vão de encontro com os problemas arquitetônicos apontados no projeto conjunto, que se repetem entre os demais empreendimentos de HIS equivalentes construídos pelo PMCMV na cidade, e reafirmam que o modelo padronizado e mínimo oferecido não atende, de maneira satisfatória, a diversidade de composições familiares, e ainda menos que os façam se sentir pertencentes àquele local.

Quadro 9 – Observação Microsistema | Miguel Marinho

Observação Microsistema Miguel Marinho			
Categorias	Pontos positivos	Pontos negativos	Falas dos usuários
Dimensionamento dos ambientes	-	Casa pequena	"É, teve que adaptar <i>né</i> ? Por causa do tamanho <i>né</i> . Teve que compactar tudo dentro. Aí eu tive que por duas lá. Aí o berço tem que ficar na sala porque não cabe tem mais (cômodo). O espaço aqui é... É bem pequenininho. " Entrevista 14 (REZENDE, 2018, grifos nossos).
	-	Falta de acessibilidade	"(...) é porque ele vai crescendo, à medida que ele vai crescer, a cadeira de rodas estrutura da casa dentro da casa <i>ai como é que eu fico com banheiro... né</i> Entrevista 14 (REZENDE, 2018, grifos nossos).
	-	Alterações de acordo com as necessidades	"A reforma né? Porque foram muitas modificações (...) vou começar a fazer agora Entrevista 14 (REZENDE, 2018, grifos nossos).
	Tamanho bom	-	" <i>Ah, pra mim num... no tamanho... hoje não reclamo não. O negócio é poder fazer</i> (REZENDE, 2018, grifos nossos).
-	-	Vontade de modificar a casa	"Tem, eu tava com vontade de mudar sim... fazer a garagem ali...fazer um outro cômodo
Segurança	Impasse entre tamanho pequeno e boa divisão		" <i>ah:...</i> é tipo assim igual na hora da refeição ... aqui vai a mesa <i>né</i> aqui ninguém almoça nem janta junto aí cada um senta e come <i>num</i> quarto <i>num</i> cômodo ... e tem a questão aí a minha esposa e minha filha vai revezando cada um da casa aqui é isso e aí que vocês estão vendo <i>né</i> é assim é ruim ... assim eu acho até que é bem dividido ... só que gente <i>né</i> (...) aqui não está funcionando arrastei tanto esses móveis de um lado para o outro ... cortei meu guarda-roupa, que fazer tipo um... pra ocupar aquele espaço ali na funcionou que deu ainda mais espaço" Entrevista 37 (REZENDE, 2018, grifos nossos).
	-	Insetos	"(...) fora os insetos que dá demais, nossa barata é demais... o que mais tem aqui (REZENDE, 2018, grifos nossos).
	-	Rivalidade de bairros	"Não porque quando a gente mudou <i>pra pra cá os predador que eles fala né lá</i> da b... mandaram um recado quebrando aqui que <i>nós vazasse.</i> Aquilo ali foi destruído não

Privacidade	-	Barulho dos vizinhos	"Aqui a única coisa que aqui tem muito é barulho! Você ouve tudo o que está acontecendo aqui... (REZENDE, 2018, grifos nossos)"
	-	Não existe	"Privacidade que a gente não tem <i>né</i> , a gente tem que ficar com as janelas fechadas... às vezes estamos dentro de casa deitado vendo televisão fazendo alguma coisa você não tem sua casa , como você tem liberdade, não tem liberdade , isso também foi uma falta de liberdade ... Entrevista 53 (REZENDE, 2018, grifos nossos)"
Estresse ambiental	-	Violência e traumas	"Não, eles já vem já é oprimindo . Aqui <i>eles chega</i> é a gente não tem a liberdade de ir e vir... <i>ela vem aqui é assim</i> ... eles não tem muita razão pra isso não, que aqui não tem barulho... <i>é uns contraventosin aí, pezinho de chinelo</i> . Aqui num bairro assim... razão pra essas coisas." Entrevista 37 (REZENDE, 2018, grifos nossos)"
			"Então assim tiro éh: facada quando eu vi o rapaz aqui meu vizinho sendo assassinado... misericórdia eu achei que eu tava no filme (de terror) " Entrevista 38 (REZENDE, 2018, grifos nossos)"
	-	Abandono	"Aqui nós somos jogados, deixaram a gente... a caixa mandou pra cá e esqueceu o telhado e o teto baixando. " Entrevista 61 (REZENDE, 2018, grifos nossos)"
			" Eu nunca gostei daqui... eu vim para cá por causa da minha mãe... <i>unhum... ai na</i> ..."

Identidade de lugar	Se vê na casa	-	" Nada me incomoda... ela não me incomoda... <i>não é que eu to assim que ver com assim que eu sou é que eu contento com pouco... não é contentar com pouco...</i> Entrevista 14 (REZENDE, 2018, grifo)
	Impasse		"Oh, aqui a única coisa que é boa é a tranquilidade ... entendeu? (...) eu gosto de morar aqui " Entrevista 61 (REZENDE, 2018)
	-	Não ficam no local	"Quem mora aqui hoje é porque precisa! Não tem condição de ficar ai pra fora paga (grifos nossos).
	-	Insatisfeitos	"Ultimamente eu não estava muito satisfeito. (riu) Quando eu vou pra fora que ir para onde convém... mas vai levando... a gente tem que sobreviver "
Afetos ao lar	Como sonhou	-	"Se algum dia Deus quisesse se me ouvir e me desse uma casa onde eu abrisse a janela que eu não sabia que o meu o meu desejo seria realizado <i>né</i> , porque foi engraçado que não é não, quando eu abro a janela quando eu vim pra cá primeira vez, quando eu abro a janela sabe, o <i>que que</i> eu fiz <i>poxa</i> eu eu dobrei o meu joelho e falei assim, Deus muito obrigado "
			"(...) assim só saio daqui morta mesmo independente dela tá com problema "

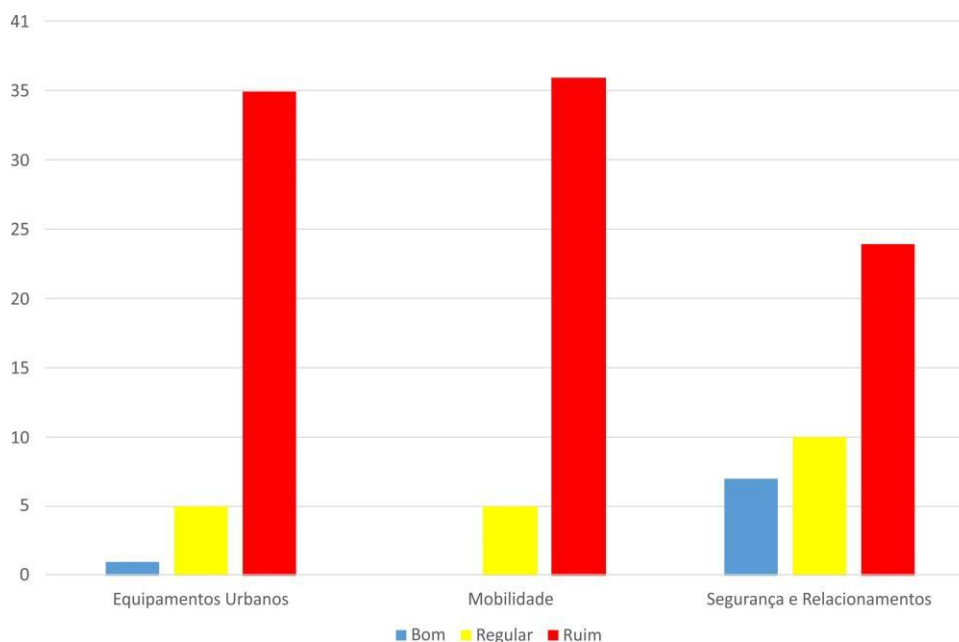
6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Considerando os quatro níveis estruturais (1) macrossistema, (2) exossistema, (3) messosistema e (4) microssistema que são empregados no campo da Psicologia Ambiental, é possível observar que a abordagem serve para a compreensão da análise ambiental com o meio no qual o indivíduo interage com os espaços, lugares e seus ambientes.

Em Juiz de Fora (macrossistema desse estudo), cidade localizada na região da Zona da Mata mineira, assim como em muitas cidades brasileiras, os empreendimentos habitacionais produzidos em sua maioria, apresentam implantações em terrenos de periferia, ausentes de infraestrutura urbana adequada e/ou insuficientes no atendimento às necessidades das famílias beneficiadas.

Diante da caracterização do espaço vital dos bairros (São Geraldo e Benfica, cenários do exossistema) observa-se que estes garantem o básico para habitabilidade como infraestrutura de asfalto, rede de água, esgoto e drenagem, coleta de lixo, transporte e iluminação pública para a implantação dos conjuntos. Porém, ao fazer a leitura desse espaço vital e se tratando da demanda imediata do espaço vivenciado por aqueles moradores, os bairros não possuem equipamentos e serviços públicos condizentes, ocasionando conflitos que impactam no cenário de vida, como se pode reafirmar observando o gráfico abaixo.

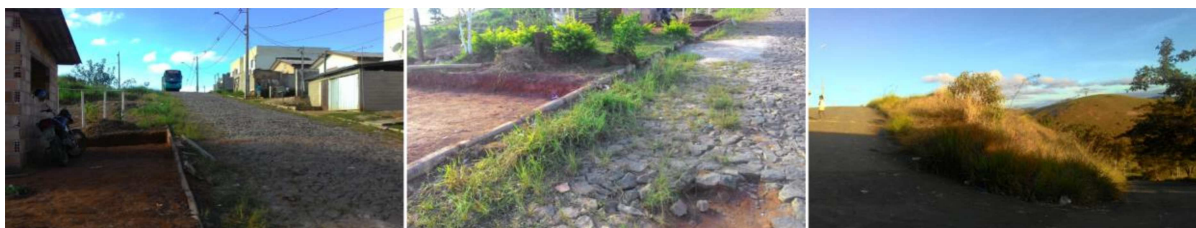
Gráfico 1 – Sistematização dos dados do exossistema e messosistema. Falas de 41 entrevistados contando Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho.



Fonte: a autora (2021).

Após a transição ecológica primária dos moradores para os conjuntos, percebe-se um exossistema com fragilidades, principalmente quando se trata da saúde, educação, serviços em geral e lazer. Essa carência vai impactar devido os moradores terem que percorrer grandes distâncias para acessar os equipamentos públicos nos bairros vizinhos ou nos centros urbanos. Elencado a isso, a má qualidade de mobilidade se faz presente, com poucos horários de transporte público, a dificuldade de conseguir outros meios de locomoção para os bairros e a falta de acessibilidade nas ruas.

Figura 47 – Inadequação na mobilidade urbana.



Fonte: Zambrano (2016).

Existem lotes vagos no entorno imediato sem calçamento e sem manutenção, com presença de lixo e falta de iluminação pública, o que pode gerar sensação de insegurança, pois os moradores precisam percorrer grandes distâncias para chegar em casa, acessar os equipamentos públicos e pontos de ônibus.

Os componentes físicos básicos são fundamentais para a existência de um bairro, mas quando se tem de maneira deficiente cria-se um conflito e um estresse ambiental para o morador. Em contrapartida, esses elementos no espaço vital quando bem estruturados, resultam no bem-estar social e na rede de apoio para os indivíduos. Podemos exemplificar essas situações a partir das falas dos moradores, retiradas das pesquisas de referências como dados secundários, onde é possível observar a constatação da falta desses equipamentos e/ou comparações com o bairro anterior a sua transição ecológica.

*Ah, porque, lá na saúde... meu filho sempre dá crise... às vezes eu preciso de um resgate... eles não vêm... eu eu tenho que deslocar, arrumar um Uber, levar ele... polícia, se você precisar de polícia, demora mais de ano pra aparecer... **então a gente se sente assim abandonada... entendeu?** Entrevista 04 (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).*

*(...) **Eu não gosto. Não gosto de morar aqui** porque assim, como que eu vou te explicar... **Porque lá no meu bairro** eu saia para todo lado, né, **e aqui não tem nada**. Você tem que sair para cidade. E, assim, lá no meu bairro Linhares eu vou pra casa dos parentes, eu ficava fazendo visita, participo da igreja, né. Aí eu saio. **Aqui eu fico trancada**, né, o dia inteiro. O dia que eu não trabalho eu fico trancada aqui o dia inteiro. Se eu não for lá embaixo, ali no portão um pouquinho, eu fico trancada. Entrevista 11 (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).*

Embora o espaço vital mostre que as características básicas do bairro atendem um empreendimento habitacional, ao inserir pessoas que carregam consigo uma bagagem de outro lugar, a percepção e as características do espaço vivenciado se modifica, porque este não está adequado a sua realidade e ao seu modo de vida. As falas aqui apontadas, mostram que a falta de equipamentos urbanos faz com que ainda se sintam pertencentes ao bairro anterior, afetando diretamente na identidade de lugar do bairro. É indiscutível a importância da eficiência de todos os elementos constituintes para um desenvolvimento econômico e social dos moradores, ou seja, para que o exossistema cumpra seu propósito, o espaço vital e o de vivência necessitam estar em conformidade. Dessa maneira, os

moradores terão um cenário de vida compatível com o que lhes foi proposto e entregue.

No mesossistema (conjuntos habitacionais) podemos observar no campo do espaço geométrico o arranjo formal dos sobrados, em ambos o distanciamento de uma construção para a outra é pequeno, sequencial e padrão, seguindo uma lógica matemática e massiva da construção. Porém, há diferenças quanto ao programa de necessidades de cada um, no Vivendas Belo Vale (constituído por um conjunto fechado com ruas privativas) o projeto arquitetônico foi concebido com: sobrados, churrasqueira, equipamentos infantis, portaria e depósito para lixo, atualmente todos esses espaços de lazer e comuns, foram destruídos. O Miguel Marinho (inserido diretamente no bairro com as ruas públicas) foi contemplado com as habitações e a escola que atende crianças da educação infantil até o quinto ano. Assim, o espaço geométrico de cada conjunto foi organizado na ação objetiva, destinando cada elemento do espaço vital na ideologia do sistema dos programas de habitação.

O modo como esses espaços vivenciados estão relacionados às pessoas que ali vivem, afetam na qualidade de interação que cada um desenvolve com o espaço geométrico. Ou seja, os espaços vitais dos conjuntos ditam como devem ser concebidos, mas a vivência acontece de outra forma e ela está diretamente ligada à como cada pessoa consegue captar informações e significados.

A partir disso, observa-se que há uma violência no território intermediário advinda dos dois níveis estruturais: exossistema e mesossistema. A depredação é observada nas pesquisas de referências e foi citada pela grande maioria dos moradores, principalmente na área de lazer e na unidade habitacional, por meio de pichação, apedrejamento, destruição de paredes, roubos e etc.. Considerando os dois conjuntos, os moradores apontaram como problema a utilização e comercialização de drogas que levam a ocorrer outros crimes. Indicaram também, a invasão de moradias vizinhas.

Com relação aos atores envolvidos, foi relatado que a maioria dos que praticam as violências são moradores irregulares e jovens sem ocupação do conjunto. O vandalismo contribuiu para a falta de opção de lazer para os moradores, visto que a área de maior depredação era destinada a esse fim (vide caso Vivendas Belo Vale). É constatada uma preocupação e uma insatisfação com a depredação, que em ambos os casos é sugerido à uma percepção de crime geral nos conjuntos e

uma associação de imagem generalizada aos moradores, dado pela identidade de lugar do lugar.

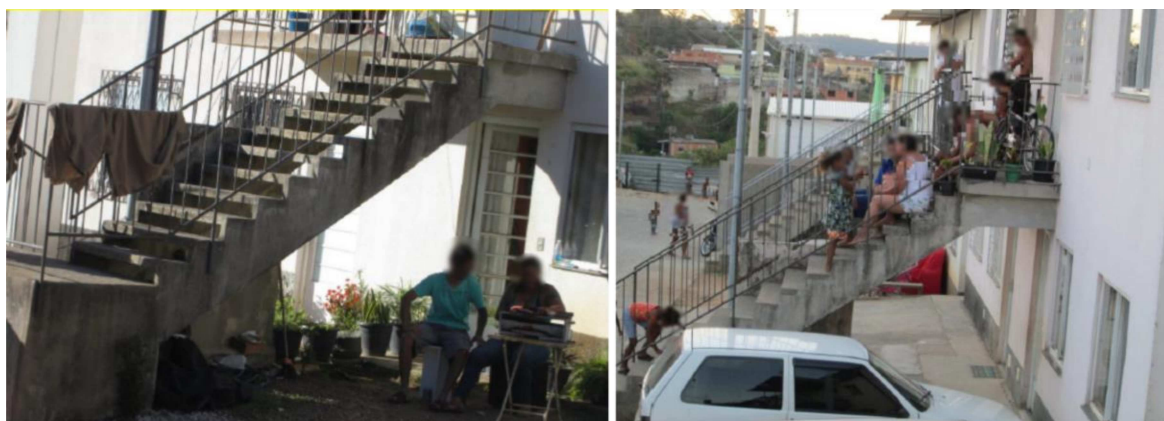
Figura 48 – Depredação da unidade habitacional.



Fonte: Lopes (2016).

Tendo em vista tal situação, a maioria dos moradores utilizam apenas os espaços comuns próximos à porta de casa, ressaltando um modo de vida não previsto no espaço vital, como por exemplo uma praça para encontros ou áreas destinadas a encontros, reuniões e eventos.

49 – Locais de encontro nos acessos das casas.



Fonte: Lopes (2016).

50 – Local de lazer e eventos nos acessos das casas.



Fonte: Zambrano (2016).

Observa-se entre os moradores do Vivendas Belo Vale, o desejo de recuperar a estrutura física do conjunto – por meio da reconstrução do parque infantil, limpeza das paredes pichadas, construção de um muro nos limites do conjunto, construção de ambiente adequado para o armazenamento do lixo, entre outros – devido a existência de um sentimento de pertencimento e coletividade daquele lugar por alguns moradores, e de se ter a aspiração de que ele melhore para gerações futuras.

No Miguel Marinho, por não ser um conjunto fechado, é possível notar diversas modificações nos sobrados. As mudanças nas coberturas (apontadas como um dos maiores problemas por entrar água quando chove) começaram a serem realizadas pela construtora, devido a um processo impetrado pela CAIXA, com finalidade de correção de vícios construtivos. A partir do espaço de vivência, foram realizadas ampliações das casas com construções de novos cômodos e garagens, conforme as necessidades presentes nos cenários de vida.

51 – Reforma no sobrado Miguel Marinho.



Fonte: Zambrano (2016) e Google Earth (2021).

As habitações não possuem barreiras físicas com a rua, dificultando o entendimento entre o que é espaço público e privado. Em ambos os conjuntos, o projeto deveria conter elementos de proteção para as unidades habitacionais do nível térreo, ao menos no sentido de bloquear a visão dos pedestres para o interior da habitação. Por exemplo, prever uma separação dos acessos das unidades habitacionais, elevar a edificação em relação à rua (não deixando de atentar a acessibilidade) ou projetar o peitoril das janelas mais altos para bloquear a visão do exterior. Ainda neste quesito, existem outros tipos de esquadrias que não são totalmente transparentes, que possivelmente, seriam mais indicadas para proteger visualmente o interior da habitação.

52 – Construção de divisas para marcação de unidade habitacional.



Fonte: Lopes (2016).

Diante da falta de segurança e privacidade relacionada aos vizinhos, o “Estresse Ambiental” acontece a partir do conjunto de reações que têm por finalidade o enfrentamento de situações negativas do lugar, cujos efeitos podem impactar na capacidade adaptativa. Estas ações como forma de resolver um problema, têm como objetivo sair de uma situação de desequilíbrio e retomar a um estado de equilíbrio (CAVALCANTE; ELALI, 2017). Considerando a relação entre estresse e saúde, Evans e McCoy (1998) afirmam que o ruído, o trânsito, a poluição atmosférica e a aglomeração conferem um estado de estresse ambiental. Isto é, a falta de organização do lugar, seja ele coletivo ou privado, interfere no estresse da pessoa.

A ausência de vínculo com os conjuntos é percebida por meio da verificação da baixa qualidade construtiva, do descuido relacionado aos espaços geométricos de uso coletivo, em vista que, os beneficiários possuem diferentes trajetórias e origens (uns moravam em casas e regiões mais estruturadas, outros não), além disso, observa-se as depredações e alterações construtivas devido a uma inadequação às necessidades das famílias, confirmando um lugar ausente de significados e valores afetivos. A conduta dos moradores vai de encontro a colocação de Tuan (2013), ao descrever sobre o sentimento das pessoas que não vivem em moradias planejadas por elas, onde o ambiente construído não traduz a identidade dos seus moradores, consolidando o afastamento dos mesmos.

(...) assim **a minha esposa não gosta daqui eu também particularmente não gosto, meus filhos também não gostam entendeu?** Várias vezes a minha menina fala assim da casa **que ela não gosta daqui...** se continuar assim ***num vai ta legal pra mim morar não, daqui dez anos não dou nem vinte anos, daqui dez anos, cinco anos se continuar assim...*** porque cada vez mais só ta piorando assim a bandidagem o relacionamento com as pessoas ***éh::*** você entendeu? Você vê gente que (...) ***ai*** no meio da rua mesmo entendeu? ***Ai eu não quero que meus filhos veja isso você entendeu?*** Entrevistado 12, Vivendas Belo Vale (LOPES, 2016, grifos nossos).

A maioria das falas apontadas como satisfação sobre os conjuntos, está diretamente relacionada à sua propriedade legal, tendo em vista que muitas vezes os moradores pagavam aluguel anteriormente. Em conformidade a esse fator, a satisfação não se remete a fatores de qualidade espacial da habitação como pode

ser observado na fala da Entrevista 14, no Miguel Marinho "Quem mora aqui hoje é porque precisa! Não tem condição de ficar ai pra fora pagando um aluguel absurdo" (REZENDE, 2018).

Ainda que constatada a insatisfação com o conjunto na fala anterior, os moradores em sua maioria confirmaram que ter a casa própria faz parte da realização pessoal, o que representa, para muitas pessoas, a realização de seus sonhos. Esta relevância da habitação pode ser compreendida através do significado que a mesma apresenta, manifestado pela conquista da segurança legal. A proteção relacionada à propriedade fornecida pelo PMCMV reforça o sentimento de que, ao pagar todas as parcelas devidas, a família obterá o título da propriedade privada do imóvel.

Ser dono da própria residência é tudo né, **é um sonho de todo mundo e para mim já era um sonho já antigo**, que a **minha mãe também tinha um sonho de ter a casa própria e não conseguiu e para mim representa tudo**. Entrevistado 05, Vivendas Belo Vale (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).

Quanto ao microsistema, o espaço vital garante aos moradores a setorização em íntimo, social e serviço, atendendo aos requisitos mínimos de habitabilidade. Em relação ao espaço geométrico, nota-se que o dimensionamento dos ambientes é pequeno e possuem rigidez na disposição dos ambientes, dificultando a adaptação nas mais diferentes necessidades e alterações das demandas ao longo da vida, bem como, em relação aos arranjos familiares.

A insatisfação dos moradores está relacionada, principalmente, à baixa qualidade dos acabamentos (os programas habitacionais priorizaram critérios de economicidade nas construções, mas em contrapartida, demandam mais manutenção ao longo do tempo) e à falta de privacidade em relação aos vizinhos. A implantação dos sobrados, a falta de barreiras arquitetônicas ou disposição das portas e janelas, não favoreceram a privacidade e a segurança entre os vizinhos.

Os moradores organizaram seus espaços de acordo com seus objetivos, constituídos a partir de expectativas socioculturais. Mesmo que tais perspectivas não estejam suficientemente claras, na maioria dos casos o objetivo é organizar um determinado espaço (impactando o mesossistema, por incluir inter-relações entre dois ou mais ambientes e o exossistema, porque as convivências que existem nesses ambientes, afetam o cotidiano do morador) que possui significações para os moradores que controlam aquele ambiente.

53 – Alterações nas unidades habitacionais para segurança e privacidade.



Miguel Marinho



Vivendas Belo Vale

Fonte: Google Earth (2021) e Lopes (2016).

A organização e ocupação do espaço imediato é uma forma de comunicação, com mensagens diretas (facilitando ou impedindo certas atividades) e mensagens simbólicas (sobre as intenções e valores das pessoas que gerenciam aquele espaço vivenciado). Na maioria dos casos, tais mensagens envolvem as relações interpessoais, além de promover práticas interativas e restringir outras. A organização espacial também determina o comportamento, as emoções, as expectativas e os significados dos moradores no contexto ambiental, criando ou não, a identidade do lugar a partir do cenário de vida (CAVALCANTE; ELALI, 2017).

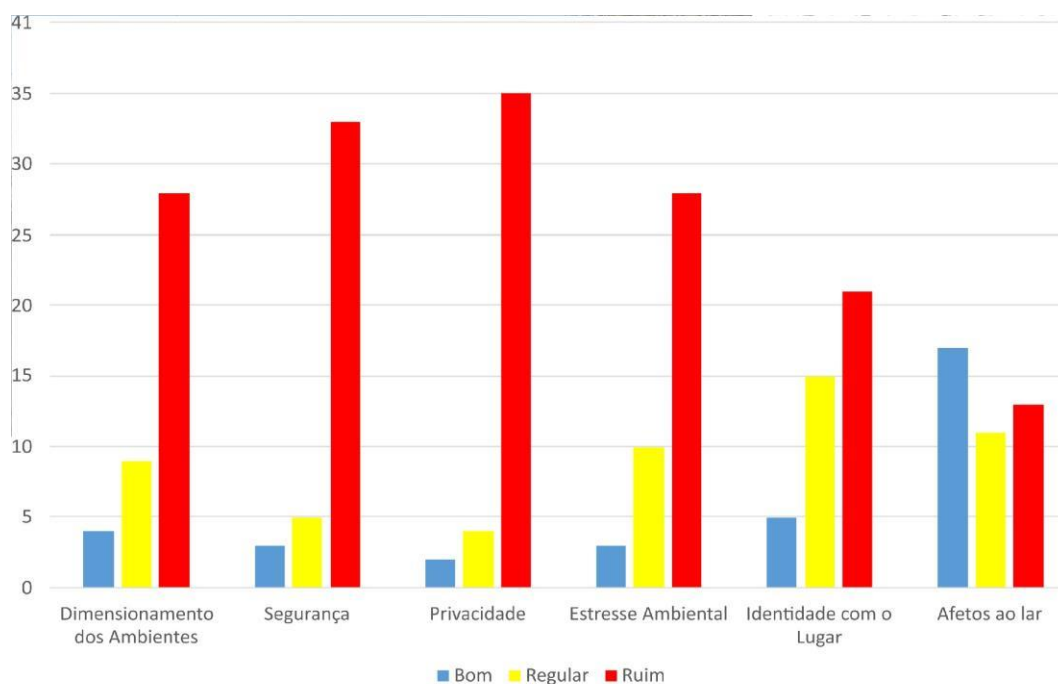
54 – Alternativa para determinar espaço pessoal e privacidade no Vivendas Belo Vale.



Fonte: Lopes (2016).

Espaço e lugar muitas vezes são empregados como sinônimos, sem que se atente para suas especificidades, porém, na área da Psicologia Ambiental e dos estudos sobre a relação entre a pessoa e o ambiente, cada um tem significado próprio. “Espaço” coloca em foco o aspecto físico do ambiente, enquanto “Lugar” se refere aos sentidos que os usuários atribuem ao espaço físico (SPELLER, 2005). Neste caso, a percepção que os moradores têm do espaço não é objetivante, porque eles são envolvidos com ele. A relação do morador com espaço vivenciado é o que permite sua transformação em lugar. O gráfico abaixo demonstra as informações relacionadas as falas dos moradores nas pesquisas utilizadas como referências, como forma de confirmação dos resultados obtidos por meio da sistematização dos dados do microsistema (unidade habitacional).

Gráfico 2 – Sistematização dos dados do microsistema. Falas de 41 entrevistados contando Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho.



Fonte: a autora (2021).

Ressalta-se que o item de “Apropriação” não entrou no gráfico por não haver falas totalmente direcionadas ao campo e não ser um item que pode ser analisado e mensurado pelo projeto arquitetônico encontrado no processo do município. Mas por meio das entrevistas realizadas nas pesquisas de referências, foram identificados os

desejos e alterações já feitas nos conjuntos, o que nos levou a incluir tais falas no quadro de análise. Apropriar entra no âmbito da Psicologia Ambiental e significa também exercer domínio sobre um lugar, embora não seja necessário ter sua posse legal. Ou seja, toda atividade no espaço vivenciado reflete uma apropriação, o morador se projeta no conjunto e na unidade ao mesmo tempo em que o conjunto e a unidade o projeta para o mundo. O processo de apropriação acontece através do olhar, que torna as coisas conhecidas, gerando no morador um sentimento de familiaridade em relação ao lugar (CAVALCANTE; ELALI, 2017).

A garagem aqui a gente usa é rotativa aqui, o carro que entrar aqui põe, o que tiver que sair, sai, **não tem ninguém que tem garagem aqui não**, eu não implico com ninguém de colocar o carro aqui, sai e entra a hora que quiser. Entrevista 10 (LOPES, 2016, grifos nossos).

O estudo do layout em fase de projeto mostra que a unidade habitacional atende às necessidades de uma família considerada “padrão” com até quatro moradores – de acordo com o IBGE (2021), o país em cada domicílio mora, em média, 2,9 pessoas. A maior média regional é na Região Norte, com 3,3 pessoas por habitação –, porém, em muitos casos as habitações contam com um número maior de residentes. É necessário que os profissionais ao conceberem o projeto da HIS, pensem no espaço vital considerando um maior número de moradores, de modo que, as unidades tenham mais cômodos por exemplo, criando possíveis opções de layout que acomode as diferentes demandas familiares.

Aí o berço tem que ficar na sala porque não cabe no quarto... a cama... Isso. Meu filho dorme na sala... Num tem mais (cômodo). O espaço aqui é... É bem pequenininho. Entrevista 37 (REZENDE, 2018, grifos nossos).

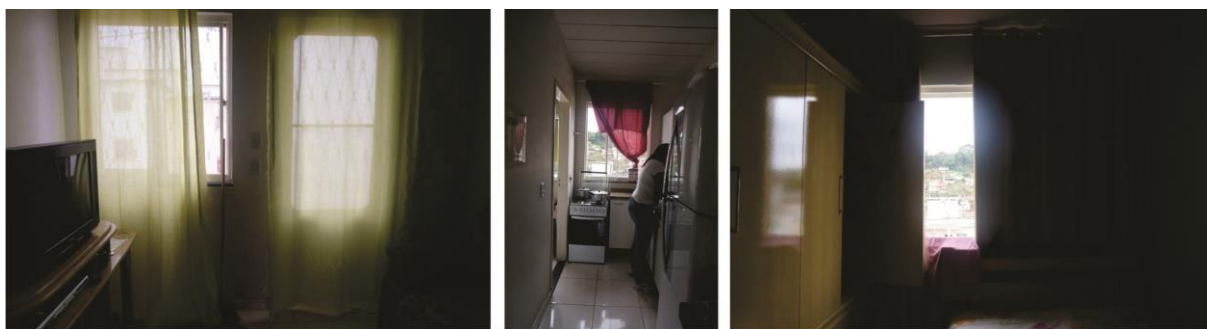
Da mesma forma acontece na sala, o layout deve apresentar soluções para o posicionamento da mesa de refeições, sem que haja a necessidade de usar o sofá para tal atividade e também sem abdicar do mesmo, já que ambos são importantes para as atividades de vida diária dos moradores. Outra questão a ser pensada no espaço vital, é pré-determinar um espaço de expansão para as casas, para que não aconteça conflito entre vizinhos quanto ao uso dos espaços a partir de suas vivências.

Um ponto mencionado pelos moradores, foi a dimensão do mobiliário que é maior do que o comportado pelo cômodo, o que por vezes prejudica a abertura de portas e janelas, ou seja, o espaço geométrico é insuficiente para atender as questões mínimas de mobília, afetando diretamente no espaço vital apropriado. Sendo assim, o morador escolhe qual móvel é mais importante para a família, isso aconteceu principalmente, na mudança da casa anterior para a nova. Muitos entrevistados relataram que deixaram para trás mobiliários por não serem compatíveis com o tamanho da casa.

Os itens de “Segurança”, “Privacidade” e “Estresse Ambiental” se apresentaram relacionados entre si. A inexistência de divisão (muro, grade, varanda, jardim, etc.) entre o microssistema (ambiente privado) e o mesossistema (ambiente público do conjunto) faz com que a unidade habitacional esteja totalmente exposta. Os moradores como forma de gerar privacidade, instalam cortinas em todos os cômodos e mantém as janelas constantemente fechadas para que não aconteça uma intromissão em suas casas. Ao instalar cortinas em todos os cômodos, a consequência é no comprometimento do conforto hidrotérmico e visual, causando mofo e escuridão. Mais uma vez, vemos um exemplo de como o espaço vivenciado pode afetar no espaço vital já pré-definido.

As cortinas também foi tudo eu que pus comprei as coisas porque eu não gosto de... como é muito pertinho **todo mundo vê lá de fora néh:: então assim você fechando a cortina não tem como a pessoa ver néh:: porque também mesmo se a gente fechar a casa toda dá pra ver néh:: eu até troquei não sei se você percebeu o vidro da minha porta.** Entrevista 14 (LOPES, 2016, grifos nossos).

55 – Cortinas para privacidade no Residencial Vivendas Belo Vale, casa
Entrevista 14.



Fonte: Lopes (2016).

O espaço geométrico do banheiro também foi apontado pelos moradores como local de insegurança física. É possível observar pelo desenho de arquitetura seu dimensionamento pequeno e nas falas, é relatado que o caimento do piso aliado a inexistência de box, representa perigo para os moradores.

De acordo com psicólogos ambientais e geógrafos, os assuntos referentes à identidade – “quem somos nós” – estão profundamente relacionadas à pergunta “onde nós estamos”, apesar de o “lugar” ser raramente mencionado em objeto de pesquisa empírica ou teórica (DIXON; DURRHEIM, 2000). A partir disso, observa-se a sutileza das falas de alguns moradores que em conjunto com as análises dos diferentes espaços demonstram um olhar para o futuro, desejando a melhoria dos três níveis estruturais (exossistema, mesossistema e microssistema), com sentimento de apego e conseqüentemente de identidade de lugar e senso de comunidade. Ou seja, a insatisfação dos moradores está relacionada a aspectos do espaço geométrico que, por conseguinte afeta nos aspectos psicológicos e nos espaços de vivência.

Então, eu quero esse Condomínio arrumado né, a gente conseguir colocar pessoas nessas casas que estão vazias, arrumar aquela frente, a questão do lixo que a gente já não aguenta mais que tudo que a gente arruma com aquele lixo não dá certo, e::: que possa ter posto de saúde, acesso à escola para essas crianças não ter que andar muito longe, que eles andam até em Santa Luzia, vão a pé não tem direito a passagem de ônibus e::: que essa biblioteca dê um pouco de estrutura para adolescente e mesmo pros adultos que esteja aqui dentro né, **a gente conseguir conquistar eles, trazer pra perto da gente, ajudar a gente aqui dentro.** Entrevista 05 (MAGALHÃES, 2019, grifos nossos).

É possível notar que ao melhorar esses espaços geométricos, automaticamente se desenvolveria união entre os moradores, alcançando qualidade de vida e a identidade de lugar. Giuliani, Ferrara e Barabotti (2000) explicam que o apego ao lugar se fortalece gradualmente e exige tempo para se consolidar, tendo como principais interferências: a qualidade ambiental diante às necessidades do morador (ou seja, a qualidade do espaço vivenciado perante ao espaço vital); significado do lugar para sua própria identidade; tempo de residência e familiaridade com o local. Os autores reforçam ainda que tais processos se complementam e se integram afim de transformar o local em algo singular.

A partir desse estudo e das pesquisas de referências, pode-se concluir que os espaços geométricos contribuem significativamente para que identidade de lugar aconteça. Ou seja, a moradia ganha importância para além de seus limites físicos, ela é principalmente reconhecida, pelo valor atribuído à vivência e aos sentimentos relacionados a ela e com os demais que a usufruem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender as espacialidades dos lugares projetados com intenção de serem arquiteturas para a HIS levando em consideração as diferenças entre entender a consciência do morador no lugar, a partir do espaço geométrico, de vivência e vital. Pressuposto a isso, os níveis estruturais desde o macrossistema até o microssistema, influenciam nos espaços tratados na pesquisa.

Progressivamente as pesquisas no campo da arquitetura e urbanismo ressaltam temáticas relacionadas à pessoa e ao espaço sociocultural, e de que forma o mesmo afeta na percepção, vivência e na qualidade de vida do usuário. Dessa forma, as soluções propostas nos projetos de HIS deveriam ser adaptadas aos diversos perfis de moradores, visto que são eles que viverão nessas moradias e se tornarão os responsáveis por sua manutenção. Ao serem considerados participantes do projeto, os moradores podem apresentar suas necessidades relacionadas ao espaço vital e geométrico, ressaltando questões de conforto, dimensionamento, segurança, privacidade, entre outros. Essa participação é uma forma de criar o sentimento de identidade de lugar, identidade espacial, a compreensão da territorialidade e aproximar ao máximo, do espaço vivenciado para aqueles que irão habitar, em vista que, quem define antropologicamente como se habita, é o indivíduo.

No âmbito do exossistema e do mesossistema, nota-se a necessidade de um fortalecimento dos centros de bairro para a implementação desses conjuntos habitacionais, de forma que dessa maneira minimize o uso de transporte público e, também, promova uma economia local. Para tanto, os bairros carecem de espaços agradáveis e seguros para circulação dos moradores, com tratamento adequado das calçadas, utilização de vegetação apropriada, iluminação dessas áreas de passagem e permanência de pedestres, entre outros aspectos.

Com base nas pesquisas de referências e nos discursos dos moradores participantes, são descritos diversos fatos que são exemplos de violência no exossistema e no mesossistema, ocasionando impacto na paisagem existente. Verifica-se a ausência de um limite físico do território, apresentando diferentes conflitos e interesses. Ao observar os desenhos de arquitetura dos conjuntos, constata-se a existência de um território intermediário, situado no mesossistema, apresentando-se como um território em contestação, isto é, ainda não socialmente configurado pela vizinhança, produzindo um espaço de vivência desarmônico onde ocorre a maioria das ações de vandalismo. Tais atitudes influenciam diretamente na forma de observar o conjunto e conseqüentemente isso implica em como o morador sente-se visto. Esses territórios necessitam de atenção, uma vez que são desprovidos de significados, sendo assim, impossibilitados de tornar-se novos referenciais.

É possível afirmar que o espaço geométrico sofre modificações à medida que seus moradores o utilizam, adequando o lugar de acordo com suas necessidades e interesses, ou seja, estão territorializando-o, pois, ainda buscam efetivar a satisfação de suas necessidades biológicas, psicológicas, sociais e culturais. Dessa maneira, o espaço de vivência não é algo apenas físico-constructivo, mas uma construção de novas memórias, sentimentos, atitudes, valores, preferências, conseqüentemente a identidade de lugar e uma auto identidade.

Por apresentar um regimento condominial, o Vivendas Belo Vale estabelece direitos e deveres aos seus moradores, porém, o cumprimento dos mesmos não é efetivado. Acredita-se que a falta de familiaridade com essa forma de morar é o motivo para que isso aconteça. Já no Miguel Marinho, por não terem uma relação próxima e fechada que um condomínio proporciona, os moradores não possuem a consciência do coletivo, ocasionando decisões particulares sem estar relacionada ao todo. Os moradores devem se envolver com a manutenção das áreas coletivas e áreas públicas, apropriando-se das mesmas, desenvolvendo atividades diversas nesses espaços vivenciados.

Quanto ao microssistema, vale ressaltar que os cenários de vida dessa pesquisa são referentes aos projetos arquitetônicos dos conjuntos do PMCMV que se assemelham ao modo de produção habitacional no tempo do BNH. Os modelos de padronização e minimização proporcionados pelo projeto das unidades habitacionais não possuem capacidade de desempenhar as inúmeras variabilidades

culturais, funcionais, sociais e temporais, das pessoas que vivenciam a HIS. Dessa forma, muitas famílias ao vivenciarem essas construções, optam por reformas e ampliações para atender às suas necessidades, mas sem receberem acompanhamento técnico adequado, resultam em problemas construtivos, de funcionalidade, de conforto ambiental e etc.

Em termos metodológicos, essa pesquisa avança em relação aos conceitos da Psicologia Ambiental no campo da Arquitetura e do Urbanismo na HIS. O modo como o espaço vivenciado está relacionado a como as pessoas vivem e se percebem, afeta na qualidade de interação que cada um desenvolve com o espaço geométrico. Dessa maneira, indica-se recomendações para projetos futuros, que possam contribuir com a melhoria da qualidade de concepção dos projetos de habitação de interesse social. Para isso, vale o questionamento: É ou não vital para esses conjuntos habitacionais, serem implementados ainda da mesma forma? Devemos continuar projetando empreendimentos com programas de necessidades padronizados? Os mesmos são realmente utilizados por esses moradores?

Destaca-se a partir desses questionamentos a relevância da continuidade da investigação para o desenvolvimento de estudos aprofundados, incluindo outros empreendimentos habitacionais e atualizações sobre os abordados (Vivendas Belo Vale e Miguel Marinho), considerando que, o morador é visto dentro de uma análise temporal, onde há constantes alterações de comportamentos ao longo do tempo vivido. Faz-se interessante considerar, também, dentro dos projetos de arquitetura de conjuntos residenciais e unidades habitacionais, a necessidade da discussão de mais conceitos como a dependência do lugar, apego ao lar, percepção ambiental e temporal.

Devido à pandemia de covid-19, a pesquisa passou por uma grande limitação e fragilidade quanto ao aprofundamento do tema. O fato de não conseguir realizar as entrevistas e os percursos documentados atualizados, fez com que alguns temas e conceitos não pudessem ser abordados no trabalho, sugere-se ainda, estudos sobre a parte social dos moradores das HIS.

REFERÊNCIAS

AAKER, Jennifer Lynn; BENET-MARTÍNEZ, Verónica; GAROLERA, Jordi. Consumption symbols as carriers of culture: a study of japanese and spanish brand personality constructs. **Journal Of Personality And Social Psychology**, [S.L.], v. 81, n. 3, p. 492-508, 2001. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.81.3.492>.

ABDALLA, José Gustavo Francis; PESSOA, José Augusto Martins. O centro urbano de Juiz de Fora e Viçosa: do percebido e do vivido ao concebido. In: Seminário Nacional: O Estudo da História na formação do Arquiteto, 1994, São Paulo. **Seminário Nacional: O Estudo da História na formação do Arquiteto**. São Paulo: FAU/USP, 1994. v. 1.

ALBERTO, Klaus Chaves; RODRIGUES, Izabel Cristina. O impacto da legislação urbana na formação de espaços públicos. **Arquitextos**, São Paulo, ano 19, n. 217.01, Vitruvius, jun. 2018. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.217/7025>. Acesso em: 13 jul. 2020.

AMARAL E SILVA, Antônio José do. **A arquitetura do Urbanismo e o Urbanismo da Arquitetura**: o estudo comparativo dos conjuntos das avenidas guararapes e conde da boa vista. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3342/1/arquivo5290_1.pdf. Acesso em: 26 jul. 2020.

ANTONSICH, Marco. Meanings of place and aspects of the Self: an interdisciplinary and empirical account. **GeoJournal**, [S.L.], v. 75, n. 1, p. 119-132, 27 maio 2009. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s10708-009-9290-9>.

ARANTES, Otília B. Fiori. **Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BARCO, Aron Pilotto. **A constituição do espaço na fenomenologia de Husserl**. 2012. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2012.

ELANCHE, Daniel; CASALÓ, Luis Vicente.; RUBIO, María Ángeles. Local place identity: a comparison between residents of rural and urban communities. **Journal Of Rural Studies**, [S.L.], v. 82, p. 242-252, fev. 2021. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrurstud.2021.01.003>.

BENNETT, John William. **Human ecology as human behavior: essay in environmental and development anthropology**. 2. ed. New Brunswick: Transaction Publishers, 1995. 387 p.

BESTETTI, Maria Luisa Trindade. *Ambiência: espaço físico e comportamento*. **Rev. bras. geriatr. gerontol.** Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 601-610, set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232014000300601&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 maio. 2020.

BOLFARINE, Heleno; BUSSAB, Wilton de Oliveira. **Elementos de Amostragem**. 1. ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2005.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

BONDUKI, Nabil; LEITE, Maria J. B. Habitação Popular in MONTEZUMA, Roberto (org). **Arquitetura Brasil 500 anos**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, p. 22-120, 2008.

BONDUKI, Nabil. Do Projeto Moradia ao programa Minha Casa, Minha Vida. **Teoria e debate**, nº 82, maio/junho. 2009.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BONDUKI, Nabil. **Os pioneiros da habitação social no Brasil: volume 1**. São Paulo: Editora UNESP/ Editora SESC São Paulo. 2014.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. *Arquitetura e seu combate. Interpretar Arquitetura*. **Revista de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo**. vol. 2, n. 3, dezembro de 2001. Grupo de Pesquisa “Hermenêutica e Arquitetura” da Escola de Arquitetura da UFMG.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Avanços e desafios: Política Nacional de Habitação**. Brasília: Ministério das Cidades, 2010. 96 p.

BRASIL. Ministério das Cidades. **Política Nacional de Habitação**. Brasília: Ministério das Cidades - Habitação, 2004. 10 p.

BRONFENBRENNER, Urie. Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, Washington, DC: American Psychological Association, n.32, p. 513-531, 1977.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre. Editora Artes Medicas, 1996.

CARDOSO, Adauto Lúcio; ARAGÃO, Thêmis Amorim; ARAUJO, Flávia de Sousa. *Habitação de interesse social: Política ou mercado? Reflexos sobre a construção do espaço metropolitano*. **Enanpur**, Rio de Janeiro, maio de 2011. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/683/669>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CARDOSO, Adauto Lúcio; MELLO, Irene de Queiroz & JAENISCH, Samuel Thomas. (2015), “A implementação do Programa Minha Casa Minha Vida na Região

Metropolitana do Rio de Janeiro: agentes, processos e contradições”. In: AMORE, Caio Santo, SHIMBO, Lúcia Zanin & RUFINO, Maria Beatriz Cruz (orgs.). **Minha casa... e a cidade? Avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros**. Rio de Janeiro, Letra Capital, pp. 73-102.

CARDOSO, Adauto Lucio. **Reforma Urbana e Planos Diretores: avaliação da experiência recente**. Cadernos IPPUR. Rio de Janeiro. Ano XI, n 1 e 2, 1997. p. 79-111.

CARVALHO, Francisco. **Educação de crianças com deficiência na perspectiva da ecologia humana**. Lisboa. Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 2007.

CARVALHO, Letícia Leal de. **A implementação do Programa Minha Casa Minha Vida e sua relação com a provisão de infraestrutura social: os casos de Guarulhos e Itaquaquecetuba**. 2018. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Programa de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CARVALHO, Mara Ignez; CAVALCANTE, Sílvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Ambiente. In: ELALI, Gleice Azambuja; CAVALCANTE, Sílvia. (orgs) **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

CASSAB, Clarice; PINTO, Marina Barbosa. O LUGAR DOS POBRES NA CIDADE DE JUIZ DE FORA O Programa MCMV e os novos padrões de espacialização da pobreza em JF. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 1-7, 02 maio 2016.

CASTRO, Aldemar Araújo; SACONATO, Humberto; GUIDUGLI, Fabio; CLARK, Otavio Augusto Camara. **Curso de revisão sistemática e metanálise** [On-line]. São Paulo: LED-DIS/UNIFESP; 2002. Disponível em: <http://www.virtual.epm.br/cursos/metanalise>. Acesso em: 23 out. 2021.

CAVALCANTE, Sílvia; ELALI, Gleice Azambuja. (Org.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2017. 320 p.

COHAB/MINAS, Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais. **História Cohab/Minas**. 2020. Disponível em: <http://www.cohab.mg.gov.br/historia/>. Acesso em: 11 set. 2020.

CORDEIRO, Simone Lucena. **Cidade Tiradentes e COHAB: Moradia Popular na Periferia da Cidade de São Paulo - Projetos e Trajetórias (1960-1980)**. São Paulo: Doutorado em História Social pela PUC-SP, 2009.

CORRALIZA, Jose Antonio. Emoción y ambiente. In: ARAGONÉS, Juan Ignacio; AMÉRIGO, María (Org.). **Psicología ambiental**. Madrid: Ediciones Pirámides, 2002. p. 59-76.

CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil - 1870-1950**. [S.l: s.n.], 2004.

CYMBALISTA, Renato; MOREIRA, Tomás. Política Habitacional no Brasil: a história e os atores de uma narrativa incompleta. **Participação Popular nas Políticas Públicas**, p. 31-48, 2006

DIXON, John; DURRHEIM, Kevin. Displacing Place-identity: A Discursive Approach to Locating Self and Other. **British Journal of Social Psychology**, 39, p. 27-44, 2000.

ELALI, Gleice Azambuja; MEDEIROS, Samia. (Org.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. In: _____. Apego ao Lugar. Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 53-61.

EUFRASIO, Mário A. **Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)**. São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo/ editora 34,1999.

EVANS, Gary William; McCOY, Janetta Mitchell. When Buildings Don't Work: The Role of Architecture in Human Health. **Journal of Environmental Psychology**, 18, p. 85-94, 1998.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Fundação João Pinheiro e Ministério das Cidades divulgam os resultados do Déficit Habitacional Municipal no Brasil**. 2013. Disponível em: <http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/noticias-em-destaque/2680-fundacao-joao-pinheiro-e-ministerio-das-cidades-divulgam-os-resultados-do-deficit-habitacional-municipal-no-brasil>. Acesso em: 20 abr. 2021.

GERDATH, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo, 2009. **Métodos de pesquisa**. Editora UFRGS. 1 edição. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>> Acesso em: 18 set. 2020.

GHAFOURIAN, Mitra, HESARI, Elham. Evaluating the Model of Causal Relations Between Sense of Place and Residential Satisfaction in Iranian Public Housing (The Case of Mehr Housing in Pardis, Tehran). **Soc Indic Res** 139, 695–721, 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs11205-017-1717-y>. Acesso em: 11 set. 2020.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GIEDION, Sigfried. **Mechanization takes command: a contribution to anonymous history**. New York: Oxford University Press, 1948.

GIFFORD, Robert. O papel da Psicologia Ambiental na formação da Política Ambiental e na construção do futuro. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1-2, p. 237-47, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/viewFile/41854/45522>. Acesso em: 18 abr. 2020.

GIULIANI, Maria Vittoria. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In E. T.

O. Tassara, E. P. Rabinovich & M. C. Guedes (Eds.), **Psicologia e ambiente** (p. 89-106). São Paulo: Educ. 2004.

GIULIANI, Maria Vittoria; FERRARA, F.; BARABOTTI, S. One Attachment or More? In: MOSER, G. *et al.* (orgs.). **Proceedings of the 16th International Association for People-environment Studies Conference** – People Place and Sustainability. Paris: Hogrefe & Huber, p. 11-122, 2000.

GOVERNO FEDERAL. **Programa Casa Verde e Amarela**. Ministério do Desenvolvimento Regional. 2020.

GUERRAND, Roger Henri. Espaços Privados. In PERROT, M. (org.). **História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HABITAR. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/habitar>> Acesso em: 18 abr. 2021.

HAUGE, Ashild Lappegard. 2007. **Identity and place: a critical comparison of three identity theories**. Architect. Sci. Rev. 50, 44–51. doi: 10.3763/asre.2007.5007

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

HEIDEGGER, Martin. O que quer dizer pensar? In: HEIDEGGER, M. **Ensaios e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

IPEA. **Habitação: onde mora a violência**. Disponível em: http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1022:rep-ortagens-materias&Itemid=39. Acesso em: 05 de set. 2020.

ITTELSON, William. H *et al.*. (1974). **An introduction to Environmental Psychology**. Nova York: Holt, Rinehart & Winston

JUIZ DE FORA. Prefeitura Municipal. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juiz de Fora (PDDU, 2000)**. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/pddu/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

JUIZ DE FORA. Prefeitura Municipal. Política de Desenvolvimento Urbano e Territorial. **Lei Complementar Nº 082**. Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, 03 jul. 2018. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/pddu>. Acesso em: 12 fev. 2022.

JORGE, Lisiane de Oliveira. **Estratégias de flexibilidade na arquitetura residencial multifamiliar**. 2012. 512 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Projeto de Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-15062012-162419/publico/tese_lisiane_revisada.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornélie Knatz *et al.* Análise de parâmetros de implantação de conjuntos habitacionais de interesse social: ênfase nos aspectos de

sustentabilidade ambiental e da qualidade de vida. In: SATTLER, M. A.; PEREIRA, F.O. R. (Org.). **Coletânea Habitare**. Porto Alegre: ANTAC, 2006. 296 p.

KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornélie Knatz; GRANJA, Ariovaldo Denis. O conceito de valor desejado como estímulo para mudanças na habitação social no Brasil. **Habitat Internacional**, v. 35, n. 3, p.435–446, 2011.

KRAUSE, Cleandro; BALBIM, Renato; NETO, Vicente Correia Lima. **Minha Casa Minha Vida, nosso crescimento: Onde fica política habitacional?** Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2013.

LALLI, Marco. **Urban-related identity: theory, measurement and empirical findings**. In: Journal of Environmental Psychology, Academic Press, 1992, vol.12 p.285-303

LAY, Maria Cristina Dias; REIS, Antônio Tarcísio. O papel de espaços abertos comunitários na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais. **Revista Ambiente Construído**. Porto Alegre, v.2, n.3, 2002, p. 25-39.

LIMA, Bruno Avellar Alves de; ZANIRATO, Silvia Helena. Uma revisão histórica da política habitacional brasileira e seus efeitos socioambientais na metrópole paulista. In: PRIMEIRO SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM POLÍTICAS PÚBLICAS E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 1., 2014, Franca. **Anais [...]**. Franca: Unesp - Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", 2014. p. 1-11. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspUBLICAS/isippedes/bruno-avellar-alves-de-lima-e-silvia-helena-zanirato.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

LOPES, Ana Lúcia Mendes; FRACOLLI, Lisiane Aparecida. Revisão sistemática de literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação na pesquisa em enfermagem. **Texto, Contexto, Enfermagem**. Florianópolis, 2008, out-dez, p. 771-778.

LOPES, Isabela Canônico. **Práticas sociais e percepção do usuário como parâmetros para projetos de arquitetura no interior da habitação de interesse social: estudo de caso no condomínio Vivendas Belo Vale, Juiz de Fora - MG**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Engenharia, Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

LOW, Setha M.; ALTMAN, Irwin. **Place Attachment: A Conceptual Inquiry**. New York, NY: Plenum, 1992.

LYNCH, Kevin. **La buena forma de la ciudad**. Barcelona: G. Gilli, 1985.

MAGALHÃES, Amanda Ribeiro. **Território, corpo e narrativa: uma análise dos efeitos do programa minha casa minha vida em juiz de fora sob a perspectiva de gênero**. 2019. 105 f. Monografia (Especialização) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

MALINOWSKI, Bronisław. **Uma Teoria Científica da Cultura**. Lisboa: Edições 70, 1976.

MAR-PEREIRA, Dina. **O programa cidade de porte médio em Juiz de Fora: o caso do milho branco**. 2012. 57 f. Monografia (Especialização) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MARTINEZ, Alfonso Corona. **Ensaio sobre o projeto**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

MEDEIROS, Sara Raquel Fernandes Queiroz de. BNH: outras perspectivas. In: I CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 1., 2010, Natal. **Anais** [...]. Natal: I Conferência Nacional de Políticas Públicas, 2010. p. 1 - 15. Disponível em:
<http://www.cchla.ufrn.br/cnpp/pgs/anais/Artigos%20REVISADOS/BNH,%20outra%20perspectiva.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MILLEN, João Bosco de Camargo. Construir, Habitar, Pensar: Uma Proposta de (re)Leitura. **Poliética**. São Paulo, v. 7, n. 2, pp. 119-142, 2019.

MOSER, Gabriel. **Introdução à psicologia ambiental: pessoa e ambiente**. Campinas, SP: Editora Alinea, 2018.

MOTTA, Marlene França. **Espaço vivido/Espaço pensado: o lugar e o caminho**. 2003. 161 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

NASCIMENTO, Denise Morado *et al.* Programa Minha Casa Minha Vida: desafios e avanços na Região Metropolitana de Belo Horizonte. In: AMORE, Caio Santos; SHIMBO, Lúcia Zanin; RUFINO, Maria Beatriz Cruz (Orgs). **Minha casa... e a cidade? Avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros** - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

NUNES, Mykaella Cristina Antunes; ANDRADE, Anne Graça de Sousa; MORAIS, Normanda Araujo de. Adolescentes em conflito com a lei e família: um estudo de revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 144-156, dez. 2013. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 nov. 2020.
<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.62.07>.

ONGARO, Daniella Fonseca Zanotti. **Lugar e violência na habitação de interesse social: estudo de caso em juiz de fora/mg**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Engenharia, Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017

PANNERAI, Philippe. **Elementos de analisis urbano**. Bruxelas: Archive d'architecture Moderne, 1978.

PINA CABRAL, João de. **Os Contextos de Antropologia**. Lisboa: edições Difel.1991.

PENG, Jianchao, STRIJKER Dirk; QUN, Wu. Identidade do lugar: até onde chegamos na exploração de seus significados? **Frente**. Psychol. 11: 294. doi: 10.3389 / fpsyg.2020.00294.2020.

PEQUENO, Renato; ROSA, Sara Vieira. "Inserção urbana e segregação espacial: análise do Programa Minha Casa Minha Vida em Fortaleza". In: AMORE, Caio Santos; SHIMBO, Lúcia Zanin; RUFINO, Maria Beatriz Cruz (Orgs). **Minha casa... e a cidade? Avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros** - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

POL, Enric. **Environmental Psychology in Europe: From Architectural Psychology to Green Psychology**. Aldershot, England: Avebury.1993.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. **Proposta para o Plano Diretor de Juiz de Fora**. IPPLAN/JF. Proposições. Volume II, 1996.

PROSHANSKY, Harold M. The city and the self identity. **Environment and Behavior**, 10, 147-169. 1978.

PROSHANSKY, Harold M., FABIAN, Abbe K.; KAMINOFF, Robert. **Place-identity: physical world socialization of the self**. J. Environ. Psychol. 3, 57–83. doi: 10.1016/s0272-4944(83)80021-8. 1983.

RANDOLPH, Justus. A guide to writing the dissertation literature review. **Practical Assessment, Research & Evolution**, v14, n. 11, p. 1 -13, jun. 2009.

RAPOPORT, Amos. Systems of activities and systems of settings. In **KENT**. Suzan. Domestic architecture and the use of space: an interdisciplinary cross-cultural study. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p.9-20.

RAPOPORT, Amos. **The Meaning of the Built Environment: A Nonverbal Communication Approach**. Reino Unido: University of Arizona Press, 1990.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

REZEANU, Catalina Ionela. The Subjective and Objective Dimensions of Home in Later Life: Implications for Aging in Place. **Social Work Review**. v. 3, p. 17-31, 2014.

REZENDE, Carla Bernardes de. **Proposição Taxonômica de um Caderno de Projetos para Habitação de Interesse Social**: pesquisa de campo no residencial miguel marinho, juiz de fora - mg. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. **Observando a Qualidade do Lugar:** procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Coleção PROARQ/FAU/UFRJ, 2009

ROSSETTO, Carlos Ricardo; ROSSETTO, Adriana Marques. Teoria institucional e dependência de recursos na adaptação organizacional: uma visão complementar. **RAE Eletrônica**, v. 4, n. 1, p. 44- 62, 2005.

RUBIN, Graziela Rossatto; BOLFE, Sandra Ana. O DESENVOLVIMENTO DA HABITAÇÃO SOCIAL NO BRASIL. **Ciência e Natura**, Passo Fundo, v. 36, n. 2, p. 202-213, 14 maio 2014. Universidad Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2179460x11637>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4675/467546173014.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

RUFINO, Maria Beatriz Cruz *et al.* A produção do Programa PMCMV na Baixada Santista: habitação de interesse social ou negócio imobiliário?. In: AMORE, Caio Santos; SHIMBO, Lúcia Zanin; RUFINO, Maria Beatriz Cruz (Orgs). **Minha casa... e a cidade? avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros** - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

RUFINO, Maria Beatriz Cruz. Um olhar sobre a produção do PMCMV a partir de eixos analíticos. In: AMORE, Caio Santos; SHIMBO, Lúcia Zanin; RUFINO, Maria Beatriz Cruz (Orgs). **Minha casa... e a cidade? avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros** - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

SANOFF. **Integrating programming, evaluation and participation in design: A theory Z approach.** Aldershot:Avebury, 1992.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. **Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo:** lei municipal n° 16.050, de 31 de julho de 2014; texto da lei ilustrado. São Paulo: PMSP, 2015. Disponível em: <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: 18 out. 2020.

SAULE JUNIOR, Nelson; CARDOSO, Patricia de Menezes. **O direito à moradia em Porto Velho e os projetos de desenvolvimento na Amazônia,** São Paulo, Instituto Pólis, 2005.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

SEGNETTO, Ítalo Mendes; COSTA, Marcos Roberto Amaral; CASTRO, Aline Karen Monteiro de; MEDEIROS, Gustavo Barros de; FELGA, Carlos Eduardo; TASCA, Luciane. ESTUDOS SOBRE A LEGISLAÇÃO URBANA VIGENTE EM JUIZ DE FORA: simulações da realidade atual e propostas para revisões futuras. In: QUARTO SEMINÁRIO DE EXTENSÃO E PESQUISA, 4., 2018, Juiz de Fora. **Anais [...]** . Juiz de Fora: Analecta, 2018. v. 4, p. 1-13.

SEGNINI, Francisco. Prefácio. In VARGAS, H.C.; ARAÚJO, C. P. (orgs.). **Arquitetura e Mercado Imobiliário**. Barueri, SP: Manole, 2014.

SILVA, Leonora Cristina da. **Diretrizes para a arquitetura hospitalar pós-reforma psiquiátrica sob o olhar da psicologia ambiental**. 2008. 198 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVA, Ricardo Antônio Santos da. **Geografia e habitação social: a política habitacional e os expedientes da (re) produção da cidade capitalista em Juiz de Fora - MG**. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

SIME, Jonathan. What is Environmental Psychology? – Texts, Content and Context. **Journal of Environmental Psychology**, 19, p. 191.1999.

SOMMER, R. Discipline and Field of Study: A Search for Clarification. **Journal of Environmental Psychology**, 20, p. 1-4. 2000.

SOUZA, Albert Milles de. **Descontinuidades e permanências no planejamento urbano a partir do Plano Diretor Participativo da cidade de Juiz de Fora - MG**. 2019. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Espaço e Ambiente, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo**. São Paulo: HUCITEC; EDUSP, 1994.

SPELLER, G. M. A importância da vinculação ao lugar. In L. Soczka (Ed.), **Contextos humanos e psicologia ambiental** (pp.133-167). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

STEINER, Frederick. **Human Ecology: How nature and culture shape our world**. Washington/Covelo/London: Islandpress, 2016.

STOKOLS, Daniel; SHUMAKER, S. A. People in places. In: **Cognition, Social Behavior, and the Environment**, ed. J. H. Harvey (Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates), 441–488. 1981.

STOKOLS, Daniel. The Paradox of Environmental Psychology. **American Psychologist**, 50 (10), p. 821-837. 1995.

SZÜCS, Carolina Palermo *et al.* **Habitação de interesse social: flexibilidade do projeto, contextualização das soluções**. Relatório Final de Iniciação Científica CNPq, UFSC, Florianópolis, agosto de 2000.

TASCA, Luciane. **As contradições e complementaridades nas leis urbanas de Juiz de Fora: dos planos aos projetos de intervenção**. Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de

Janeiro, 2010.

TERRA, Lucas Marcelino. **Aspectos projetuais, construtivos e de desempenho de empreendimentos residenciais de casas geminadas**. 2020. 83 f. Monografia (Especialização) - Curso de Engenharia Civil, Escola Politécnica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<http://monografias.poli.ufrj.br/monografias/monopoli10031399.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2020.

TORVISCO, Juan Marce nez. Espacio personal y ecologia del pequeño grupo. In: ARAGONÉS, Juan Ignacio; AMÉRIGO, María (Org.). **Psicología Ambiental**. Madrid: Ediciones Pirámides, 2002. p. 102-22.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

VILLA, Simone Barbosa. **Morar em apartamentos: a produção dos espaços privados e semi-privados nos edifícios ofertados pelo mercado imobiliário no século XXI em São Paulo e seus impactos na cidade de Ribeirão Preto. Critérios para avaliação pós-ocupação**. 2008. Tese (Doutorado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-19112010-112443/publico/Simone_Villa_Tese.pdf> Acesso em: 20 jul. 2021.

VILLAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo: Global, 1986.

VITTORINO, Fulvio *et al.* **Técnicas estatísticas aplicadas à APO em habitações**. In: Qualidade ambiental na habitação: avaliação pós-ocupação São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

YUNES, Maria Angela Mattar; JULIANO, Maria Cristina Carvalho. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação** (FaE/PPGE/UFPEl), Pelotas, n. 37, p. 347 - 379, set./dez. 2010.

ZAMBRANO, Leticia Maria de Araújo. Análise dos programas e ações da proposta do Plano Municipal de Habitação em Juiz de Fora. In: ZAMBRANO, L. M. A. *et al.* (org). **Habitação social em Juiz de Fora: debates e projetos**. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 135-158.

ZAMBRANO, Leticia Maria de Araújo. **Escritório-Escola Itinerante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF: avaliação e assessoria técnica em empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida em Juiz de Fora - MG**. PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PROEXT 2014 – MEC/SESu. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

ZAMBRANO, Leticia Maria de Araújo. **Escritório-Escola Itinerante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF: assessoria técnica para apoio ao governo municipal no planejamento e gestão da política habitacional de interesse social**.

PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PROEXT 2016 – MEC/SESu.
Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

ZEISEL, John Inquiry by Design. Monterey: Brooks/Cole **Publishing Company**, 1981.

ZIMRING, Craig; RASHID, Mahbub; KAMPSCHROER, Kevin. **Facility Performance Evaluation** (FPE). Washington: National Institute of Building Sciences (NIBS), 2005.

ANEXO A - Aprovação pelo Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A fala de quem vivencia os projetos de arquitetura das unidades habitacionais em conjuntos residenciais da habitação de interesse social.

Pesquisador: Janaina Mendes de Castro

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 37218920.1.0000.5147

Instituição Proponente: Programa de Pós Graduação em Ambiente Construído (PROAC)

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.389.199

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa.

"Os empreendimentos de HIS têm sido alvo de diversos estudos realizados no meio acadêmico. Em uma ampla visão, a procura por melhores resultados em relação a esses empreendimentos, além de causar benefícios aos seus usuários, também aponta melhorias para a sociedade.

Durante o processo de interação entre pessoa-ambiente, o espaço físico resulta em um lugar significativo para o indivíduo, isso é determinado pelo tipo de relação e emoção que o indivíduo pode estabelecer com o espaço físico. O objetivo da presente pesquisa é investigar o projeto físicoespacial no microssistema exossistema das unidades habitacionais de HIS, em Juiz de Fora - Minas Gerais, durante um período de aproximadamente 50 anos, como suporte ambiental a estrutura proposta no modelo de desenvolvimento ecológico de Bronfenbrenner e proceder uma caracterização físico-espacial de unidades habitacionais em conjuntos residenciais por meio das atividades molares de seus moradores. A investigação é uma pesquisa exploratória e utiliza alguns conceitos da Psicologia Ambiental para abordar o senso de lugar sob três aspectos de pesquisa, sistematização e análise: Identificação com o Lugar; Vinculação ao Lugar e Afetividade/Aderência com o lar. Além disso, tratará das espacialidades da arquitetura e urbanismo, tanto o ambiente físico, quanto aspectos do ambiente social dos moradores. O levantamento de dados da pesquisa será realizado a partir de uma abordagem documental e empírica, com a organização das

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.389.199

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1610271.pdf	05/11/2020 21:39:15		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhadoComiteDeEticaATUALIZADO.pdf	05/11/2020 21:37:53	Janaina Mendes de Castro	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	05/11/2020 21:37:41	Janaina Mendes de Castro	Aceito
Outros	TermoDeConfidencialidadeeSigilo.pdf	10/08/2020 15:17:10	Janaina Mendes de Castro	Aceito
Outros	QuestionarioONLINE.pdf	10/08/2020 15:16:33	Janaina Mendes de Castro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	10/08/2020 15:15:28	Janaina Mendes de Castro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 10 de Novembro de 2020

Assinado por:
Jubel Barreto
(Coordenador(a))

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.389.199

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, ressarcimento com as despesas, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a,b,d,e,f,g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPes.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: FEVEREIRO DE 2021.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional Nº001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 4.389.199

informações técnicas, utilizando-se de plantas de arquitetura e urbanismo (pesquisadas por meio de levantamentos de arquivos oficiais do município), material jornalístico e questionário online para compreender a relação pessoa-ambiente na HIS."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário: O objetivo da dissertação para confirmar a hipótese é apontar como o senso de lugar traz consigo uma relação favorável ou desfavorável à moradia e como o projeto da arquitetura contribui, ou não, nesta relação, isto é, fortalecendo ou fragilizando os ambientes."

Objetivo Secundário: O objetivo secundário é dar voz à intuição do residente da HIS com relação à sua vivência no ambiente construído a partir das espacialidades dadas pelo projeto da arquitetura das unidades habitacionais das HIS. Para isso se tem os seguintes objetivos: • Investigar e documentar elementos da técnica e da história de conjuntos residenciais da HIS e suas unidades habitacionais. Isto se dará em diferentes idades de entregas das obras e diferentes períodos e programas político-habitacionais. Ressalta-se que serão arquiteturas executadas e em pleno uso na cidade de Juiz de Fora, MG. • Analisar, no contexto urbanístico, a localização dos conjuntos residenciais da investigação com diferentes escalas ambientais. • Levantar o senso de lugar dos residentes de unidades habitacionais dos conjuntos residenciais das HIS."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Risco mínimo. Como o questionário a ser aplicado será feito por celular, pode ocorrer de a pessoa não aceitar participar e/ou se sentir invadida. Mas, diante disto, não responderá as questões. Por correlacionar ambiente objetivo e subjetivo das arquiteturas das HIS no que trata do microssistema e exossistema, a pesquisa apontará um panorama da qualidade de vida desta população, bem como poderá servir de base para o poder público no que trata das escolhas ambientais para implementação de novas unidades habitacionais e melhorias daquelas já existentes. Para construtores e arquitetos e urbanistas, a dissertação permitirá estabelecer novas necessidades dentro dos projetos de arquitetura de conjuntos residenciais e unidades habitacionais."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS.

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br

ANEXO B - Questionário aprovado pelo Comitê de Ética



O que você fala da sua casa.

Abaixo existe um texto com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) onde você consegue ler e aceitá-lo:

() ACEITO participar desta pesquisa

() NÃO ACEITO participar desta pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **“A fala de quem vivencia os projetos de arquitetura das unidades habitacionais em conjuntos residenciais da habitação de interesse social.”** O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é analisar o espaço físico e as atividades molares (são caracterizadas por um comportamento contínuo, dotado de significado e intenção dos participantes, estando relacionadas ao crescimento psicológico e social do indivíduo) em unidades habitacionais de diferentes conjuntos residenciais de Habitação de Interesse Social (HIS) em Juiz de Fora - MG, para analisar três aspectos: Identificação com o Lugar, Vinculação ao Lugar e Afetividade com o Lar, a partir da visão dos moradores. Nesta pesquisa pretendemos caracterizar o objeto arquitetônico e urbanístico que faz parte da ecologia humana no contexto da HIS e buscar analisar efeitos relevantes para a concepção físico-espacial de conjuntos residenciais a partir da transição ecológica primária dos moradores e das respostas adaptativas das pessoas que passaram pelo processo de mudança ambiental, ou seja, de uma primeira moradia para a atual moradia. Caso você concorde em participar, vamos querer te conhecer um pouco e fazer o seguinte questionário que aborda os três aspectos acima citados: 1) Identificação com o Lugar; 2) Vinculação ao Lugar; 3) Afetividade com o Lar. O preenchimento dos instrumentos terá duração média de 10 minutos. Você poderá ser esclarecido (a) sobre a pesquisa quando achar necessário, como também poderá ser feita a retirada do seu consentimento a qualquer momento, sem prejuízos pessoais. A pesquisa pode ajudar na investigação e caracterização do projeto físico-espacial das unidades de HIS e o estudo irá analisar a adequação do programa de necessidade dos conjuntos, tanto para moradores, quanto para profissionais de arquitetura e construção de HIS. O tema escolhido é relevante para o município de Juiz de Fora por ser uma cidade que guarda características da produção de conjuntos habitacionais, e pelos mesmos se fazerem presentes até a atualidade, e com fator de crescimento.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a buscar indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

QUERO CONHECER UM POUCO VOCÊ!

Prezado (a) entrevistado (a).

Agradecemos sua cooperação em responder aos itens abaixo. Nós garantimos a confidencialidade de suas respostas e tenha certeza de que os dados serão usados apenas para fins acadêmicos.

- Qual o seu nome?

- Qual sua idade?

- Qual o seu sexo?

- Qual sua escolaridade?
 Não estudei
 Fundamental incompleto
 Fundamental completo
 Médio incompleto
 Médio completo
 Superior incompleto
 Superior completo
- Cidade de nascimento

- Nome do conjunto habitacional

- Endereço completo (rua, número, complemento e bairro)

- Há quanto tempo você mora nesta residência?
 menos de 1 ano
 entre 1 e 3 anos
 entre 4 e 8 anos
 9 anos ou mais
- Por que decidiu morar nesta residência? (Pode marcar mais de uma opção)
 Pelo financiamento
 Pelo bairro/localização
 Por comodidade
 Pelo tamanho/tipo de da residência
 Pela facilidade com contato familiar ou amigos
 Outro _____
- Em que bairro você morava antes do atual endereço? Se morava em outra cidade e/ou estado, qual?

- Quantas pessoas moram com você?
 - () moro sozinho(a)
 - () Você + 1 pessoa
 - () Você + 2 pessoas
 - () Você + 3 pessoas
 - () 4 pessoas ou mais
- Quem é o principal responsável pelo sustento da família ou do grupo que mora com você? (Opcional)
 - () Eu
 - () Minha mãe (madrasta) e/ou meu pai (padrasto)
 - () Outros: Quem? _____

Identificação com o lugar, Vinculação ao lugar e Afetividade com ao Lar

Marque o item que melhor combina com sua opinião. As opções variam de discordo totalmente para concordo totalmente.

- Meu lar diz muito sobre quem eu realmente sou.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concorde
 - () Muito concordo
- Sinto-me feliz no meu lar.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concorde
 - () Muito concordo
- Me sinto seguro (a) em meu lar.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concorde
 - () Muito concordo
- Gosto de morar nesta casa mais do que em outras casas da cidade.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concorde
 - () Muito concordo
- Posso ser eu mesmo nesta casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concorde
 - () Muito concordo

- Minha casa reflete quem eu sou.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Minha casa é um bom lugar para fazer as coisas de que mais gosto.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Minha família tem sentimentos iguais a mim sobre a casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- A covid-19 mudou a rotina da sua casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- A divisão da casa é boa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- A casa atende as minhas necessidades de moradia (abrigo, atividades diárias e lazer).
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Também trabalho aonde moro.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- A casa atende bem outras necessidades (trabalho, estudo, etc).
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- A casa é boa para minha família e/ou outras pessoas (além de mim).
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Gosto da temperatura e da ventilação da minha casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Gosto da acústica da minha casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Gosto da iluminação natural da minha casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Sinto que tenho privacidade em minha casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Fico muito tempo ausente da minha casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Meu conjunto residencial (e/ou rua) tem lugar para atividades de lazer e sociais (parquinho, salão de festas, etc).
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Tenho amizade com meus vizinhos.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Tenho um bom relacionamento com outros moradores do conjunto e/ou rua.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Acho meu bairro bonito.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- O meu bairro é agradável e bem cuidado.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- O meu bairro é bem localizado.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- O meu bairro é um bom local para fazer as coisas de que mais gosto.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- O meu bairro tem os serviços que preciso (comércio, supermercado, igrejas, etc).
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Uso os serviços públicos de saúde e educação, que tem no meu bairro.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Pratico lazer (esporte, caminhada, corrida, bicicleta, etc.) no meu próprio bairro.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- As linhas de ônibus atendem as necessidades do bairro.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- O bairro é movimentado e/ou agitado durante a semana.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- O bairro é movimentado e/ou agitado nos finais de semana.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- O bairro possui uma festa (religiosa, cultural, etc.) e/ou atividade que ocorre todos os anos e que marca a presença a comunidade.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Digo aos outros que moro neste bairro e tenho orgulho disso.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Estou feliz com minha decisão de morar aqui neste bairro.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Tenho vontade de reformar minha casa/apartamento.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Gosto da minha casa como ela é.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Morar nesta casa me lembra o meu passado.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Eu recebo visitas em minha casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Tenho fotos, quadros, móveis, etc., na minha casa e que fazem parte da minha história.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Posso ter animais de estimação em minha casa.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Minha casa significa muito para mim.
 - () Muito discordo
 - () Discordo
 - () Concordo
 - () Muito concordo

- Qual a localização do seu trabalho?
 - () No bairro
 - () Em outro bairro
 - () No centro
 - () Tenho mais de um emprego

- Como você chega ao trabalho?
 - () Andando
 - () Bicicleta
 - () Ônibus
 - () Carro próprio
 - () Outros: _____

- Qual serviço você utiliza no bairro ou próximo de onde mora? (Pode marcar mais de uma opção)

Escola
 Creche
 Praça de lazer ou esporte
 Academia de ginástica
 Posto de saúde público (UBS, UPA etc.)
 Médico/Dentista – saúde particular
 Farmácia
 Igreja/Culto
 Associação De Bairro/Salão Comunitário
 Mercearia/Mercado de frutas e verduras
 Supermercado
 Lotérica ou Banco
 Comércio em geral
 Outro: _____

- Qual serviço você utiliza no centro ou longe de onde mora? (Pode marcar mais de uma opção)

Escola
 Creche
 Praça de lazer ou esporte
 Academia de ginástica
 Posto de saúde público (UBS, UPA etc.)
 Médico/Dentista – saúde particular
 Farmácia
 Igreja/Culto
 Associação De Bairro/Salão Comunitário
 Mercearia/Mercado de frutas e verduras
 Supermercado
 Lotérica ou Banco
 Comércio em geral
 Outro: _____

- Qual serviço você utiliza ônibus para ir? (Pode marcar mais de uma opção)

Escola
 Creche
 Praça de lazer ou esporte
 Academia de ginástica
 Posto de saúde público (UBS, UPA etc.)
 Médico/Dentista – saúde particular
 Farmácia
 Igreja/Culto
 Associação De Bairro/Salão Comunitário
 Mercearia/Mercado de frutas e verduras
 Supermercado
 Lotérica ou Banco
 Comércio em geral
 Outro: _____

- Aponte um aspecto positivo da sua casa. _____
- Aponte um aspecto negativo da sua casa. _____
- O que você acha que falta no conjunto e na sua casa/apartamento? _____
- Se você fosse escolher uma moradia, seria:
 - () Casa
 - () Sobrado
 - () Prédio de apartamentos
 - () Outros: _____
- Você pode mandar uma foto daquilo que você mais gosta da casa?
 - () Sim
 - () Não
- Insira aqui, uma ou mais fotos.
- Mande um contato caso não consiga tirar foto/ inserir neste arquivo (e-mail, Whatsapp, etc.)

Agradecemos sua participação!

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

ANEXO C - Compilado das entrevistas e questionários de cada pesquisa

Roteiros das entrevistas e questionários				
Questionário Janaina	Eixos	Entrevista Daniella	Eixos	Pode ser aplicado na pesquisa?
Qual o seu nome?	Identificação do voluntário (a)	Nome	Identificação da voluntária	Sim
Qual sua idade?		Idade		
Qual o seu sexo?		Sexo		
Qual sua escolaridade? () Não estudei / () Fundamental incompleto / () Fundamental completo / () Médio incompleto / () Médio completo / () Superior incompleto / () Superior completo		Escolaridade		
Cidade de nascimento		Profissão		
Nome do conjunto habitacional		Rua, Nº/Conjunto, Apto., Empreendimento		
Endereço completo (rua, número, complemento e bairro)				
Há quanto tempo você mora nesta residência? () menos de 1 ano / () entre 1 e 3 anos / () entre 4 e 8 anos / () 9 anos ou mais				
Quantas pessoas moram com você? () moro sozinho(a) / () Você + 1 pessoa / () Você + 2 pessoas / () Você + 3 pessoas / () 4 pessoas ou mais				

<p>Quem é o principal responsável pelo sustento da família ou do grupo que mora com você? (Opcional)</p> <p><input type="checkbox"/> Eu</p> <p><input type="checkbox"/> Minha mãe (madrasta) e/ou meu pai (padrasto)</p> <p><input type="checkbox"/> Outros: Quem?</p>				
<p>Por que decidiu morar nesta residência? (Pode marcar mais de uma opção)</p> <p><input type="checkbox"/> Pelo financiamento / <input type="checkbox"/> Pelo bairro/localização /</p> <p><input type="checkbox"/> Por comodidade /</p> <p><input type="checkbox"/> Pelo tamanho/tipo de da residência /</p> <p><input type="checkbox"/> Pela facilidade com contato familiar / ou amigos /</p> <p><input type="checkbox"/> Outro</p>	<p>Transição ecológica primária</p>	<p>Quando se mudou para o bairro? Por que você veio morar nesse bairro?</p>	<p>Transição ecológica primária</p>	<p>Sim</p>
<p>Em que bairro você morava antes do atual endereço? Se morava em outra cidade e/ou estado, qual?</p>		<p>Em quantas casas já morou? Onde? Quais os motivos que o levaram a mudar-se de casa (ou não)?</p>		
<p>Meu lar diz muito sobre quem eu realmente sou.</p> <p>Sinto-me feliz no meu lar.</p> <p>Me sinto seguro (a) em meu lar.</p> <p>Gosto de morar nesta casa mais do que em outras casas da cidade.</p> <p>Posso ser eu mesmo nesta casa.</p> <p>Minha casa reflete quem eu sou.</p> <p>Minha casa é um bom lugar para fazer as coisas de que mais gosto.</p>	<p>Identidade de lugar</p>	<p>O que costuma fazer nos momentos livres? Utiliza o Condomínio / bairro para esses momentos?</p>	<p>Identidade de lugar</p>	<p>Sim</p>
<p>Gosta do Condomínio onde vive? Por quê? O que mais gosta e o que menos gosta.</p>				

Minha família tem sentimentos iguais a mim sobre a casa.			
A covid-19 mudou a rotina da sua casa.			
A divisão da casa é boa.			
A casa atende as minhas necessidades de moradia (abrigo, atividades diárias e lazer).			
Também trabalho aonde moro.			
A casa atende bem outras necessidades (trabalho, estudo, etc).		Como descreveria o Condomínio Vivendas Belo Vale I a um desconhecido?	
A casa é boa para minha família e/ou outras pessoas (além de mim).			
Gosto da temperatura e da ventilação da minha casa.			
Gosto da acústica da minha casa.			
Gosto da iluminação natural da minha casa.			
Sinto que tenho privacidade em minha casa.			
Fico muito tempo ausente da minha casa.		Se pudesse modificar algo no Condomínio, o que modificaria? Por quê?	
Tenho vontade de reformar minha casa/apartamento.			
Gosto da minha casa como ela é.			
Aponte um aspecto positivo da sua casa.			
Aponte um aspecto negativo da sua casa.			
O que você acha que falta no conjunto e na sua casa/apartamento?	Como descreveria o Condomínio Vivendas Belo Vale I a um desconhecido?		

Meu conjunto residencial (e/ou rua) tem lugar para atividades de lazer e sociais (parquinho, salão de festas, etc).	Dependência ao lugar	Você utiliza os espaços comuns do Condomínio? Para qual finalidade?	Dependência ao lugar	Sim
Tenho amizade com meus vizinhos.		Sua família/filhos utilizam os espaços comuns do Condomínio? Para qual finalidade? (Em caso negativo: qual é o problema os impede de utilizarem os espaços comuns?)		
Tenho um bom relacionamento com outros moradores do conjunto e/ou rua.		Você possui parentes que moram no bairro? Costuma encontra-los?		
Acho meu bairro bonito.		Você possui amigos que moram aqui no bairro? Costuma encontra-los?		
O meu bairro é agradável e bem cuidado.		Costuma se reunir com eles (parentes/amigos) em algum local do bairro? Com que frequência? Onde?		
O meu bairro é bem localizado.		Como é a sua relação com os moradores do Condomínio?		
O meu bairro é um bom local para fazer as coisas de que mais gosto.		Além dos moradores do Condomínio, você conhece alguns moradores do bairro? Como é sua relação com eles?		
O meu bairro tem os serviços que preciso (comércio, supermercado, igrejas, etc).		Qual local costuma utilizar com frequência aqui no bairro? Em que períodos e com que frequência? Quais são as atividades desenvolvidas nesses locais?		
Uso os serviços públicos de saúde e educação, que tem no meu bairro.				

Pratico lazer (esporte, caminhada, corrida, bicicleta, etc.) no meu próprio bairro.	Dependência ao lugar	Qual o lugar que melhor caracteriza o bairro? Por quê?	Dependência ao lugar	Sim
As linhas de ônibus atendem as necessidades do bairro.		Quais as coisas mais importantes do bairro para você?		
O bairro é movimentado e/ou agitado durante a semana.		Para você, onde começa e onde termina o bairro São Geraldo?		
O bairro é movimentado e/ou agitado nos finais de semana.		Como descreveria o bairro São Geraldo a um desconhecido?		
Qual a localização do seu trabalho?		Costuma realizar suas compras aqui no bairro? Serviços também? Por quê?		
Como você chega ao trabalho?		Se pudesse modificar algo aqui no bairro, o que modificaria? Por quê?		
Qual serviço você utiliza no bairro ou próximo de onde mora?		Notou alguma mudança no bairro nos últimos anos? Quais? Quem foram os responsáveis por essa mudança?		
Qual serviço você utiliza no centro ou longe de onde mora?		Existe algum local no bairro em que se sente inseguro? Quais? O que leva a ter essa impressão desses locais?		
Qual serviço você utiliza ônibus para ir?				
O bairro possui uma festa (religiosa, cultural, etc.) e/ou atividade que ocorre todos os anos e que marca a presença a comunidade.	Afetividade ao lar	Você sabe quais são as comemorações mais importantes aqui do bairro? Participa de alguma delas?	Afetividade ao lar	Sim
Digo aos outros que moro neste bairro e tenho orgulho disso.				

Estou feliz com minha decisão de morar aqui neste bairro.			
Morar nesta casa me lembra o meu passado.			
Eu recebo visitas em minha casa.			
Tenho fotos, quadros, móveis, etc., na minha casa e que fazem parte da minha história.			
Posso ter animais de estimação em minha casa.			
Minha casa significa muito para mim.			
Se você fosse escolher uma moradia, seria: <input type="checkbox"/> Casa <input type="checkbox"/> Sobrado <input type="checkbox"/> Prédio de apartamentos <input type="checkbox"/> Outros			
Observações			
A entrevista foi aplicada em um percurso comentado, essa metodologia permitiu investigar como as pessoas se deslocam; o que é percebido por elas ao se deslocarem; o que o lugar evoca para essas pessoas; o que o lugar mobiliza em termos de sensações, comportamentos, encontros, sentimentos, etc. Percebe-se que o roteiro foca mais no caminho/bairro, que poderia agregar no sentido de dependência ao lugar, mas em contrapartida, os outros eixos ficam falhos de informações.			
O roteiro tem aproximação com a pesquisa?			
O roteiro contempla quase todos os eixos, mas quanto a afetividade falta ser mais abordado.			

Roteiros das entrevistas e questionários				
Questionário Janaina	Eixos	Entrevista Isabela	Eixos	Pode ser aplicado na pesquisa?
Qual o seu nome?	Identificação do voluntário (a)	Não possui	Identificação da voluntária	-
Qual sua idade?				
Qual o seu sexo?				
Qual sua escolaridade? () Não estudei / () Fundamental incompleto / () Fundamental completo / () Médio incompleto / () Médio completo / () Superior incompleto / () Superior completo				
Cidade de nascimento				
Nome do conjunto habitacional				
Endereço completo (rua, número, complemento e bairro)				
Há quanto tempo você mora nesta residência? () menos de 1 ano / () entre 1 e 3 anos / () entre 4 e 8 anos / () 9 anos ou mais				
Quantas pessoas moram com você? () moro sozinho(a) / () Você + 1 pessoa / () Você + 2 pessoas / () Você + 3 pessoas / () 4 pessoas ou mais				

<p>Quem é o principal responsável pelo sustento da família ou do grupo que mora com você? (Opcional)</p> <p>() Eu</p> <p>() Minha mãe (madrasta) e/ou meu pai (padrasto)</p> <p>() Outros: Quem?</p>				
<p>Por que decidiu morar nesta residência? (Pode marcar mais de uma opção)</p> <p>() Pelo financiamento / () Pelo bairro/localização / () Por comodidade /</p> <p>() Pelo tamanho/tipo de da residência /</p> <p>() Pela facilidade com contato familiar / ou amigos / () Outro</p>	<p>Transição ecológica primária</p>	<p>Não possui</p>	<p>Transição ecológica primária</p>	<p>-</p>
<p>Em que bairro você morava antes do atual endereço? Se morava em outra cidade e/ou estado, qual?</p>				
<p>Meu lar diz muito sobre quem eu realmente sou.</p>	<p>Identidade de lugar</p>	<p>O que você acha do Residencial?</p>	<p>Identidade de lugar</p>	<p>Sim</p>
<p>Sinto-me feliz no meu lar.</p>		<p>O que você mais gosta? O que você menos gosta? Por quê?</p>		
<p>Me sinto seguro (a) em meu lar.</p>		<p>Como você usa o espaço da sua garagem?</p>		
<p>Gosto de morar nesta casa mais do que em outras casas da cidade.</p>		<p>Pretende fazer alguma reforma no exterior? (construção de muro,</p>		
<p>Posso ser eu mesmo nesta casa.</p>				
<p>Minha casa reflete quem eu sou.</p>				

Minha casa é um bom lugar para fazer as coisas de que mais gosto.		grade).				
Minha família tem sentimentos iguais a mim sobre a casa.				Existe alguma adaptação ou improvisação que vocês tiveram que realizar por que os espaços não são adequados? (reformas, troca de revestimentos). Alguma adaptação para realizar atividades específicas? (móveis, cortinas)		
A covid-19 mudou a rotina da sua casa.						
A divisão da casa é boa.						
A casa atende as minhas necessidades de moradia (abrigo, atividades diárias e lazer).						
Também trabalho aonde moro.						
A casa atende bem outras necessidades (trabalho, estudo, etc).						
A casa é boa para minha família e/ou outras pessoas (além de mim).					Quais atividades costumam praticar em cada cômodo (especificar horário, duração)	
Gosto da temperatura e da ventilação da minha casa.						Quais adaptações são feitas para a realização das atividades (móveis específicos, cortinas)
Gosto da acústica da minha casa.						
Gosto da iluminação natural da minha casa.						
Sinto que tenho privacidade em minha casa.						
Fico muito tempo ausente da minha casa.						
Tenho vontade de reformar minha casa/apartamento.						

Gosto da minha casa como ela é.		Utiliza iluminação artificial durante o dia? (em quais cômodos e por quê?)		
Aponte um aspecto positivo da sua casa.		No verão é necessária a utilização de equipamentos como ventiladores?		
Aponte um aspecto negativo da sua casa.		E no inverno, sua casa é muito fria? Como você resolve?		
O que você acha que falta no conjunto e na sua casa/apartamento?				
Meu conjunto residencial (e/ou rua) tem lugar para atividades de lazer e sociais (parquinho, salão de festas, etc).	Dependência ao lugar	Como é a tua relação com os vizinhos?	Dependência ao lugar	Sim
Tenho amizade com meus vizinhos.				
Tenho um bom relacionamento com outros moradores do conjunto e/ou rua.				
Acho meu bairro bonito.				
O meu bairro é agradável e bem cuidado.				
O meu bairro é bem localizado.				
O meu bairro é um bom local para fazer as coisas de que mais gosto.				
O meu bairro tem os serviços que preciso (comércio, supermercado, igrejas, etc).				
Uso os serviços públicos de saúde e educação, que tem no meu bairro.				
Pratico lazer (esporte, caminhada, corrida, bicicleta, etc.) no meu próprio bairro.				

As linhas de ônibus atendem as necessidades do bairro.				
O bairro é movimentado e/ou agitado durante a semana.				
O bairro é movimentado e/ou agitado nos finais de semana.				
Qual a localização do seu trabalho?				
Como você chega ao trabalho?				
Qual serviço você utiliza no bairro ou próximo de onde mora?				
Qual serviço você utiliza no centro ou longe de onde mora?				
Qual serviço você utiliza ônibus para ir?				
O bairro possui uma festa (religiosa, cultural, etc.) e/ou atividade que ocorre todos os anos e que marca a presença a comunidade.	Afetividade ao lar	Como era a casa que você morava?	Afetividade ao lar	Sim
Digo aos outros que moro neste bairro e tenho orgulho disso.				
Estou feliz com minha decisão de morar aqui neste bairro.				
Morar nesta casa me lembra o meu passado.				
Eu recebo visitas em minha casa.		O que você sente falta em relação a sua antiga casa?		
Tenho fotos, quadros, móveis, etc., na minha casa e que fazem parte da minha história.				
Posso ter animais de estimação em minha casa.		Como você se projeta no futuro?		

Minha casa significa muito para mim.			
Se você fosse escolher uma moradia, seria: <input type="checkbox"/> Casa <input type="checkbox"/> Sobrado <input type="checkbox"/> Prédio de apartamentos <input type="checkbox"/> Outros			
Observações			
<p>A investigação ocorreu em 13 unidades, representando 10,15% do total de 128 unidades do condomínio. Sobre a caracterização dos entrevistados, em 11 das 13 unidades visitadas as entrevistadas são mulheres (informações retiradas da dissertação). Quanto ao conteúdo do roteiro da entrevista, é voltado ao ambiente construído, que pode ser usado para identidade de lugar, mas esse roteiro é falho no sentido da transição ecológica primária, dependência e afetividade.</p>			
O roteiro tem aproximação com a pesquisa?			
<p>Sim, mais especificamente na parte de identidade de lugar. Para entender quem é o morador e como é a dependência ao lugar, não é trabalhado. Quanto a afetividade ao lar, trabalha-se alguns pontos que podem ser utilizados.</p>			

Roteiros das entrevistas e questionários				
Questionário Janaina	Eixos	Entrevista Carla	Eixos	Pode ser aplicado na pesquisa?
Qual o seu nome?	Identificação do voluntário (a)	Nome	Identificação da voluntária	Sim
Qual sua idade?		Idade		
Qual o seu sexo?		Sexo		
Qual sua escolaridade? () Não estudei / () Fundamental incompleto / () Fundamental completo / () Médio incompleto / () Médio completo / () Superior incompleto / () Superior completo		Rua, Nº/Conjunto, Apto., Empreendimento		
Cidade de nascimento				
Nome do conjunto habitacional				
Endereço completo (rua, número, complemento e bairro)				
Há quanto tempo você mora nesta residência? () menos de 1 ano / () entre 1 e 3 anos / () entre 4 e 8 anos / () 9 anos ou mais		Cor (autodeclarada)		
Quantas pessoas moram com você? () moro sozinho(a) / () Você + 1 pessoa / () Você + 2 pessoas / () Você + 3 pessoas / () 4 pessoas ou mais				
Quem é o principal responsável pelo sustento da família ou do grupo que mora com você? (Opcional) () Eu () Minha mãe (madrasta) e/ou meu pai (padrasto) () Outros: Quem?				

<p>Por que decidiu morar nesta residência? (Pode marcar mais de uma opção)</p> <p>() Pelo financiamento / () Pelo bairro/localização / () Por comodidade /</p> <p>() Pelo tamanho/tipo de da residência /</p> <p>() Pela facilidade com contato familiar / ou amigos / () Outro</p>	<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Transição ecológica primária</p>	<p>O que fez você se mudar para cá?</p>	<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Transição ecológica primária</p>	<p style="text-align: center;">Sim</p>
<p>Em que bairro você morava antes do atual endereço? Se morava em outra cidade e/ou estado, qual?</p>		<p>Atualmente a sua família se sente mais segura em relação à posse da moradia do que antes? Por quê?</p>		
<p>Meu lar diz muito sobre quem eu realmente sou.</p>	<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Identidade de lugar</p>	<p>O que você acha do Miguel Marinho? O que você pensa de morar aqui? O que é bom, o que você não gosta?</p>	<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">Identidade de lugar</p>	<p style="text-align: center;">Sim</p>
<p>Sinto-me feliz no meu lar.</p>		<p>Segurança</p>		
<p>Me sinto seguro (a) em meu lar.</p>		<p>Atividades nas horas de folga (lazer)</p>		
<p>Gosto de morar nesta casa mais do que em outras casas da cidade.</p>		<p>O que você “mais” gosta na moradia atual e o que “menos” gosta? Por quê?</p>		
<p>Posso ser eu mesmo nesta casa.</p>		<p>Tem alguma coisa nesta casa que te incomoda? (frio, calor, barulho, falta de privacidade, longe do comércio, posto de saúde, escola, trabalho).</p>		
<p>Minha casa reflete quem eu sou.</p>		<p>Há riscos de queda na casa? Sim, não, onde, por que? Poderia mostrar?</p>		
<p>Minha casa é um bom lugar para fazer as coisas de que mais gosto.</p>		<p>Houve algum tipo de reforma ou ampliação em sua moradia desde que chegou aqui?</p>		
<p>Minha família tem sentimentos iguais a mim sobre a casa.</p>				

A covid-19 mudou a rotina da sua casa.		Qual? Por quê? Poderia mostrar?	
A divisão da casa é boa.		Você gostaria de fazer (mais) alguma mudança nesta casa? Qual? Por quê?	
A casa atende as minhas necessidades de moradia (abrigo, atividades diárias e lazer).		Você desenvolve alguma atividade na casa relacionada ao trabalho? Qual?	
Também trabalho aonde moro.		Se sim, em quais cômodos você desenvolve essa atividade? Poderia mostrar? E como você a concilia com as atividades cotidianas da casa?	
A casa atende bem outras necessidades (trabalho, estudo, etc).			
A casa é boa para minha família e/ou outras pessoas (além de mim).		Isso melhorou ou piorou em relação à moradia anterior? Como? Sugestão para resolver problema, se houver.	
Gosto da temperatura e da ventilação da minha casa.			
Gosto da acústica da minha casa.			
Gosto da iluminação natural da minha casa.			
Sinto que tenho privacidade em minha casa.		O tamanho da casa atual é “melhor” ou “pior” do que a anterior? Por quê?	
Fico muito tempo ausente da minha casa.			
Tenho vontade de reformar minha casa/apartamento.			
Gosto da minha casa como ela é.		Como era a sua antiga moradia? Quantos cômodos ela tinha? Atendia as necessidades da família?	
Aponte um aspecto positivo da sua casa.			
Aponte um aspecto negativo da sua casa.			
O que você acha que falta no conjunto e na sua casa/apartamento?			

Meu conjunto residencial (e/ou rua) tem lugar para atividades de lazer e sociais (parquinho, salão de festas, etc).	Dependência ao lugar	Como é o transporte; calçadas; pavimentação da rua; limpeza urbana, acessibilidade.	Dependência ao lugar	Sim
Tenho amizade com meus vizinhos.		Como é a Vizinhança; imóveis vagos.		
Tenho um bom relacionamento com outros moradores do conjunto e/ou rua.		Como é o acesso: saúde, trabalho, comércio, escola.		
Acho meu bairro bonito.		Atividades nas horas de folga (lazer)		
O meu bairro é agradável e bem cuidado.		Em relação à escola, os estudantes da casa permaneceram na mesma escola ou tiveram que mudar?		
O meu bairro é bem localizado.		Quando vocês mudaram para o Miguel Marinho algum morador da casa teve que deixar a escola e ficou algum tempo sem estudar?		
O meu bairro é um bom local para fazer as coisas de que mais gosto.		Você conhece alguém que teve que deixar a escola depois que mudou para o Miguel Marinho? Quem? (Anotar referência)		
O meu bairro tem os serviços que preciso (comércio, supermercado, igrejas, etc).		Em relação ao bairro anterior, do que você sente falta?		
Uso os serviços públicos de saúde e educação, que tem no meu bairro.		O que há de melhor no Miguel Marinho e que não tinha no bairro anterior?		
Pratico lazer (esporte, caminhada, corrida, bicicleta, etc.) no meu próprio bairro.				
As linhas de ônibus atendem as necessidades do bairro.				
O bairro é movimentado e/ou agitado durante a semana.				
O bairro é movimentado e/ou agitado nos finais de semana.				
Qual a localização do seu trabalho?				
Como você chega ao trabalho?				
Qual serviço você utiliza no bairro ou próximo de onde mora?				

Qual serviço você utiliza no centro ou longe de onde mora?		Você consegue identificar alguma situação em que vocês poderiam perder o imóvel atual? (situação legal, ameaças, etc.).		
Qual serviço você utiliza ônibus para ir?				
O bairro possui uma festa (religiosa, cultural, etc.) e/ou atividade que ocorre todos os anos e que marca a presença a comunidade.	Afetividade ao lar	Quais objetos (móveis, utensílios, enfeites) da casa antiga vocês trouxeram para a nova casa? Por quê? Poderia mostrar?	Afetividade ao lar	Sim
Digo aos outros que moro neste bairro e tenho orgulho disso.				
Estou feliz com minha decisão de morar aqui neste bairro.				
Morar nesta casa me lembra o meu passado.		Você prefere a moradia atual ou a anterior? Por quê?		
Eu recebo visitas em minha casa.				
Tenho fotos, quadros, móveis, etc., na minha casa e que fazem parte da minha história.		Você mantém algum vínculo/ligação com o antigo bairro de moradia? Qual? Para quê? Por quê?		
Posso ter animais de estimação em minha casa.				
Minha casa significa muito para mim.				
Se você fosse escolher uma moradia, seria: () Casa () Sobrado () Prédio de apartamentos () Outros		Você tem vontade de se mudar daqui? Por quê?		
Observações				
O roteiro trabalha bem todos os eixos				

Roteiros das entrevistas e questionários				
Questionário Janaina	Eixos	Entrevista Amanda	Eixos	Pode ser aplicado na pesquisa?
Qual o seu nome?	Identificação do voluntário (a)	Nome	Identificação da voluntária	Sim
Qual sua idade?		Idade		
Qual o seu sexo?		Orientação sexual		
Qual sua escolaridade? () Não estudei / () Fundamental incompleto / () Fundamental completo / () Médio incompleto / () Médio completo / () Superior incompleto / () Superior completo		Escolaridade/Profissão		
Cidade de nascimento		Naturalidade		
Nome do conjunto habitacional		Rua, Nº/Conjunto, Apto., Empreendimento		
Endereço completo (rua, número, complemento e bairro)		Estado civil		
Há quanto tempo você mora nesta residência? () menos de 1 ano / () entre 1 e 3 anos / () entre 4 e 8 anos / () 9 anos ou mais		Tempo de moradia no residencial		

<p>Quantas pessoas moram com você?</p> <p><input type="checkbox"/> moro sozinho(a) / <input type="checkbox"/> Você + 1 pessoa /</p> <p><input type="checkbox"/> Você + 2 pessoas / <input type="checkbox"/> Você + 3 pessoas /</p> <p><input type="checkbox"/> 4 pessoas ou mais</p>		<p>Cor (autodeclarada)</p>		
<p>Quem é o principal responsável pelo sustento da família ou do grupo que mora com você? (Opcional)</p> <p><input type="checkbox"/> Eu</p> <p><input type="checkbox"/> Minha mãe (madrasta) e/ou meu pai (padrasto)</p> <p><input type="checkbox"/> Outros: Quem?</p>		<p>Renda</p>		
<p>Por que decidiu morar nesta residência? (Pode marcar mais de uma opção)</p> <p><input type="checkbox"/> Pelo financiamento / <input type="checkbox"/> Pelo bairro/localização /</p> <p><input type="checkbox"/> Por comodidade /</p> <p><input type="checkbox"/> Pelo tamanho/tipo de da residência /</p> <p><input type="checkbox"/> Pela facilidade com contato familiar / ou amigos /</p> <p><input type="checkbox"/> Outro</p>	<p>Transição ecológica primária</p>	<p>Você poderia contar um pouco da sua trajetória pessoal? (onde nasceu/morou, formação, relações sociais/vínculos no endereço antigo, filhos, onde trabalhava, o que fazia no tempo livre, processo que te trouxe até o Residencial)</p>	<p>Transição ecológica primária</p>	<p>Sim</p>
<p>Em que bairro você morava antes do atual endereço? Se morava em outra cidade e/ou estado, qual?</p>				
<p>Meu lar diz muito sobre quem eu realmente sou.</p>	<p>Identidade de lugar</p>	<p>O que você acha do Residencial?</p>	<p>Identidade de lugar</p>	<p>Sim</p>
<p>Sinto-me feliz no meu lar.</p>				
<p>Me sinto seguro (a) em meu lar.</p>		<p>O que você pensa de morar</p>		

Gosto de morar nesta casa mais do que em outras casas da cidade.		aqui?	
Posso ser eu mesmo nesta casa.		O que é bom, o que você não gosta?	
Minha casa reflete quem eu sou.		<p>Você se sente segura no residencial? E na cidade? Onde se sente segura e insegura? Poderia citar motivos de sua insegurança? Qual trajeto faz para ir ao trabalho, escola, equipamentos? Tem preferência por algum caminho? Qual, por quê? Evita algum horário? Evita alguma rua?</p>	
Minha casa é um bom lugar para fazer as coisas de que mais gosto.			
Minha família tem sentimentos iguais a mim sobre a casa.			
A covid-19 mudou a rotina da sua casa.			
A divisão da casa é boa.			
A casa atende as minhas necessidades de moradia (abrigo, atividades diárias e lazer).			
Também trabalho aonde moro.			
A casa atende bem outras necessidades (trabalho, estudo, etc).			
A casa é boa para minha família e/ou outras pessoas (além de mim).			
Gosto da temperatura e da ventilação da minha casa.			
Gosto da acústica da minha casa.			
Gosto da iluminação natural da minha casa.			
Sinto que tenho privacidade em minha casa.			
Fico muito tempo ausente da minha casa.			
Tenho vontade de reformar minha casa/apartamento.			
Gosto da minha casa como ela é.			
Aponte um aspecto positivo da sua casa.			
Aponte um aspecto negativo da sua casa.			

O que você acha que falta no conjunto e na sua casa/apartamento?				
Meu conjunto residencial (e/ou rua) tem lugar para atividades de lazer e sociais (parquinho, salão de festas, etc).	Dependência ao lugar	Lazer: lugares (públicos, privados), distância Você costuma destinar quanto tempo para seu lazer? O que faz? Quais espaços você usa, onde estão e como acessa?	Dependência ao lugar	Sim
Tenho amizade com meus vizinhos.				
Tenho um bom relacionamento com outros moradores do conjunto e/ou rua.				
Acho meu bairro bonito.				
O meu bairro é agradável e bem cuidado.				
O meu bairro é bem localizado.				
O meu bairro é um bom local para fazer as coisas de que mais gosto.				
O meu bairro tem os serviços que preciso (comércio, supermercado, igrejas, etc).				
Uso os serviços públicos de saúde e educação, que tem no meu bairro.				
Pratico lazer (esporte, caminhada, corrida, bicicleta, etc.) no meu próprio bairro.				
As linhas de ônibus atendem as necessidades do bairro.				
O bairro é movimentado e/ou agitado durante a semana.				
O bairro é movimentado e/ou agitado nos finais de semana.				
Qual a localização do seu trabalho?				
Como você chega ao trabalho?	Como foi a adaptação? Teve dificuldades? Acredita que sua idade, raça, orientação sexual possa ter influenciado?			

Qual serviço você utiliza no bairro ou próximo de onde mora?				
Qual serviço você utiliza no centro ou longe de onde mora?				
Qual serviço você utiliza ônibus para ir?				
O bairro possui uma festa (religiosa, cultural, etc.) e/ou atividade que ocorre todos os anos e que marca a presença a comunidade.	Afetividade ao lar	Como foi a adaptação? Teve dificuldades? Acredita que sua idade, raça, orientação sexual possa ter influenciado?	Afetividade ao lar	Sim
Digo aos outros que moro neste bairro e tenho orgulho disso.				
Estou feliz com minha decisão de morar aqui neste bairro.				
Morar nesta casa me lembra o meu passado.				
Eu recebo visitas em minha casa.				
Tenho fotos, quadros, móveis, etc., na minha casa e que fazem parte da minha história.				
Posso ter animais de estimação em minha casa.				
Minha casa significa muito para mim.		Você teve aumento de renda? Passou a pagar por algo que não tinha gastos anteriormente/deixou de ter despesa com algum serviço? Como você distribui sua renda atualmente?		

Se você fosse escolher uma moradia, seria: <input type="checkbox"/> Casa <input type="checkbox"/> Sobrado <input type="checkbox"/> Prédio de apartamentos <input type="checkbox"/> Outros		Como você se enxerga no futuro? Onde quer estar? O que pretende conquistar/fazer?	
Observações			
A entrevista foi aplicada com mulheres, fator importante para a pesquisa. Algumas questões não foram perguntadas diretamente, mas entre uma pergunta e outra o tema era abordado.			
O roteiro tem aproximação com a pesquisa?			
Sim, a entrevista de forma ampla trabalha os eixos da pesquisa.			

Roteiros das entrevistas e questionários				
Questionário Janaina	Eixos	Entrevista ProExt 2014	Eixos	Pode ser aplicado na pesquisa?
Qual o seu nome?	Identificação do voluntário (a)	Bloco	Identificação da voluntária	Sim
Qual sua idade?		Número		
Qual o seu sexo?				
Qual sua escolaridade? <input type="checkbox"/> Não estudei / <input type="checkbox"/> Fundamental incompleto / <input type="checkbox"/> Fundamental completo / <input type="checkbox"/> Médio incompleto / <input type="checkbox"/> Médio completo / <input type="checkbox"/> Superior incompleto / <input type="checkbox"/> Superior completo		Renda familiar total		
Cidade de nascimento		Rua		

Nome do conjunto habitacional				
Endereço completo (rua, número, complemento e bairro)				
Há quanto tempo você mora nesta residência? () menos de 1 ano / () entre 1 e 3 anos / () entre 4 e 8 anos / () 9 anos ou mais		Posição		
Quantas pessoas moram com você? () moro sozinho(a) / () Você + 1 pessoa / () Você + 2 pessoas / () Você + 3 pessoas / () 4 pessoas ou mais		Núcleo familiar		
Quem é o principal responsável pelo sustento da família ou do grupo que mora com você? (Opcional) () Eu () Minha mãe (madrasta) e/ou meu pai (padrasto) () Outros: Quem?		Número de moradores		
Por que decidiu morar nesta residência? (Pode marcar mais de uma opção) () Pelo financiamento / () Pelo bairro/localização / () Por comodidade / () Pelo tamanho/tipo de da residência / () Pela facilidade com contato familiar / ou amigos / () Outro	Transição ecológica primária		Transição ecológica primária	Sim
Em que bairro você morava antes do atual endereço? Se morava em outra cidade e/ou estado, qual?				

Meu lar diz muito sobre quem eu realmente sou.	Identidade de lugar	O que você acha da sua casa?	Identidade de lugar	Sim
Sinto-me feliz no meu lar.				
Me sinto seguro (a) em meu lar.				
Gosto de morar nesta casa mais do que em outras casas da cidade.		O que você mais gosta? O que você menos gosta? Por quê?		
Posso ser eu mesmo nesta casa.				
Minha casa reflete quem eu sou.				
Minha casa é um bom lugar para fazer as coisas de que mais gosto.		Como era a casa que você morava?		
Minha família tem sentimentos iguais a mim sobre a casa.		Como você usa o espaço da sua garagem?		
A covid-19 mudou a rotina da sua casa.				
A divisão da casa é boa.		Pretende fazer alguma reforma no exterior? (construção de muro, grade)		
A casa atende as minhas necessidades de moradia (abrigo, atividades diárias e lazer).				
Também trabalho aonde moro.		Existe alguma adaptação ou improvisação que vocês tiveram que realizar por que os espaços não são adequados? (reformas, troca de revestimentos). Alguma adaptação para realizar atividades específicas? (móveis, cortinas)		
A casa atende bem outras necessidades (trabalho, estudo, etc).				
A casa é boa para minha família e/ou outras pessoas (além de mim).		Quais atividades costumam praticar em cada cômodo (especificar		
Gosto da temperatura e da ventilação da minha casa.				
Gosto da acústica da minha casa.				
Gosto da iluminação natural da minha casa.				

Sinto que tenho privacidade em minha casa.		horário, duração)		
Fico muito tempo ausente da minha casa.		Quais adaptações são feitas para a realização das atividades (móveis específicos, cortinas)		
Tenho vontade de reformar minha casa/apartamento.		O que incomoda em relação a cada cômodo (dimensão, configuração espacial)		
Gosto da minha casa como ela é.		Utiliza iluminação artificial durante o dia? (em quais cômodos e por quê?)		
Aponte um aspecto positivo da sua casa.		No verão é necessária a utilização de equipamentos como ventiladores?		
Aponte um aspecto negativo da sua casa.		E no inverno, sua casa é muito fria? Como você resolve?		
O que você acha que falta no conjunto e na sua casa/apartamento?				
Meu conjunto residencial (e/ou rua) tem lugar para atividades de lazer e sociais (parquinho, salão de festas, etc).	Dependência ao lugar		Dependência ao lugar	Não
Tenho amizade com meus vizinhos.				
Tenho um bom relacionamento com outros moradores do conjunto e/ou rua.				
Acho meu bairro bonito.				
O meu bairro é agradável e bem cuidado.				
O meu bairro é bem localizado.				
O meu bairro é um bom local para fazer as coisas de que mais gosto.				
O meu bairro tem os serviços que preciso (comércio, supermercado, igrejas, etc).				

Uso os serviços públicos de saúde e educação, que tem no meu bairro.				
Pratico lazer (esporte, caminhada, corrida, bicicleta, etc.) no meu próprio bairro.				
As linhas de ônibus atendem as necessidades do bairro.				
O bairro é movimentado e/ou agitado durante a semana.				
O bairro é movimentado e/ou agitado nos finais de semana.				
Qual a localização do seu trabalho?				
Como você chega ao trabalho?				
Qual serviço você utiliza no bairro ou próximo de onde mora?				
Qual serviço você utiliza no centro ou longe de onde mora?				
Qual serviço você utiliza ônibus para ir?				
O bairro possui uma festa (religiosa, cultural, etc.) e/ou atividade que ocorre todos os anos e que marca a presença a comunidade.	Afetividade ao lar		Afetividade ao lar	Sim
Digo aos outros que moro neste bairro e tenho orgulho disso.				
Estou feliz com minha decisão de morar aqui neste bairro.				
Morar nesta casa me lembra o meu passado.				
Eu recebo visitas em minha casa.				
		Como você se projeta no futuro?		

Tenho fotos, quadros, móveis, etc., na minha casa e que fazem parte da minha história.			
Posso ter animais de estimação em minha casa.			
Minha casa significa muito para mim.			
Se você fosse escolher uma moradia, seria: <input type="checkbox"/> Casa <input type="checkbox"/> Sobrado <input type="checkbox"/> Prédio de apartamentos <input type="checkbox"/> Outros			
Observações			
A entrevista focada no ambiente interno			

Roteiros das entrevistas e questionários				
Questionário Janaina	Eixos	Entrevista ProExt 2016	Eixos	Pode ser aplicado na pesquisa?
Qual o seu nome?	Identificação do voluntário (a)	Nome	Identificação da voluntária	Sim
Qual sua idade?		Idade		
Qual o seu sexo?		Sexo		
Qual sua escolaridade? () Não estudei / () Fundamental incompleto / () Fundamental completo / () Médio incompleto / () Médio completo / () Superior incompleto / () Superior completo		Qual é a cor da sua pele?		
Cidade de nascimento		Rua		
Nome do conjunto habitacional		Nº Bloco/Lote, Apto., Empreendimento		
Endereço completo (rua, número, complemento e bairro)		Quando a família se mudou para essa casa aqui do Miguel Marinho?		
Há quanto tempo você mora nesta residência? () menos de 1 ano / () entre 1 e 3 anos / () entre 4 e 8 anos / () 9 anos ou mais		Situação formal da casa que moram no Miguel Marinho: 1. Inscrito e Sorteado no Programa MCMV 2. Alugado 3. Cedido (“emprestado”)		

<p>Quantas pessoas moram com você? <input type="checkbox"/> moro sozinho(a) / <input type="checkbox"/> Você + 1 pessoa / <input type="checkbox"/> Você + 2 pessoas / <input type="checkbox"/> Você + 3 pessoas / <input type="checkbox"/> 4 pessoas ou mais</p>		<p>4. Ocupado (informalmente) 5. Repasse do contrato. Comprado. 6. Reassentado pelo Prog. MCMV 7.1 Por que foram “levados” para esse novo endereço? 1. Riscos físicos / ambientais</p>		
<p>Quem é o principal responsável pelo sustento da família ou do grupo que mora com você? (Opcional) <input type="checkbox"/> Eu <input type="checkbox"/> Minha mãe (madrasta) e/ou meu pai (padrasto) <input type="checkbox"/> Outros: Quem?</p>		<p>O responsável por esta casa junto à Caixa Econômica Federal mora nesta casa?</p>		
<p>Por que decidiu morar nesta residência? (Pode marcar mais de uma opção) <input type="checkbox"/> Pelo financiamento / <input type="checkbox"/> Pelo bairro/localização / <input type="checkbox"/> Por comodidade / <input type="checkbox"/> Pelo tamanho/tipo de da residência / <input type="checkbox"/> Pela facilidade com contato familiar / ou amigos / <input type="checkbox"/> Outro</p>	Transição ecológica primária	<p>Em quantas casas diferentes esta família já morou? 1. Apenas nesta casa 2. Em duas casas 3. Em três casas 4. Em quatro ou mais casas</p>	Transição ecológica primária	Sim
<p>Bairro em que a família morava antes de se mudar para esta casa / Por quanto tempo a família morou nesse bairro? (bairro antigo) 1. Menos de 1 ano 3. Entre 3 e 5 anos 2. Entre 1 e 2 anos 4. Mais de 5 anos</p>				

Em que bairro você morava antes do atual endereço? Se morava em outra cidade e/ou estado, qual?		<p>Situação formal da casa anterior: (Se necessário ler opções de resposta.)1.</p> <p>Alugado</p> <p>2. Cedido / Emprestado - morava apenas esta família</p> <p>3. Cedido / Emprestado - moravam com outra família</p> <p>4. Ocupado (informalmente)</p> <p>5. Próprio</p> <p>6. Outro (anotar)</p>		
		Quantas famílias moravam na casa anterior?		
Meu lar diz muito sobre quem eu realmente sou.	Identidade de lugar	A sua família realizou alguma modificação no imóvel?	Identidade de lugar	Sim
Sinto-me feliz no meu lar.		Tem grades no imóvel? (Por exemplo: nas janelas, escada, porta, lote)		
Me sinto seguro (a) em meu lar.		Este imóvel também é utilizado para alguma atividade de trabalho com rendimento? (Produção ou comercialização de algo; cuidar de criança ou idoso, etc.)		
Gosto de morar nesta casa mais do que em outras casas da cidade.		Quantas famílias residem nesta casa do Miguel Marinho?		
Posso ser eu mesmo nesta casa.		Quantas pessoas residem nesta casa?		
Minha casa reflete quem eu sou.				
Minha casa é um bom lugar para fazer as coisas de que mais gosto.				

Minha família tem sentimentos iguais a mim sobre a casa.		Cite 3 coisas que o Sr(a) mais gosta aqui no Miguel Marinho: (Espontânea. Não ler para o entrevistado as opções de resposta.)	
A covid-19 mudou a rotina da sua casa.			
A divisão da casa é boa.			
A casa atende as minhas necessidades de moradia (abrigo, atividades diárias e lazer).		Cite 3 demandas em relação ao no Miguel Marinho: (Espontânea. Não ler para o entrevistado as opções de resposta.)	
Também trabalho aonde moro.			
A casa atende bem outras necessidades (trabalho, estudo, etc).		O Sr(a) percebe animais soltos aqui no Miguel Marinho?	
A casa é boa para minha família e/ou outras pessoas (além de mim).			
Gosto da temperatura e da ventilação da minha casa.		O Sr(a) e sua família se sentem seguros aqui no Miguel Marinho?	
Gosto da acústica da minha casa.			
Gosto da iluminação natural da minha casa.			
Sinto que tenho privacidade em minha casa.		Indique 3 tipos de violência mais comuns aqui no Miguel Marinho: (Se necessário ler as opções de resposta.)	
Fico muito tempo ausente da minha casa.			
Tenho vontade de reformar minha casa/apartamento.		Você se considera uma liderança para a vizinhança?	
Gosto da minha casa como ela é.			
Aponte um aspecto positivo da sua casa.		Indique as principais lideranças que o Sr(a) identifica aqui no Miguel Marinho (identificar a pessoa: nome, rua	
Aponte um aspecto negativo da sua casa.			

O que você acha que falta no conjunto e na sua casa/apartamento?		etc.)		
Meu conjunto residencial (e/ou rua) tem lugar para atividades de lazer e sociais (parquinho, salão de festas, etc).	Dependência ao lugar	Qual a forma de transporte MAIS utilizada pela família?	Dependência ao lugar	Sim
Tenho amizade com meus vizinhos.				
Tenho um bom relacionamento com outros moradores do conjunto e/ou rua.				
Acho meu bairro bonito.				
O meu bairro é agradável e bem cuidado.				
O meu bairro é bem localizado.				
O meu bairro é um bom local para fazer as coisas de que mais gosto.				
O meu bairro tem os serviços que preciso (comércio, supermercado, igrejas, etc).				
Uso os serviços públicos de saúde e educação, que tem no meu bairro.				
Pratico lazer (esporte, caminhada, corrida, bicicleta, etc.) no meu próprio bairro.				
As linhas de ônibus atendem as necessidades do bairro.				
O bairro é movimentado e/ou agitado durante a semana.				
O bairro é movimentado e/ou agitado nos finais de semana.				
Qual a localização do seu trabalho?		Quais serviços a família utiliza no cotidiano (no dia a dia)? Onde eles se localizam?		
Como você chega ao trabalho?	<p>Agora gostaríamos que o Sr(a) desse a sua opinião sobre alguns serviços/aspectos para este novo endereço (Miguel Marinho) e para o endereço da sua antiga casa.</p> <p>Quando você tem um problema aqui no Miguel Marinho, a quem você recorre?</p>			

Qual serviço você utiliza no bairro ou próximo de onde mora?		Você ou alguém que mora na sua casa participa de iniciativas para organização comunitária e/ou movimentos sociais como: Atividades regulares no Loteamento / Condomínio; Associação de bairro; Conselhos (saúde, educação, etc.); Movimentos ligados ao esporte, lazer e cultura Movimentos religiosos / Frequentemente a Igreja; Outro. Qual?	
Qual serviço você utiliza no centro ou longe de onde mora?			
Qual serviço você utiliza ônibus para ir?			
O bairro possui uma festa (religiosa, cultural, etc.) e/ou atividade que ocorre todos os anos e que marca a presença a comunidade.	Afetividade e apego ao lar	A família pretende continuar morando nesta casa do Miguel Marinho?	Afetividade e apego ao lar
Digo aos outros que moro neste bairro e tenho orgulho disso.			
Estou feliz com minha decisão de morar aqui neste bairro.			
Morar nesta casa me lembra o meu passado.			
Eu recebo visitas em minha casa.			
Tenho fotos, quadros, móveis, etc., na minha casa e que fazem parte da minha história.			
Posso ter animais de estimação em minha casa.			
		De maneira geral a família prefere esta casa ou a casa anterior?	Sim

Minha casa significa muito para mim.			
Se você fosse escolher uma moradia, seria: <input type="checkbox"/> Casa <input type="checkbox"/> Sobrado <input type="checkbox"/> Prédio de apartamentos <input type="checkbox"/> Outros			
Observações			
A entrevista foca em conhecer quem mora no Miguel Marinho, no empreendimento e na dependência que os moradores tem com o lugar e bairro			